



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

TECITURAS E BORDADURAS:
CONTEXTOS, NARRATIVAS E PRÁTICAS
DE BORDADO EM COOPERATIVAS

ISABELE MARIA GERALDO BARBOSA
GOIÂNIA 2024

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Leda Maria de Barros Guimarães



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

TECITURAS E BORDADURAS:
CONTEXTOS, NARRATIVAS E PRÁTICAS DE BORDADO
EM COOPERATIVAS

ISABELE MARIA GERALDO BARBOSA

Goiânia

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

ISABELE MARIA GERALDO BARBOSA

3. Título do trabalho

TECITURAS E BORDADURAS: CONTEXTOS, NARRATIVAS E PRÁTICAS DE BORDADO EM COOPERATIVAS

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Leda Maria De Barros Guimaraes, Professora do Magistério Superior**, em 03/05/2024, às 01:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Isabele Maria Geraldo Barbosa, Discente**, em 03/05/2024, às 11:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4543740** e o código CRC **6C9A6A2C**.

Referência: Processo nº 23070.013279/2024-49

SEI nº 4543740

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

TECITURAS E BORDADURAS:
CONTEXTOS, NARRATIVAS E PRÁTICAS DE BORDADO
EM COOPERATIVAS

ISABELE MARIA GERALDO BARBOSA

Trabalho final de mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Mestrado, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE EM ARTE E CULTURA VISUAL.

Área de Concentração: Artes, Cultura e Visualidades. **Linha de Pesquisa:** Educação, Arte e Cultura Visual. **Orientação:** Prof.^a Dr.^a Leda Maria de Barros Guimarães.

Goiânia

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Barbosa, Isabele Maria Geraldo
TECITURAS E BORDADURAS: CONTEXTOS, NARRATIVAS E
PRÁTICAS DE BORDADO EM COOPERATIVAS [manuscrito] /
Isabele Maria Geraldo Barbosa. - 2024.
CXV, 115 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Leda Maria de Barros Guimarães.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte
e Cultura Visual, Goiânia, 2024.

Bibliografia. Anexos.

Inclui lista de figuras, lista de tabelas.

1. Bordado artesanal. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Cooperativismo.
4. Design. 5. Experiências de vida. I. Guimarães, Leda Maria de
Barros , orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 08/2024 da sessão de Defesa de Dissertação de **Isabele Maria Geraldo Barbosa**, que confere o título de Mestra em Arte e Cultura Visual, na área de concentração em Artes, Cultura e Visualidades.

Aos vinte e oito dias do mês de março de dois mil e vinte e quatro, a partir das quatorze horas e trinta minutos, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “TECITURAS E BORDADURAS: CONTEXTOS, NARRATIVAS E PRÁTICAS DE BORDADO EM COOPERATIVAS”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Leda Maria de Barros Guimarães (PPGACV/FAV/UFG) com a participação das demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Eliane Maria Chaud (FAV/UFG), membro titular externo; Professora Doutora Alice Fátima Martins (PPGACV/FAV/UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. A Banca ressalta a qualidade da abordagem metodológica e dos resultados da pesquisa. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Leda Maria de Barros Guimarães, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e oito dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e quatro.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Sem sugestão



Documento assinado eletronicamente por **Leda Maria De Barros Guimaraes, Professora do Magistério Superior**, em 28/03/2024, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Maria Chaud, Professora do Magistério Superior**, em 28/03/2024, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alice Fatima Martins, Professora do Magistério Superior**, em 04/04/2024, às 15:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4445086** e o código CRC **D65DB4DC**.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

TECITURAS E BORDADURAS:
CONTEXTOS, NARRATIVAS E PRÁTICAS DE BORDADO
EM COOPERATIVAS

ISABELE MARIA GERALDO BARBOSA

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Leda Maria de Barros Guimarães (Orientadora)
Universidade Federal de Goiás

Prof.^a Dr.^a Alice Fátima Martins (Examinadora
Interna) Universidade Federal de Goiás

Prof.^a Dr.^a Eliane Maria Chaud (Examinadora
Externa) Universidade Federal de Goiás

Prof.^a Dr.^a Lilian Ucker Perotto (Suplente Interna)
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Alexandre José Guimarães (Suplente Externo)
Instituto Federal de Goiás

Goiânia, 26 de fevereiro de 2024.

Agradecimentos

À Prof.^a Dr.^a Leda Maria de Barros Guimarães, minha orientadora, que generosamente me acolheu e acompanhou meus passos. Sua sabedoria é inestimável e nada é tão valioso quanto compartilhar o conhecimento. Serei eternamente grata pela parceria, compreensão, gentileza e provocações que me impulsionam até a conclusão deste trabalho.

À minha família, que mesmo a muitos quilômetros de distância, sempre se manteve positiva e incentivadora. Obrigada minha mãe, Maria Aparecida, por ser esse exemplo de resiliência, força e fé! Apesar das provações, você se mantém firme e nos prova que é possível seguir em frente. Quero um dia ser uma fração do que você é! Obrigada minha irmã, Gabriele, pela presença ao lado de nossa mãe, seu apoio foi imprescindível e um alívio durante esse período atribulado.

À Catherina, minha dupla, minha parceira, minha conselheira, meu amparo nos momentos difíceis. Tenho convicção que sua presença ao meu lado foi meu fôlego ao longo dessa trajetória.

À Cooperativa Bordana, que me recebeu de braços abertos e me proporcionou uma das experiências mais ricas que já vivi. Agradeço a cada uma das cooperadas que contribuíram com esta pesquisa. Em especial, à Celma Grace, fundadora da Bordana e primeira pessoa com quem fiz contato. Sua disposição em contribuir foi fator determinante para o bom andamento deste trabalho.

Às professoras Alice Martins e Eliane Chaud pela participação na banca examinadora de qualificação. Suas observações foram valiosas e contribuíram grandemente para o resultado alcançado.

Por fim, agradeço aos demais professores, colegas e funcionários administrativos do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. Graças ao seu empenho, a pesquisa acadêmica se mantém viva.

“Os desenhos de Ana
inspiraram a obra.
Inspiraram uma
coleção. Elas não
bordam mais a Ana.
Bordam tudo que
transborda nelas.
Bordam Anas,
Marianas, fulanas e
todas as suas tramas.
As Roses, Nélias e
suas ideias. Bordam
tudo que como o
cerrado tem essa
capacidade de
renovação diária, de
morte e vida
permanente”.

Fabício Maurício de Oliveira

RESUMO

Esta pesquisa empenhou-se em compreender aspectos presentes no exercício do bordado em situação de cooperativa. Propôs-se investigar sobre o ensino-aprendizagem do bordado, trazendo olhares e relações entre a prática artesanal, sua propagação em situação de cooperativa e seu papel enquanto instrumento de transformação socioeconômica. Ao entender o bordado como uma prática artística e dispositivo organizador de formas, conteúdos, pensamentos e sentimentos, abriu-se caminho para se pensar na experiência de materialização de processos criativos das bordadeiras. Além disso, esta pesquisa examinou a forma como as experiências são compartilhadas e, graças ao exercício do bordado, como se dá o convívio na cooperativa Bordana, localizada em Goiânia – Goiás. Como procedimento metodológico recorreremos a entrevistas narrativas para o compartilhamento de experiências com essa prática artesanal, levando-se em consideração as razões que as levaram à busca do aprendizado do bordado. Foram investigados seus históricos de aprendizagem e de ensino revelando diferenças e peculiaridades dos processos. Como resultado foram observados os impactos sociais promovidos pela prática do bordado, a postura das cooperadas diante dos processos criativos e o Design enquanto mecanismo colaborador nesses processos. Dentre os autores dos trabalhos levantados e suas referências, destacam-se nomes como Mariana Diniz de Carvalho (2017), Jean-Yves Durand (2016) e Maureen Daly Goggin (2009). Autores como Raimundo Martins e Irene Tourinho (2013, 2017) tiveram papel significativo enquanto alicerce metodológico e abriram portas para novas referências. Considera-se que o presente estudo poderá colaborar para a formação de um olhar mais atento à significância das práticas artísticas em situação de cooperativa, especialmente à prática bordado artesanal enquanto meio de convívio em comunidade e elemento transformador de pessoas.

Palavras-chave: Bordado artesanal; Ensino-aprendizagem; Cooperativismo; Experiências de vida; Design; Cultura Visual.

ABSTRACT

This research aimed to understand aspects present in the practice of embroidery within a cooperative setting. The investigation focused on the teaching and learning of embroidery, exploring the connections between the craft's practice, its propagation within a cooperative context, and its role as an instrument for socio-economic transformation. By considering embroidery as an artistic practice and an organizing tool for forms, content, thoughts, and feelings, the study paved the way to contemplate the experience of materializing creative processes by embroiderers. Furthermore, the research examined how experiences are shared, and through the exercise of embroidery, it explored the dynamics of communal living in the Bordana cooperative located in Goiânia, Goiás. The methodological approach involved narrative interviews to share experiences with this craft, considering the reasons that led individuals to pursue learning embroidery. Their learning and teaching histories were investigated, revealing differences and peculiarities in the processes. As a result, the research observed the social impacts promoted by the practice of embroidery, the stance of cooperative members in creative processes, and the role of Design as a collaborative mechanism in these processes. Among the authors of the works surveyed and their references, names such as Mariana Diniz de Carvalho (2017), Jean-Yves Durand (2016), and Maureen Daly Goggin (2009) stand out. Authors like Raimundo Martins and Irene Tourinho (2013, 2017) played a significant role as methodological foundations and opened doors to new references. It is considered that this study may contribute to forming a more attentive view of the significance of artistic practices within cooperative situations, especially the practice of artisanal embroidery as a means of community coexistence and a transformative element for individuals.

Keywords: Handmade embroidery; Teaching-learning; Cooperativism; Life experiences; Design; Visual Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeiros exercícios.....	17
Figura 2: Ipê roxo bordado em aula sob a supervisão de Rosenelia, utilizando o nó francês e o ponto corrente em pano de algodão cru.....	20
Figura 3: Bastidor de mola de 9cm, utilizado para bordar o Ipê roxo (figura 2).....	21
Figura 4: Flores carimbadas em pano de algodão cru.	22
Figura 5: Processo de bordadura das flores descritas na figura 4, com o ponto cruzado.	23
Figura 6: Processo de bordadura de folha presente na figura 4, com ponto chato.	23
Figura 7: Bem-te-vi, realizado em ponto matiz, presente em almofada.	24
Figura 8: Flor em processo de bordadura com ponto matiz, sendo demonstrado pela professora Erina.	25
Figura 9: Tapeçaria de Bayeux. Representação bordada à mão da batalha de Hastings na Inglaterra	31
Figura 10: The Thornton Chasuble, 1510-1533.....	33
Figura 11: Estola bordada com ouro e vestida por George IV em sua coroação, 1821	34
Figura 12: Napoleão Bonaparte - 1825 (bordado).....	37
Figura 13: A bordadeira - Velázquez.....	39
Figura 14: Regiões onde o bordado vem sendo praticado no território brasileiro	45
Figura 15: Peça de bordado livre, comercializada na loja Colaborarte – Lobo guará	48
Figura 16: Peça de bordado livre, comercializada na loja Colaborarte - Saí-andorinha.....	49
Figura 17: Peça de bordado livre, comercializada na loja Colaborarte – Canela de Ema.....	49
Figura 18: Peças de bordado livre presentes na coleção “Coração Cerrado”.....	50
Figura 19: Maria de Fátima, Erina e Celma vestindo camisetas da Bordana	60
Figura 20: Galinhas bordadas pelas cooperadas quando alunas.....	62
Figura 21: Mural de avisos.....	70
Figura 22: Tabela de eventos	71
Figura 23: Jornada Bordana	73
Figura 24: Edital de Convocação	75
Figura 25: Slide em homenagem à Ana Carolina.....	76
Figura 26: Slide Paulo Freire	77
Figura 27: Diagrama do caminho a ser percorrido	78
Figura 28: Cooperada traçando desenho.....	83
Figura 29: Cláudia, Celma, Rosenelia, Leila, Ana Maria, Gleidy e Isabele	85
Figura 30: Loja Colaborarte	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relação de locais onde o bordado vem sendo praticado no território brasileiro ...	41
Tabela 2: Diferenças entre Cooperativa e Associação.....	46
Tabela 3: Transcrição da Tabela de Eventos.....	71
Tabela 4: Jornada Bordana.....	74
Tabela 5: Condutas	77
Tabela 6: Objetivos estratégicos.....	79
Tabela 7: Mapa estratégico.....	79
Tabela 8: Como ser um cooperado.....	80

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição dos trabalhos pesquisados por região/país	28
Gráfico 2: Contagem de áreas de pesquisa	29

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 O FIO DA MEADA.....	13
1.1 Tramação.....	26
1.2 Separando os fios	27
1.3 A origem da trama.....	30
1.4 O direito e o avesso de quem segura a agulha.....	32
1.5 Não há ponto sem nó - o bordado enquanto agente da submissão feminina nos séculos XIX e XX.....	38
1.6 Mais um ponto de referência.....	40
2 O ENREDAR DA TRAMA	47
2.1 Cooperativa Bordana	47
2.2 Diferentes panos de fundo	50
2.3 A-bordando caminhos metodológicos	52
3 TRANSBORDAMENTOS EM RODA	58
3.1 Novas bordas	58
3.2 O riscado da roda e seus bastidores.....	58
3.3 A primeira roda: a-bordagens e descobertas	59
4 LINHA QUE SEGUE.....	66
4.1 A cooperação	67
4.2 Jornada Bordana.....	69
4.3 O Design se entrelaça.....	82
4.4 Nova roda.....	84
4.5 Acolhimento	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS.....	105
Anexos	108

APRESENTAÇÃO

Para abrir a presente pesquisa, trago os primeiros passos de minha trajetória. À luz do conhecimento já produzido por autores relacionados à arte e cultura visual, compartilho a experiência de um olhar sobre a prática do bordado e sua disseminação promovida pelas bordadeiras da cooperativa Bordana, enquanto professoras e alunas. Refletirei acerca da maneira como elas receberam esse conhecimento, realizando, assim, um contraponto entre a transmissão do saber realizada pela Bordana e o promovido por um curso livre dos preceitos de uma cooperativa.

Dessa maneira, estruturei este trabalho sobre os seguintes pilares:

- Apresentação dos fatores que me despertaram para o ensino do bordado livre enquanto ferramenta para o compartilhamento de experiências;
- Explanação sobre o caminho percorrido pelo ensino, aprendizado e pela prática do bordado, bem como das funções por ele desempenhado na formação da identidade da mulher ao longo dos anos;
- Construção do cenário do bordado em cooperativas no Brasil, por meio da identificação das instituições espalhadas pela país;
- A-bordagem¹ da maneira que conduzirei a coleta de informações junto às bordadeiras da Bordana;
- Análises a partir do cruzamento das informações obtidas junto às bordadeiras da Bordana e dos conhecimentos expostos pelos diferentes autores em seus trabalhos por mim estudados.
- Considerações finais acerca das experiências observadas e vividas durante a investigação.

É relevante frisar que essa jornada deu início a partir da aprovação da proposta de pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade de Goiás, onde detalhei os critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa; estabeleci os riscos e benefícios oriundos da participação de cada bordadeira, discorri sobre os procedimentos adotados para a análise dos dados coletados, apresentei um roteiro inicial para promover a pesquisa narrativa e, finalmente, determinei o cronograma que estou

¹ Neologismo desenvolvido a partir das palavras relacionadas ao bordado e que estará presente ao longo deste material visando explorar os diferentes significados proporcionados pelo conceito de bordar.

seguindo para a produção e entrega do material final.

Assim, a presente pesquisa marca os passos dados em direção aos objetivos, também aprovados pelo Comitê de Ética, de investigar práticas e experiências de bordado em contexto de cooperativas, observando os processos de ensino-aprendizagem e suas relações com o modo de ver essa prática artesanal.

1 O FIO DA MEADA

Dou início a esta jornada compartilhando os fatos que me trouxeram até aqui. É surpreendente o quanto é possível imaginar, planejar e, no seguir do caminho, descobrir que nada é tão certo que não seja passível de surpresas. O que a princípio se tratava de uma proposta de pesquisa que contava com a oportunidade de realizar uma investigação em meu próprio círculo profissional, tornou-se uma constatação a princípio frustrante, porém, uma possibilidade de descoberta de uma nova trajetória.

A priori, meus planos de pesquisa se baseavam na proposta de investigar o ensino de bordado em uma instituição² paraestatal, observando os processos de ensino-aprendizagem e suas relações com o modo de ver essa prática artesanal.

Desde o ano de 2015 inserida no quadro de funcionários³ desta entidade, que disponibiliza cursos gratuitos especialmente voltados para o público do meio rural, me vi diante da oportunidade de unir o desejo de investigar os procedimentos de ensino praticados por ela com o acesso facilitado às fontes da pesquisa.

Ao refletir acerca dessa proposta inicial de investigação, me deparei com situações que me levaram a uma inflexão sobre como seria a interlocução entre mim e os participantes da pesquisa. Isso deu frente a diversos embaraços implicados em razão de se tratar de uma entidade extremamente burocratizada, hierarquizada e balizada por preceitos que poderiam inviabilizar o desenvolvimento que se pretendia adotar no decorrer do processo. A saber, contatos chegaram a ser feitos com instrutoras dos cursos de artesanato da instituição no intuito de dar início à investigação. No entanto, as informações compartilhadas davam indícios de que o bom andamento da pesquisa poderia ser cerceado diante das circunstâncias observadas.

Além de implicações que serão abordadas a seguir, um dos fatores determinantes para a tal reconsideração foi o fato de que as turmas que compõem os cursos são formadas conforme demanda, cujo interesse pode ser demonstrado com o auxílio do website da instituição, que informa o contato telefônico do agente mobilizador presente na região de domicílio do interessado, ou presencialmente, mediante visita ao sindicato rural mais próximo, que também informará maneiras de

² Dadas questões profissionais, julgo prudente preservar a identidade da instituição.

³ Sob a função de designer gráfica, desempenhando tarefas de promoção e divulgação das atividades desenvolvidas na instituição, lotada no departamento de comunicação, marketing e eventos.

se comunicar com o responsável pela mobilização e formação dos grupos. Ao todo são 127 sindicatos rurais que atuam nos 246 municípios do estado de Goiás. Uma vez que a turma é formada, as aulas são ministradas em parceria com estes sindicatos rurais ou outra entidade que se disponha a ceder seu espaço.

Sendo assim, devido à instauração do curso se condicionar à formação de turmas sob demanda e, além disso, ainda haver a possibilidade de a turma ser oriunda de uma localidade distante da capital - onde esta pesquisadora reside e trabalha, das 8h às 18h, de segunda a sexta-feira -, fez-se necessário reavaliar o desenvolvimento do trabalho.

Conforme já mencionado, mesmo anteriormente a esta constatação, nos primeiros meses de 2022, contatos informais via mensagens instantâneas do aplicativo WhatsApp já haviam sido feitos com instrutoras dos cursos de artesanato da instituição, nos quais detalhes compartilhados já levantavam suspeitas de que a insistência neste caminho seria provavelmente improfícua. Dentre outros, tratava-se de cancelamentos de turmas, reagendamentos e o fato de, conforme previsto, as demandas por turma estarem ocorrendo frequentemente em municípios longínquos.

Somado a isso, outra implicação era a forte influência política nas atividades desenvolvidas pela entidade. De fato, não era possível dizer que tal influência ditava o andamento dos cursos, nem mesmo os cursos de artesanato - incluso o curso de bordado, foco da pesquisa -, porém, era cada vez mais claro o emprego de maior atenção aos cursos relacionados ao agronegócio e atividades que produzissem maior visibilidade e engajamento político. Desta forma, era como se os cursos ligados a atividades relacionadas ao artesanato e, em especial, ao dito "universo feminino" fossem subjugados a uma classe inferior, carentes de acompanhamento e dados. Foi desencorajador constatar que, por mais que houvesse um esforço em viabilizar a pesquisa, elementos cruciais estariam fora de alcance.

Felizmente, a partir do momento em que passei a frequentar as disciplinas exigidas pelo curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV) da Universidade Federal de Goiás (UFG) - especialmente a disciplina "Arte, Educação e Ecologias", que se deu no segundo semestre de 2022 - novos horizontes se abriram. A cada aula uma nova descoberta de caminhos que poderiam ser percorridos durante a pesquisa. E neste percurso, tive o privilégio de

assistir a uma aula na qual a professora Dra. Carmen Lúcia Capra⁴ era a convidada especial.

Sua fala abriu a discussão sobre o que eu ainda não havia pensado sobre educação e artes visuais, especialmente por se mostrar tão diversa às minhas atividades habituais enquanto designer gráfica. Ela trouxe o relato de sua iniciativa de promover encontros para a prática de bordado livre nos arredores da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Segundo ela, a proposta é de promover encontros semanais de bordado coletivo, convívio, conversa e escuta, oportunizando, assim, a convivência dos participantes por meio do fazer artístico, além de reconhecer a arte como origem de conhecimento. Através da leitura de sua produção acadêmica é possível descortinar passagens que abordam a relevância dessa forma de relacionamento “É como levar aquelas pessoas a um encontro que se dá há muito tempo, no qual há vozes e ideias em constante conversação, do qual tomarão parte escutando, considerando e (o) indagando para fundar o seu pertencimento” (Capra, 2023, p. 82).

Dada sua potência educativa e formativa, tal proposta suscitou meu interesse em investigar práticas semelhantes as quais potencialmente podem gerar questões de pesquisa sobre dimensões educativas em arte e design, nascidas das experiências compartilhadas nas relações de troca e aprendizagem na cooperativa Bordana, na cidade de Goiânia.

A partir de tais apurações e tendo em mente as descobertas realizadas no decorrer de todas as disciplinas do PPGACV, em especial o relato exposto durante a participação especial da professora Dra. Carmen Lúcia Capra em aula, um novo veio a ser navegado passava a se abrir na trajetória de minha pesquisa.

Por meio das redes sociais, conheci a cooperativa Bordana, que dispõe de um perfil ricamente informativo na plataforma Instagram - [@bordana](#). Foi a partir das informações contidas ali que me vi encorajada a entrar em contato com a fundadora da instituição, Celma Grace, mediante mensagens instantâneas do aplicativo WhatsApp, no dia 30 de setembro de 2022.

A princípio me apresentei como estudante de pós-graduação da Universidade

⁴ Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) na Graduação em Artes Visuais - licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado Profissional (PPGED-MP). Pesquisa formação docente, escola e ensino em artes visuais, políticas da arte e da imagem e práticas artísticas e educativas insurgentes, limítrofes ou contra-hegemônicas.

Federal de Goiás e demonstrei interesse em conhecer a cooperativa, assim como a intenção de cursar as aulas de bordado, cujo anúncio também constava nas redes sociais.

Seu retorno aconteceu no dia 3 de outubro de 2022, com palavras atenciosas e um convite para visitar a sede da cooperativa, inclusive para participar de uma reunião que aconteceria no dia seguinte. Agradei imensamente e expliquei que infelizmente não poderia comparecer, visto que se tratava de um período em que eu estaria trabalhando e por esse motivo só teria disponibilidade aos sábados.

Argumentei que, caso fosse possível o encontro dentro das minhas limitações de data e horário, me colocaria à disposição para encontrá-la onde quer que fosse para que pudéssemos conversar. Ainda durante essas primeiras trocas de mensagens, mencionei também meu interesse no curso de bordado livre que a cooperativa oferece, e informei que se fosse possível agendar aulas aos sábados me inscreveria para participar.

Isto posto, combinamos então que minhas aulas seriam iniciadas no sábado seguinte, às 14h, com uma senhora bordadeira chamada Erina, na sede da cooperativa. Além disso, combinamos também que, logo após o horário de término desta primeira aula, poderíamos nos conhecer pessoalmente e conversar.

Ainda sobre o curso, trata-se de uma proposta que contempla cinco aulas com duração de uma hora e meia cada, nas quais são fornecidos agulha, linha e tecido para a prática. O custo é de R\$ 225,00 e o horário pode ser acordado entre aluno e professor. Segundo o material de divulgação ao qual tive acesso por meio das redes sociais, o curso se propõe a ensinar uma atividade para geração de renda, podendo ser também um hobby ou distração para momentos de estresse.

Chegado o dia da primeira aula, me dirigi até o endereço da sede da cooperativa e conheci a Sra. Erina, responsável por minhas aulas. Me apresentei e expus que, além do interesse em aprender o bordado livre, gostaria de incluir a cooperativa Bordana em meus estudos de mestrado, sendo que naquele exato momento ainda se tratava apenas de um contato informal e uma consulta sobre o interesse das bordadeiras em participar do projeto de pesquisa. Felizmente a Sra. Erina se mostrou receptiva e colocou-se à disposição para colaborar.

O próximo passo foi dar início às lições de bordado. De praxe, é disponibilizado o tecido - pedaços de algodão cru, de aproximadamente 15 x 20 cm cada -, agulha e diversas opções de meadas e novelos para escolha de cores. O ensino é feito por

meio de demonstração, ou seja, quem está ensinando performa os movimentos correspondentes a cada ponto de bordado para que estes sejam observados e replicados por quem está aprendendo.

Antes de mais nada, foram riscadas linhas retas no tecido para que os primeiros pontos fossem demonstrados ali pela Sra. Erina e posteriormente reiniciados por mim, de forma repetida até que me sentisse apta a reproduzi-los sem auxílio.

Figura 1: Primeiros exercícios



Fonte: da autora, 2022.

Na Figura 1 pode-se ver a quantidade de linhas traçadas no algodão para que eu treinasse os pontos haste, ladeado, ponto atrás e corrente, demonstrados pela professora Erina. Surpreendeu-me o fato de as duas horas de aula não terem sido suficientes para que eu conseguisse preencher as, aparentemente, poucas linhas.

Durante a atividade conversamos e trocamos informações sobre nossas rotinas e histórias de vida, de forma descontraída e espontânea. A certa altura da conversa, soube que Erina reside ao lado da cooperativa, fator que facilita sua presença no

espaço de trabalho, apesar de ela também habitualmente bordar em casa. Conversamos ainda sobre o volume de trabalho desempenhado pelas bordadeiras, especialmente o dela, que além de bordar, ainda executa a função de supervisionar a qualidade das peças produzidas pelas companheiras.

No decorrer da conversa era perceptível sua preocupação com o prazo de entrega de uma encomenda feita por um cliente que havia solicitado uma série de quadros com telas bordadas cujo tema era a fauna do Cerrado. Durante alguns momentos em que eu executava os exercícios, Erina aproveitava para adiantar seu trabalho, bordando a figura de uma raposa do Cerrado.

Chegado o momento da segunda aula - exatamente uma semana após a primeira, e no mesmo horário - encontrei-me novamente com a Sra. Erina na sede da cooperativa para darmos prosseguimento aos exercícios. Eu havia levado para casa o tecido utilizado nos exercícios da primeira aula e dei continuidade aos pontos a fim de reavivar a memória durante o intervalo de tempo e verificar se realmente havia aprendido o processo. Ao perceber que surgiram dificuldades, assim que demos início à segunda aula, pedi que revisitássemos alguns pontos, dessa forma ela poderia esclarecer as dúvidas e ter a certeza de que eu teria condições de reproduzi-los sozinha posteriormente.

A partir desse momento, com autorização de Erina, passei a filmar suas mãos ao executar os pontos, assim poderia assistir aos trechos sempre que surgisse alguma dificuldade em realizá-los. Desta forma, continuamos com os exercícios e novos pontos foram apresentados seguindo sempre a mesma didática da primeira aula. A propósito, enquanto estávamos em aula, uma senhora bordadeira se aproximou pedindo auxílio na escolha da cor do fio a ser utilizado no preenchimento da figura de uma capivara que ela estava bordando. Essa senhora apresentou duas opções de cor à Erina, que indicou uma delas como sendo a mais adequada e ainda justificou dizendo que esta era a cor utilizada nos demais trabalhos onde este animal era aplicado.

Valendo-me da oportunidade, questionei-a sobre como era feita a avaliação das peças, visto que a supervisão de qualidade era uma de suas atribuições enquanto diretora de produção. Ela explicou que algumas das principais características observadas são a quantidade de fios utilizados de uma só vez na agulha - quanto menos fios, mais delicadeza nos detalhes, porém, leva-se mais tempo para preencher os espaços - e a atenção com as bordas - visto que pontos muito apertados tendem

a exercer muita tensão no tecido e enrugar as áreas em volta que não foram bordadas -, além da uniformização dos pontos - em alguns casos as bordadeiras dão início ao trabalho bordando o ponto de uma maneira e terminam de outro.

Seguindo adiante, para a terceira aula, fui surpreendida com a notícia de que naquela ocasião, por motivos médicos, a Sra. Erina seria substituída pela Sra. Rosenelia que, além de bordadeira, também, à época, era diretora comercial da cooperativa. A diferença na forma de ensinar ficou evidente logo nos primeiros minutos. Rosenelia mostrou-se naturalmente dedicada a esclarecer as dúvidas, a explicar a função dos pontos e suas aplicações e, além disso, fez questão de anotar os nomes de cada ponto praticado nos pedaços de tecido utilizados até então. Tudo isso sem a necessidade de questioná-la para tal. Outra postura que me chamou a atenção quanto à diferença na maneira de ensinar foi o fato de que sempre que eu apontava um erro, ela me corrigia ressaltando que o bordado é livre, portanto, não existem erros na maneira de realizá-los. Fato que me encorajou a continuar explorando a técnica.

Aqui, abro um parêntese para trazer as informações que busquei posteriormente ao curso sobre as características do bordado livre que o diferenciam das demais técnicas de bordado como o ponto cruz, o vagonite, o ponto russo e outras.

Ao contrário das técnicas acima, o bordado livre é caracterizado pelas diferentes possibilidades de tecidos, linhas e pontos disponíveis para o artesão. Essa variedade de materiais e pontos proporciona liberdade total ao artesão que pode, inclusive, variar os tamanhos e a tensão de cada ponto. Assim, a cada escolha executada, o artesão acaba por imprimir ponto a ponto sua própria identidade na peça, entregando como resultado uma obra única.

Dessa forma, acredito que essa característica que, em um primeiro momento se apresentou apenas como uma facilidade para quem está iniciando no aprendizado do bordado, acaba por enriquecer cada peça com o olhar único do bordador.

Além de tudo isso, a variedade dos materiais que podem ser utilizados para a prática do bordado livre também torna essa técnica acessível a um maior número de pessoas. Embora o ponto cruz possa ser aplicado sobre o linho ou algodão, o etamine é o tecido mais utilizado, pois sua trama é composta de 4 (quatro) blocos de fios por centímetro, muito bem definidos, o que facilita a contagem dos pontos e por isso adapta-se bem ao ponto cruz. Já para bordar o ponto russo, o artesão necessita de

uma agulha específica para essa técnica. Enquanto no bordado livre tanto o tecido, o algodão cru, quanto a agulha são encontrados com facilidade em lojas de armarinhos, por valores mais acessíveis.

Dando prosseguimento à aula de Rosenelia, fui apresentada a uma peça de suporte ao bordado chamada bastidor e a novos pontos que, na sequência, começariam a ser aplicados a um desenho. Sendo assim, logo após terminar o primeiro exercício que, mais uma vez, consistia em aplicar os pontos em linha reta, Rosenelia trouxe um novo pedaço de tecido. Diferentemente dos anteriores, desta vez o pano trazia um desenho previamente aplicado, por meio de carimbo. Tratava-se da representação de uma árvore típica do bioma Cerrado, o Ipê.

Sendo assim, Rosenelia deu início ao bordado (Figura 2) para que logo em seguida eu desse continuidade.

Figura 2: Ipê roxo bordado em aula sob a supervisão de Rosenelia, utilizando o nó francês e o ponto corrente em pano de algodão cru.



Fonte: da autora, 2022.

Para continuar o preenchimento dessa figura iniciada por Rosenelia, era preciso aplicar a técnica de dois pontos: o corrente e o nó francês. Devido à delicadeza e a justaposição do nó francês, enfrentei certa dificuldade para lidar com o pano, fazendo com que este permanecesse estirado. Sempre muito atenciosa, a professora

ainda sugeriu que eu experimentasse bordar com o uso do bastidor (Figura 3) e fez uma demonstração.

Figura 3: Bastidor de mola de 9cm, utilizado para bordar o Ipê roxo (figura 2).



Fonte: da autora, 2022.

Já com o auxílio do bastidor, foi possível perceber um ganho expressivo na habilidade com a linha e a agulha para a feitura do ponto.

Dada a maneira como Rosenelia ensinava, sua forma de falar e sua atenção aos detalhes, decidi questioná-la quanto à sua formação escolar/acadêmica, suspeitando que ela informaria ter cursado algo na área de educação/humanidades. Porém, surpreendentemente, sua resposta trouxe algo diferente: sua formação vinha da área de exatas. Além de surpresa, senti-me grata pela oportunidade da experiência que tive com ela e também aproveitei a ocasião para mencionar minha pesquisa e pedir sua colaboração.

Para a quarta e penúltima aula, voltei a me encontrar com Erina, que me questionou o que mais eu gostaria de aprender. Mostrei interesse em alguns pontos

que havia visto nos trabalhos da Bordana e selecionamos alguns para bordarmos diferentes tipos de flores. Mais uma vez, foi disponibilizado um pedaço de tecido que continha desenhos prontos de três flores diferentes, aplicados por meio de carimbo (Figura 4).

Figura 4: Flores carimbadas em pano de algodão cru.



Fonte: da autora, 2022.

Por sugestão da própria professora, exercitei também um ponto indicado para o preenchimento de folhas, assim poderia adornar mais ricamente as flores que já havia bordado (figuras 5 e 6). Porém, um fato me chamou muito a atenção: Erina solicitou que eu mesma desenhasse uma folha no tecido, visto que ela não saberia desenhá-la. Tentei argumentar dizendo que se tratava de um desenho simples, que poderia ser feito de forma totalmente descompromissada, mas mais uma vez ela alegou não ter condições de executar o desenho. Portanto, para evitar um eventual constrangimento caso continuasse insistindo, concordei e com o uso de um lápis apliquei a forma ao tecido para que, posteriormente, a professora demonstrasse como seria feito o bordado.

Figura 5: Processo de bordadura das flores descritas na figura 4, com o ponto cruzado.



Fonte: da autora, 2022.

Figura 6: Processo de bordadura de folha presente na figura 4, com ponto chato.



Fonte: da autora, 2022.

Por fim, já na quinta aula, escolhi o ponto matiz como última lição, visto que havia percebido que este era o ponto utilizado no preenchimento dos animais que mais haviam me chamado a atenção nos trabalhos da Bordana (figuras 7 e 8), além de ser muito versátil e aplicável a outras formas também.

Figura 7: Bem-te-vi, realizado em ponto matiz, presente em almofada.



Fonte: [Publicação - Instagram](#)

Figura 8: Flor em processo de bordadura com ponto matiz, sendo demonstrado pela professora Erina.



Fonte: da autora, 2022.

É fato que esta experiência prévia colaborou substancialmente para o desenho da presente pesquisa. A partir desta vivência, objetivos ganharam definição e critérios que passaram a delinear mais precisamente os passos a serem seguidos.

Isto posto, passo a expor os objetivos definidos para a investigação. Em relação aos objetivos gerais: a) investigar práticas e experiências de bordado em contexto de cooperativas, observando os processos de ensino-aprendizagem e suas relações com o modo de ver essa prática artesanal; b) observar visualidades presentes nas peças produzidas pelos artesãos, correlacionando suas histórias, intenções e modos de fazer.

No que tange aos objetivos específicos, foram eleitas as seguintes abordagens:

- Identificar os processos de exercício e ensino-aprendizagem do bordado, observando seus legados na contemporaneidade;
- Realizar um levantamento etnográfico por meio de mapeamento de instituições que praticam o bordado – cooperativas e associações – em regiões brasileiras onde a prática pode ser encontrada;
- Levantar dados históricos trazendo o caminho percorrido pelo bordado, bem como as funções por ele desempenhadas na formação da identidade da mulher ao longo dos anos;

- Realizar visitas presenciais à Cooperativa Bordana – situada na cidade de Goiânia, Goiás – a fim de relacionar narrativas, experiências e significados por meio de testemunhos colhidos *in loco*;
 - Provocar nos investigados – especialmente em quem já foi aprendiz e hoje ensina a prática do bordado - o resgate de experiências que possam contribuir para o entendimento de sua relação formativa;
 - Problematizar os significados atribuídos às imagens retratadas nas peças bordadas como estratégia de compreensão dos contextos envolvidos;
 - Investigar como o ensino do bordado revela práticas pedagógicas;
 - Como se dá a questão de gênero e de autonomia criativa dentro da divisão de afazeres na cooperativa.

Além dos fatos e informações expostos até este ponto, é válido compartilhar que, enquanto designer gráfica, me coloco no papel de mulher ligada à arte e afirmo meu interesse pessoal e profissional pelas questões relacionadas até aqui. Creio que refletir sobre a relação educação, trabalho, autonomia criativa, experiência coletiva e as transformações nas trajetórias de vida das participantes desta pesquisa se mostrará como uma oportunidade de expandir percepções, repletas de atravessamentos e novos pontos de vista.

1.1 Tramação

A busca pelo conhecimento, assim como o bordado, não acontece de maneira linear. Para o melhor entendimento e absorção do conhecimento já gerado por tantos estudiosos da arte, da cultura e da educação, reuni as informações sobre o bordado e a transmissão de sua técnica e categorizei de acordo com as matizes que reconheço essenciais para conseguir dar cor e forma aos meus objetivos com esse estudo.

Neste capítulo, serão abordados os fatores que colaboraram para a construção do estereótipo da bordadeira como uma mulher de idade mais avançada e que se utiliza do bordado como passatempo ou uma forma de demonstrar sua feminilidade e comprometimento com o lar; bem como a transmissão do conhecimento dessa técnica

Assim, o subcapítulo "Separando os fios" elenca as principais fontes de informação sobre o tema bordado disponibilizadas na internet. Com essa coletânea,

foi possível vislumbrar o panorama das áreas da educação

Em “A origem da trama” trago o caminho percorrido pelo bordado ao longo da história até se posicionar como uma opção de fonte de renda para homens e mulheres que se reúnem em cooperativas e associações. Aqui, é interessante notar como o bordado atraiu a atenção e o interesse de diferentes povos que não só incorporaram a técnica, mas a adaptaram para que pudessem, com ela, disseminar sua cultura pelo mundo.

O subcapítulo “O direito e o avesso de quem segura a agulha” traz ponto a ponto o processo que transformou o bordado de arte e ofício reconhecidos e prestigiosos para uma ocupação restrita ao ambiente doméstico. Neste momento, se descortina a ambição masculina e sua disposição em manter-se sempre em uma posição de poder perante as mulheres e como isso se reflete também na produção do artesanato, e no caso do meu estudo, o bordado.

O penúltimo subcapítulo retrata a construção e a consolidação de um mecanismo de opressão da mulher e como ela começa por meio da feminilidade por meio pelo bordado. Uma vez estabelecida essa relação, busco esclarecer como a transmissão e a prática dessa modalidade de artesanato atuaram como ferramenta para impedir qualquer forma de ascensão social e econômica da mulher.

No subcapítulo “Mais um ponto de referência” exploro o bordado sob o ponto de vista da economia criativa, por isso trago o panorama das organizações sócio-culturais que têm no bordado o seu ponto de convergência. Nesse momento, já ciente da presença do bordado em todos os cantos do mundo e do Brasil, é curioso notar como a organização em torno dele se mantém restrita às regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste.

1.2 Separando os fios

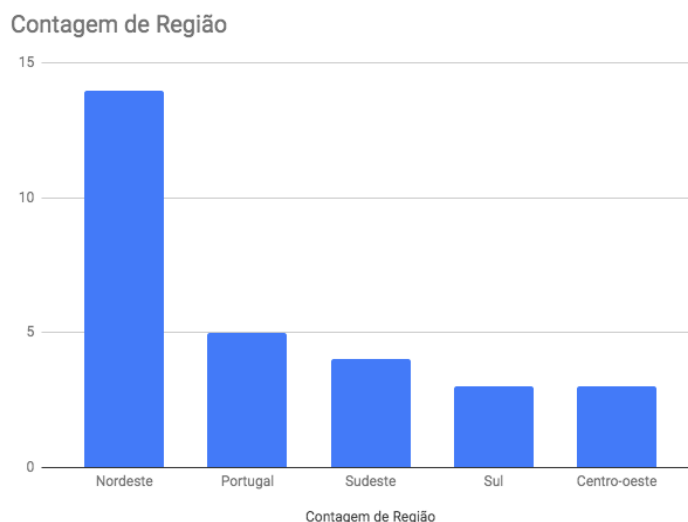
A partir da consolidação dos objetivos da pesquisa, dei início ao levantamento de investigações semelhantes no intuito de relacionar dados e trazer informações relevantes ao estudo proposto.

Tendo como palavras-chave os termos "bordado" e “educação”, foram selecionados 29 trabalhos entre dissertações de mestrado (18), trabalhos de conclusão de curso de graduação (2), teses de doutorado (3), artigos (5) e capítulo de livro (1). As fontes de pesquisa foram a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e

Dissertações (BDTD)⁵ e o Google Acadêmico⁶.

Destes, 14 pertenciam à região nordeste do Brasil, quatro à região sudeste, três à região sul, três à região centro-oeste e cinco a Portugal, conforme gráfico a seguir:

Gráfico 1: Distribuição dos trabalhos pesquisados por região/país



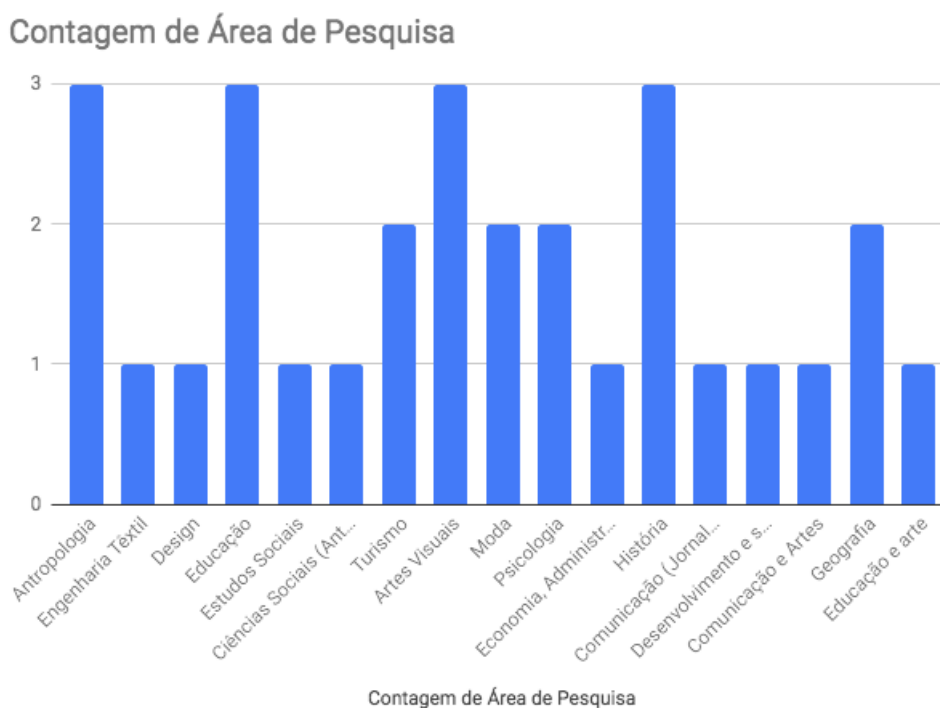
Fonte: da autora, 2023.

Além destes números, também foi observado que as áreas de pesquisa se mostravam profusas, sendo: 3 da Antropologia, 1 da Engenharia Têxtil, 1 do Design, 3 da Educação, 1 dos Estudos Sociais, 1 das Ciências Sociais, 2 do Turismo, 3 das Artes Visuais, 2 da Moda, 2 da Psicologia, 1 da Economia/Administração/Contabilidade, 3 da História, 1 da Comunicação (Jornalismo), 1 do Desenvolvimento e Sociedade, 1 da Comunicação e Artes, 2 da Geografia e 1 da Educação e Arte, conforme gráfico a seguir:

⁵ Disponível em: <https://bdttd.ibict.br/vufind/>

⁶ Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>

Gráfico 2: Contagem de áreas de pesquisa



Fonte: da autora, 2023.

Na medida em que tais dados ainda se mostravam superficiais, foi elaborado um fichamento⁷ de cada um dos trabalhos selecionados no intuito de descortinar intersecções e compreender se, apesar da diversidade de áreas de estudo, havia reincidência de interesses que viessem de encontro com os da presente pesquisa. Das 29 amostras observou-se que em nove delas o cooperativismo ganhou menção, sendo seis dissertações, uma tese e dois artigos. Interessante notar que, ainda assim, as áreas de pesquisa se mantinham diversas. Elas se dividiam em: Geografia, História, Psicologia, Turismo, Antropologia e Educação.

Não obstante, foi possível observar que, apesar da diversidade nas linhas de pesquisa, alguns pontos de interesse convergiam, dentre eles: as menções à experiência coletiva, relações sociais, valores econômicos, à economia solidária, economia criativa, valores afetivos e o artesanato como instrumento de criatividade.

Voltando às 29 amostras iniciais, quando observadas as menções ao termo “artesanato” o resultado se mostrou maior. Foram 11 trabalhos divididos em dez áreas de pesquisa. A única área a se repetir foi Turismo.

⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3q9pgtM>

1.3 A origem da trama

Com a leitura dos trabalhos selecionados, pude avistar o caminho percorrido pela prática e ensino do bordado até se tornar motivo de criação de cooperativas por todo o Brasil. Embora não saibamos a exata origem do bordado, sabemos que ele era utilizado para evidenciar o poder e o status de quem o utilizava, independente da cultura a qual ele estivesse inserido.

É sabido que o bordado se disseminou pelo mundo, assumindo estilos e características únicas em cada região. Neste ponto, aproveito para esclarecer que os dados a seguir referem-se ao que foi possível ser levantado durante a presente investigação. Trata-se de uma perspectiva que não abrange a presença do bordado em todas as regiões do globo, mas que, revela recortes relevantes sobre a origem da prática e o significado social de suas produções.

Os egípcios por exemplo, utilizavam-se de fios de ouro e prata para adornar as vestes de seus faraós – como indica o bordado mais antigo já registrado, encontrado na tumba do faraó Tutancâmon. Já os chineses desenvolveram uma variedade de pontos e padrões que, aos poucos, devido à integração cultural promovida pela “rota da seda”, se misturou às artes persa e árabe, adotando motivos florais e padrões geométricos como características.

Na Europa medieval, o bordado era uma habilidade valorizada e os mosteiros eram centros de produção e ensino dessa arte que criava peças suntuosas para a nobreza, se utilizando de fios de seda, pérolas e pedras preciosas para bordar tecidos preciosos. Na França, além de decorar a borda das roupas (o que lhe rendeu o nome de bordado), o bordado expandiu seu horizonte de função, passando não apenas a adornar, mas se posicionando também como arte que eterniza e celebra conquistas e momentos históricos, como foi o caso da Tapeçaria de Bayeux, que representa a Batalha de Hastings (Figura 9).

Figura 9: Tapeçaria de Bayeux. Representação bordada à mão da batalha de Hastings na Inglaterra



Fonte: The art newspaper⁸.

Durante o Renascimento, o bordado se tornou uma forma de arte refinada, com padrões complexos e elaborados que retratavam cenas históricas e mitológicas. Nesse período, a transmissão da técnica era passada, primordialmente às filhas da nobreza que eram educadas por meio da igreja católica, em conventos europeus (Silva, 2006).

De acordo com Pereira e Trinchão (2021), a trajetória dessa prática no Brasil carece de extenso registro histórico, com escassa pesquisa dedicada à sua evolução. No entanto, ao rastreamos as influências das diversas etnias que contribuíram para a formação do país, é possível apontar uma herança dos imigrantes europeus que se entrelaça aos métodos artesanais preexistentes dos povos originários.

No Século XIX, com a Revolução Industrial, o bordado passou por mudanças significativas. Máquinas de costura foram desenvolvidas, acelerando o processo de produção e tornando o bordado mais acessível para as massas. Paradoxalmente, a velocidade de produção alcançada com as máquinas de bordado foi determinante para a valorização da técnica manual, capaz de entregar peças de beleza e delicadeza

⁸ Disponível em: <https://www.theartnewspaper.com/2018/02/28/how-britain-triedand-failedto-borrow-the-bayeux-tapestry-twice-before> Acesso em: 11 jul. 2023.

únicas, em um acabamento impecável e que só pode ser produzido pela mão humana.

[...] A industrialização acelerada gerou um movimento de reação que pretendia retomar o valor do fazer manual, a marca do artesão e a qualidade de acabamento em contrapartida ao excesso de produtos industrializados que invadiu o mercado europeu da época (Santos, 2018, p. 11).

Assim, o trabalho manual delicado e intrincado permaneceu sendo valorizado e apreciado, porém foi relegado ao ambiente doméstico. A partir de então, a prática do bordado se tornou um indicativo de que a mulher que o exercia estava preparada, senão pronta, para ser uma boa esposa e mãe. No Brasil essa imagem foi fortemente consolidada e permaneceu vigente até a década de 80 (Corrêa, 2007).

Com o passar do tempo, o bordado deixou de ser apenas uma forma de adorno e se tornou uma atividade econômica importante para muitas comunidades ao redor do mundo. Especialmente em áreas rurais e em países em desenvolvimento, o bordado passou a ser uma fonte de renda para mulheres e suas famílias - chegando a se tornar o seu sustento no período de entressafra.

Cooperativas e associações de artesãos surgiram, fornecendo treinamento, apoio e uma plataforma para comercializar os produtos bordados. Essas cooperativas promovem o uso de técnicas tradicionais de bordado, preservando a cultura e o conhecimento transmitidos ao longo de gerações.

Ressalto que os aspectos econômicos puderam ser notados como característica abordada. De fato, o que se percebe é que há uma preocupação em evidenciar a transformação econômico-social de mulheres que de alguma forma aderiram a práticas artesanais como instrumento emancipatório graças à experiência em cooperativa. Ao mesmo tempo, pouco se fala sobre a evolução na transmissão da técnica de bordar, bem como no seu reflexo na formação da identidade cidadã das artesãs.

1.4 O direito e o avesso de quem segura a agulha

Assim como o bordado apresenta o lado direito e o avesso, o estudo dessa arte também se mostra interessante por outras perspectivas que atuam em sinergia na construção do universo de significados que a sua prática representa atualmente.

Se num primeiro momento, atribuímos o bordado à prática feminina, tem-se registro de que nem sempre foi assim.

Em Lisboa, o primeiro registro de regulação da produção de bordados a que sem tem conhecimento, menciona profissionais do sexo masculino apenas. E, de acordo com a dissertação produzida por Silva (2006), tratava-se de uma profissão com uma carreira rígida e estruturada, onde o aprendiz passava por um rigoroso exame de ofício para se tornar mestre, pois respondiam a encomendas da nobreza e do clero, cujo senso estético era bastante exigente, e se utilizavam de matérias-primas de alto valor econômico, como ouro, prata e pedras preciosas (figuras 10 e 11).

Figura 10: The Thornton Chasuble, 1510-1533



Fonte: V&A South Kensington⁹.

Peças como essa representada pela Figura 10, produzida para o Abade de Jervaulx, Robert Thornton, geralmente são feitas de materiais luxuosos (seda) e

⁹ Disponível em: <https://www.vam.ac.uk/exhibitions/opus-anglicanum-masterpieces-of-english-medieval-embroidery>

adornada com bandas ornamentadas, bordadas com imagens de significado simbólico para o cristianismo. A bordagem data do início do século XVI, enquanto o estilo da vestimenta é posterior a 1600. O veludo provavelmente foi produzido na Itália ou na Espanha, que eram os principais centros de tecelagem de veludo na Europa na época, e proporcionava um excelente suporte para uma rica bordagem.

Figura 11: Estola bordada com ouro e vestida por George IV em sua coroação, 1821



Fonte: Royal Collection Trust¹⁰

Já essa vestimenta, tradicionalmente associada às vestes sacerdotais (Figura

¹⁰ Disponível em: <https://www.rct.uk/collection/search#/14/collection/62953/george-ivs-coronation-stole>
Acesso em: 5 jul. 2023.

11), serve como um lembrete da natureza divina do reinado. Para representar tamanha importância, a estola confeccionada para a coroação de George IV é ricamente bordada com fios de ouro e lantejoulas, com coroas, as flores nacionais da Inglaterra, Escócia e Irlanda, e ramos de folhas de carvalho e louro, com franja de ouro pesado.

Mais tarde, a *Encyclopédie de Diderot et D'Alembert*, publicada na segunda metade do século XVIII, apontava a existência, apenas, da palavra *brodeur* (bordador – no masculino) (Durand, 2006, p. 4). Aqui, mais uma vez, percebe-se a ideia de que o bordado só era feito com qualidade profissional quando produzido por um homem, proporcionando uma diferenciação na função que tal bordado exercia.

Enquanto o bordado era praticado pelos homens como modo de sustento e reconhecimento, às mulheres a técnica do bordado era repassada como forma de disciplinar o corpo e a mente a uma posição de submissão constante, voltando sua atenção para servir a família, sendo responsável por manter a harmonia e a beleza do lar.

É importante ressaltar que, além do valor econômico dos bordados produzidos por homens, a importância e o significado dessas peças acarretavam prestígio e reconhecimento também ao seu bordador.

[...] o bordar visível, público, espectacular, ostentatório, caro (não só em termos de mão de obra, mas também em razão do uso de materiais raros como os fios de ouro ou de seda), noutras palavras simbólica e economicamente muito valorizado, era produzido por homens e destinava-se à decoração das vestes das elites sociais e religiosas ou de acessórios têxteis usados em cerimónias políticas ou litúrgicas (Durand, 2006, p. 4).

Enquanto à produção masculina era associado um alto valor econômico e suas peças demonstravam o poder e o prestígio de seus usuários, às mulheres cabiam produzir peças que ficariam restritas ao ambiente doméstico, representando apenas adornos para o lar ou demonstrações de cuidado e dedicação ao marido e aos filhos (como as iniciais nos lenços ou na roupa de cama).

O bordado é visto como um caso exemplar: arte feminina por excelência, é adequado a esse sexo por sua graça, encanto, domesticidade e, poderíamos dizer, “textilidade”. A percepção social de que os objetos realizados em tecidos eram, “por sua natureza”, frutos de atividades de mulheres e apropriados aos recintos domésticos era por demais difundida e arraigada, a ponto de penetrar inadvertidamente, e por isso mesmo com força, as crenças e práticas em vigor nos campos artísticos. Assim, as artes têxteis, mesmo em

inícios do século XX, ainda encontravam-se indissociavelmente ligadas aos estigmas do amadorismo, do artesanato e da domesticidade (Simioni, 2010, p. 8).

O primeiro passo na direção dessa marginalização das bordadeiras se deu com a percepção da rentabilidade proporcionada pelo aumento das demandas e a popularização do sistema comercial.

Por isso, a prática do bordado pelas mulheres deveria ser contida e limitada, proporcionando a supremacia masculina nas esferas importantes da produção cultural (Parker, 2019).

[...] Um importante fato na desvalorização do trabalho feminino foi a campanha levada a cabo por artesãos, a partir do século XV, com o propósito de excluir as trabalhadoras de suas oficinas, supostamente para protegerem-se dos ataques dos comerciantes capitalistas que empregavam mulheres a preços menores. Tanto na Itália quanto na França e Alemanha, os oficiais artesãos solicitaram às autoridades que não permitissem que as mulheres competissem com eles, proibindo-nas em seus quadros [...] (Federici, 2017, p. 188).

Foi, a partir do período renascentista que o ato de bordar perdeu seu significado artístico, sendo reconhecido apenas como um trabalho manual.

Vassari, autor das categorias fundadoras da moderna história da arte, categorizou a verdadeira arte como fruto do trabalho intelectual, resultando em uma obra única, cujo seu autor seria facilmente reconhecível e inimitável. A partir dessa definição, qualquer trabalho como o bordado, de caráter manual e reproduzível, foi categorizado como uma arte menor. E, em um contexto em que se ecoava a ideia de que “a mulher tem mais espírito, o homem mais gênio; a mulher observa, o homem raciocina” (Rousseau, 1992, p. 463), a produção dessa “arte inferior” restou às mulheres.

A gênese dessa disposição encontra-se no Renascimento, em especial nos estudos de Vasari, autor das categorias fundadoras da moderna história da arte [...] O estudioso pretendia afirmar a atividade artística como algo individual, fruto de trabalho intelectual, o que conferia superioridade ao seu criador. [...] Era este o ponto que separava as “grandes artes” ou “artes puras”, das outras modalidades, doravante consideradas inferiores, associadas ao artesanato, termo que adquire então um sentido negativo. O termo passava a compreender as produções coletivas de caráter estritamente manual; seus produtores eram então vistos como destituídos de capacidades intelectuais superiores, tratava-se de simples Executores (Simioni, 2010, p. 4).

Essa definição que excluía o bordado da esfera das artes superior se manteve,

ainda que artistas bordadeiras como Mary Linwood (1755 – 1845) apresentassem produções de extrema habilidade e requinte, capaz de proporcionar ao bordado um efeito visual semelhante à pintura a óleo, como o retrato de Napoleão Bonaparte, que compõe o acervo do Victoria & Albert Museum (Figura 12).

Figura 12: Napoleão Bonaparte - 1825 (bordado)



Fonte: Victoria & Albert Museum¹¹

Assim, no século XIX, a prática do bordado foi associada definitivamente à figura feminina, tornando-se a representação do seu compromisso com o lar, uma vez que ao se tornar uma forma de lazer reforçava ainda mais a imagem de altruísta e

¹¹ Disponível em: <https://collections.vam.ac.uk/item/O77407/napoleon-bonaparte-needlework-linwood-mary/> Acesso em: 01 jul. 2023.

generosa, pois, no seu tempo livre, trocava o descanso pelo trabalho que preencheria espaços na sua casa com dedicação e beleza.

1.5 Não há ponto sem nó - o bordado enquanto agente da submissão feminina nos séculos XIX e XX

Destituído de qualquer valor artístico e intelectual, o bordado foi reconhecido e utilizado, pela igreja e pela sociedade patriarcal e machista dos séculos XIX e XX, como ferramenta para inculcar submissão às mulheres, às quais caberia somente a função promover um lar harmonioso para que seu marido pudesse se ater apenas ao sustento da família. Tornando-se, assim um símbolo da feminilidade, construído e alimentado por uma sociedade patriarcal (Parker, 2019). “São as moças principalmente que têm o poder de embellezar a vida familiar pela bôa educação, pelo amor aos seus, pela docilidade e modéstia” (Cleser, 1898, p. 105).

Esse modelo feminino, forjado pela nobreza e pela igreja, não ficou por muito tempo restrito à aristocracia e à nobreza. À medida em que a aristocracia e a burguesia ascendiam financeiramente, viram na imitação de gestos e códigos de moral da nobreza a possibilidade de serem recebidos pela classe superior. Lentamente, o ensino e a prática do bordado se instalaram também na educação das moças das famílias mais abastadas e, posteriormente, até às classes trabalhadoras.

Enquanto, para a sociedade, a prática do bordado era vista como uma maneira de promover a posição social de suas mulheres, para a igreja, o ensino do bordado visava atuar no controle dos desejos e da sexualidade feminina, por meio da inculcação da obediência e da disciplina, características do bordado (Carvalho, 2017, p. 204).

A aprendizagem do bordado requer o olhar atento e obediente às instruções, e a atenção voltada para o movimento delicado das mãos acaba por manter o restante do corpo imóvel e a repetição constante desse manusear habilidoso resulta no domínio corporal e na delicadeza que se deseja ver nas mulheres.

Mais do que a atenção exigida pelo ato de bordar, a prática do bordado acaba por educar os corpos de quem as pratica, reforçando a introjecção dos valores e significados por ele transmitidos. Por exemplo, como se não bastasse à bordadeira exercitar sua humildade ao abrir mão do reconhecimento pela autoria do bordado, durante todo o período em que ela se dedica a produzir uma peça dessa natureza,

sua postura corporal revelava uma mulher solitária, curvada sobre o seu trabalho de maneira submissa, com se vê na Figura 13.

Figura 13: A bordadeira - Velázquez



Fonte: Google Arts & Culture¹²

Essa postura adotada durante a prática do bordado, somada aos valores que por ele eram transmitidos, constituem um exemplo claro de que a submissão feminina era um valor tão desejado pela sociedade a ponto de merecer sua exibição. E, mais. Ao analisar a posição adotada durante a prática do bordado, Goggin e Tobin (2009) concluíram que este estimulava de maneira efetiva os atributos mais valorizados na

¹² Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/the-needlewoman-diego-vel%C3%A1zquez/VwGJCVvaly-huQ?hl=pt&ms=%7B%22x%22%3A0.5%2C%22y%22%3A0.5%2C%22z%22%3A8.695935466558057%2C%22size%22%3A%7B%22width%22%3A3.636166113571497%2C%22height%22%3A1.237500000000005%7D%7D> Acesso em: 07 mar. 2023.

mulher: castidade, obediência e silêncio.

Mais tarde, ainda no século XIX, ao ser inserido no currículo das escolas voltadas para mulheres, o ensino do bordado adquiriu novas funções, de acordo com a classe social a qual suas alunas pertenciam: às orfãs e meninas de classes populares cabiam a formação de mão de obra qualificada; às pertencentes à classe média o ensino do bordado era dedicado a formar mulheres dedicadas ao lar; às elites o bordado era transmitido como forma de apurar o refinamento da sua educação (Carvalho, 2017, p. 112-113).

Esse rebaixamento do artesanato a uma classe de arte inferior somado ao fato de ter sido utilizado como ferramenta de opressão e submissão resultou em um preconceito cultural em que as próprias detentoras do saber e do fazer perdem de vista o valor cultural e social do bordado, e a sua potência econômica. (Eggert, 2011).

Percebendo como o ensino do bordado foi difundido com o propósito de fixar gestual e mentalmente os conceitos de feminilidade, castidade e obediência na mulher, se tornou cada vez mais viva, em mim, a vontade de entender como a transmissão dessas mesmas técnicas vêm empoderando as mulheres e produzindo uma arte capaz de desempenhar funções tão antagônicas como o protesto, a decoração e a subsistência.

Nesse sentido, a imersão no universo da Cooperativa Bordana, a promoção de rodas de conversa com suas cooperadas e as aulas recebidas por mim, mostraram-se um caminho profícuo para esse entendimento.

1.6 Mais um ponto de referência

A leitura dos 29 trabalhos selecionados ainda trouxe uma contribuição que mostrou o caminho até uma fonte de pesquisa riquíssima: uma organização sem fins lucrativos chamada ARTESOL - Artesanato Solidário. Trata-se de uma organização da sociedade civil brasileira fundada em 1998, independente e apartidária, que apoia os artesãos de todo o território nacional e atua como um centro de pesquisa, de reflexão e de formação para políticas públicas. A instituição ainda presta consultoria de gestão e empreendedorismo.

A ARTESOL (2022) reúne em seu website¹³ uma série de informações que

¹³ Disponível em: <https://artesol.org.br/>

contribuíram para o avanço de um dos objetivos desta pesquisa: realizar um levantamento etnográfico por meio de mapeamento de instituições que praticam o bordado – cooperativas e associações – em regiões brasileiras. Graças ao seu projeto de mapeamento e georreferenciamento foi possível acessar dados de membros de sua rede, como endereço completo, telefone, redes sociais e um breve histórico de cada uma das instituições com histórias, imagens e informações sobre seus trabalhos.

Sendo assim, o primeiro passo foi organizar tais dados – especialmente os dados geográficos - a fim de conhecer os locais registrados pela ARTESOL (2022), revelando onde o bordado vem sendo praticado de maneira estruturada no território brasileiro. Surpreendentemente, foram registradas apenas duas ocorrências no estado de Goiás, não havendo menção, por exemplo, a instituições notáveis no estado como a Associação Mulheres Coralinas, localizada na cidade de Goiás. Deste modo, é válido frisar que a Tabela 1, a seguir, apesar de sua relevância, remete a dados que sem dúvida merecem maior profundidade de pesquisa por parte da ARTESOL.

Tabela 1: Relação de locais onde o bordado vem sendo praticado no território brasileiro

Nome	Cidade	Estado
Artesãs Rurais de Serra Rajada	Riachão	PB
Central de Compras das Bordadeiras de Teresina	Teresina	PI
Produtores de Artesanato, Gestores Culturais e Artistas de Icó	Icó	CE
Tapeceiras de Lagoa do Carro	Lagoa do Carro	PE
Mulheres Artesãs de Passira	Passira	PE
Tapeçaria Timbi	Camaragibe	PE
Bordadeira da Pedra do Sal	Parnaíba	PI

Continuação

Nome	Cidade	Estado
Bordados da Caatinga - Fundação Ruralista	Dom Inocêncio	PI
Bordados Mãos de Fada	Quixeramobim	CE
Chitarte - Associação Artesanal Chitarte de Cachoeira Bahia	Cachoeira	BA
Companhia de Bordados de Entremontes	Entremontes	AL
Cooperativa Mista Agro- Artesanal de Juarez Távora - Crivo de Távora	Juarez Távora	PB
Cooperativa Artesanal Mista de Rio das Contas	Rio De Contas	BA
Cooperativa Art Ilha	Pão De Açúcar	AL
Cooperativa dos Artesãos de Barra Nova	Marechal Deodoro	AL
FULÔ.A	Penedo	AL
Grupo Mulheres do Algodão de Guanambi	Guanambi	BA
Instituto do Bordado de Filé - Inbordal	Maceió	AL
Pontos e Contos	Penedo	AL
Timbaúba dos Bordados	Timbaúba dos Batistas	RN
Associação Barralonguense de Bordadeiras e Artesãos	Barra Longa	MG

Continuação

Nome	Cidade	Estado
Associação Comunitária Mãe Ana	Serra Das Araras	MG
Bordadeiras da Serra da Moeda	Brumadinho	MG
Bordadeiras e Artesãos de Caeté - Bordados Historiarte	Caeté	MG
Associação dos Artesãos de Turmalina	Turmalina	MG
Bordadeiras Rurais de Serra das Araras (Central Veredas)	Chapada Gaúcha	MG
Coletivo D'Ouro Preto Bordado Solidário	Ouro Preto	MG
Clareart	Tiradentes	MG
Associação dos Artesãos de Turmalina	Turmalina	MG
Grupo Matizes Dumont	Pirapora	MG
Artesanato Pássaros Caparaó	Divino de São Lourenço	ES
Criarte Barra do Riacho	Aracruz	ES
ArtBarra - Associação dos Artesãos de Conceição da Barra	Conceição da Barra	ES
Artesãs da Linha Nove	São Paulo	SP
Bordadeiras em Ação	Osasco	SP
Cabocla Criações	Cidade de Goiás	GO

Conclusão

Nome	Cidade	Estado
Cooperativa Bordana	Goiânia	GO
Colônia de Mulheres	Primavera do Leste	MT
NEOM - Bordadeiras da Chapada dos Guimarães	Chapada dos Guimarães	MT

Fonte: adaptado do site da Artesol <<https://artesosol.org.br/>>

No total, a ARTESOL (2022) apontou 39 instituições distribuídas da seguinte maneira: 20 na Região Nordeste, 15 na Região Sudeste e quatro na região Centro-Oeste. Não foram encontradas instituições localizadas nas regiões Norte e Sul (Figura 14).

Figura 14: Regiões onde o bordado vem sendo praticado no território brasileiro

**Legenda**

—	Limite de Estado	Região	
—	Limite do País	■	Norte
●	Capital de Estado	■	Nordeste 20 Associações
★	Capital de País	■	Sudeste 15 Associações
		■	Sul
		■	Centro-Oeste 4 Associações

Fonte: da autora, a partir de dados coletados em: <https://artesosol.org.br/>. Acesso: jul. 2023.

Duas informações me chamaram a atenção nestes dados: mais uma vez, a região nordeste se mostra presente com o maior número de incidências; a disparidade entre a quantidade de associações e cooperativas relacionadas. Dentre as 38 instituições, apenas cinco são cooperativas. Diante de tal constatação, busquei entender melhor a diferença entre Associação e Cooperativa.

Embora ambas reúnam pessoas para a conquista de um objetivo em comum, suas naturezas diferem em vários e importantes aspectos, partindo de suas naturezas. As associações estão capituladas no artigo 53, do capítulo II, do Código Civil Brasileiro como sendo a união de pessoas organizadas para fins não econômicos. Já o sistema

de cooperativa é regulado, além do Código Civil, pela Lei nº 5.764/71, que em seu art. 3º coloca: “Celebram contrato de sociedade cooperativa as pessoas que reciprocamente se obrigam a contribuir com bens ou serviços para o exercício de uma atividade econômica, de proveito comum, sem objetivo de lucro” (Brasil, 1971, cap. II, art. 3º).

Em decorrência dessas definições, se desenrola uma série de direitos e deveres de seus participantes e tantas outras características distintas entre os dois sistemas, que apresento de maneira sucinta na Tabela 2.

Tabela 2: Diferenças entre Cooperativa e Associação

Cooperativa	Associação
Seu objetivo essencialmente econômico, com foco na viabilização de negócio produtivo dos associados. Além de ser o meio mais adequado para desenvolver uma atividade comercial em média ou grande escala e de forma coletiva.	São indicadas para levar adiante uma atividade social e têm como finalidade a promoção de assistência social, educacional, cultural, representação política, defesa de interesses de classe e filantropia.
Os participantes são os donos do patrimônio e os beneficiários do ganho;	Os associados não são propriamente os donos;
Beneficia os próprios cooperados;	O patrimônio acumulado, no caso de sua dissolução, deve ser destinado a outra instituição semelhante, conforme determina a lei;
Por meio de assembleias gerais, as sobras das relações comerciais podem ser distribuídas entre os cooperados;	Os ganhos devem ser destinados à sociedade, e não aos associados;
Existe o repasse de valores relacionados ao trabalho prestado pelos cooperados ou da venda dos produtos entregues na cooperativa.	Na maioria das vezes, os associados não são nem mesmo os beneficiários da ação do trabalho da associação.

Fonte: adaptado do site do Sebrae <<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-as-diferencas-entre-associacao-e-cooperativa>>

2 O ENREDAR DA TRAMA

2.1 Cooperativa Bordana

Formada em 2008, a Bordana reuniu um grupo de mulheres ao redor de Celma Grace de Oliveira, todas moradoras do bairro Conjunto Caiçara, a leste da cidade de Goiânia, Goiás. No dia 6 de agosto de 2011, formalizou-se a Cooperativa de Trabalho de Produção de Bordado Manual e Artesanato do Cerrado Goiano. O nome Bordana significa “Bordados + Ana” e se refere à filha de Celma, Ana Carolina Oliveira Campos, que, em 2007, faleceu aos dez anos de idade. Ana Carolina sonhava em ser designer de moda.

Celma relata que buscou força em outras mulheres, inclusive naquelas que sofreram perdas, inspirando-se também em sua mãe e sua avó, que bordavam e costuravam, acreditando sempre na força e na sabedoria da ancestralidade feminina. Os objetivos principais da cooperativa são capacitar e qualificar mulheres por meio da comercialização de seus produtos, além de organizar o grupo através de instrumento jurídico, gerando renda e aumentando a autoestima das envolvidas.

Atualmente, em fevereiro de 2024, a Bordana é composta por 31 cooperados, sendo 29 mulheres e apenas 2 homens. Desse total, 17 mulheres são bordadeiras¹⁴ e os demais se dividem em tarefas como a costura e atividades administrativas. De acordo com Celma Grace, cerca de 50% desse total possui ensino superior completo, estando a maioria dessas mulheres na faixa dos 70 anos. Outra característica marcante do grupo que compõe os cooperados da Bordana é o fato de serem, em sua maioria, mulheres aposentadas. Ainda de acordo com Celma são mulheres que viram na Bordana uma oportunidade de socialização após a aposentadoria.

Transcrição: trecho de conversa individual, ocorrida em 10 de janeiro de 2024

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: A Bordana, também, interessante, que são mulheres aposentadas. Então, mulheres que já trabalharam, tiveram sua profissão e que na aposentadoria fizeram uma transição. Tipo uma transição: não quero aposentar e ficar ficar sem fazer nada. Então nós temos algumas que também têm esse perfil: mulheres aposentadas que tem curso superior, tem outra renda e que são cooperadas por esse motivo de uma inclusão mais social, né, de coletiva. De contribuir... não só... não só por conta financeira. É

¹⁴ Dada a totalidade de pessoas do sexo feminino na função de bordar, serão utilizados apenas os termos “bordadeira” ou “bordadeiras” ao se fazer referência a quem borda na cooperativa.

mais uma questão de socializar.

Desde o início, o cerrado goiano é o tema central da produção de delicados bordados sobre tecido de algodão ou linho, representando o cerrado, sua fauna e sua flora (figuras 15, 16 e 17).

Figura 15: Peça de bordado livre, comercializada na loja Colaborarte – Lobo guará



Fonte: Instagram¹⁵

¹⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CnzWUThMZfz/?img_index=1 Acesso em: 16 jul. 2023.

Figura 16: Peça de bordado livre, comercializada na loja Colaborarte - Saí-andorinha



Fonte: Instagram¹⁶

Figura 17: Peça de bordado livre, comercializada na loja Colaborarte – Canela de Ema



Fonte: Instagram¹⁷

¹⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CpzrzmcMRTz/?img_index=1 Acesso em: 16 jul. 2023.

¹⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cq6LSH_OaxS/?img_index=1 Acesso em: 16 jul. 2023

Em 2022, as cooperadas da Bordana apresentaram sua nova coleção: Coração Cerrado (Figura 18). Desenvolvida em oficinas dirigidas pelo designer Renato Imbroisi e desenhos criados pelo designer de interiores Luiz Felipe Pereira, as peças retratam corações formados por flores do Cerrado.

Figura 18: Peças de bordado livre presentes na coleção “Coração Cerrado”.



Fonte: Catálogo Bordana - Coração Cerrado, 2022.

2.2 Diferentes panos de fundo

Para entender as particularidades da cooperativa Bordana, é válido lançar olhares em direção a outros cenários. Um exemplo muito interessante é o caso das bordadeiras do município de Caicó, no estado do Rio Grande do Norte. Por meio de um trabalho escrito por Adrianna Paula de Medeiros Araújo (2013) é possível observar como a autora se viu diante de questões que de algum modo podem se relacionar com este estudo:

Inicialmente, o bordado funcionou como elemento constitutivo na formação feminina, sobretudo, na construção do papel da "moça prendada", posteriormente, foi caracterizando-se como atividade geradora de renda, passando a movimentar fortemente o setor informal da economia local. Além de fonte de renda, a prática das bordadeiras vem ressignificando a tradição artesanal, transformando o bordado em um dos símbolos identitários do município ao projetá-lo para outros mercados, carregando o nome de "bordados de Caicó" (Araújo, 2013, p. 8).

A partir dessas afirmações é possível correlacionar a dinâmica da produção artesanal do bordado investigada por Araújo no estado do Rio Grande no Norte - região nordeste - com as práticas adotadas em Goiás - região Centro-oeste. Além disso, é interessante observar como a autora aborda a dinâmica da vida social, inclusive as relações sociais tecidas em torno dos bordados, revelando formas plurais, heterogêneas e complexas de conceber a realidade. Fica também o convite a refletir sobre como a atividade opera dentro de um contexto em que bordadeiras e intermediários acionam certos discursos, sobretudo aqueles relacionados à identidade e autenticidade, em nome de fins econômicos, políticos e culturais.

Outro exemplo que vale ser citado é o trabalho de Araguacy Paixão Almeida Filgueiras (2005, p. 101), que relata a importância que o artesanato representa nas comunidades que o produzem no município de Itapajé-CE:

Durante as etapas de execução da peça artesanal, quase sempre realizadas no seio doméstico, a interferência do artista é imediata, o convívio, sentimentos e emoções acabam por retratar as relações de produção nas criações - mesmo que involuntariamente. Na fase seguinte, a pós-artesanal, seguem-se as relações de comercialização, tipicamente capitalistas, onde o mercado explora e visa o lucro, sobrepondo-se às características intrínsecas e individuais da obra.

A pesquisadora aborda os aspectos preponderantes da formação da qualidade de vida das artesãs, que são refletidos através da renda e do consumo, da educação e da saúde, da cultura e da tradição.

Especificamente no Brasil, o artesanato tem sido visto como sistema de produção, que representa empreendimento econômico. Ele também pode ser considerado como um instrumento estratégico de desenvolvimento regional por atingir parcelas significativas da população. Além disso, o artesanato tem custo de investimento relativamente baixo, que utiliza na maioria das tipologias existentes matéria-prima natural disponível. Outro benefício que o artesanato promove é a inserção da mulher e do adolescente em atividades produtivas, estimulando a prática do associativismo e fixando o artesão no local de origem. Assim, o artesanato é visto como um dos meios de ocupação e atividade de geração de renda (Filgueiras, 2005, p. 20).

Suas afirmações foram corroboradas por meio de resultados obtidos através de comparabilidade entre: os fundamentos da pesquisa bibliográfica, os dados de estudos, os registros e os censos para obter os índices selecionados, além da pesquisa de campo.

Por fim, faz-se conveniente citar a tese de Vinícius Souza de Azevedo (2021), em que um dos focos diz respeito à formação de professores em arte, cujo percurso formativo contou com a participação de 16 professoras de diferentes níveis de aprendizagem e teve como objetivo construir pontes, através dos bordados realizados nos encontros, entre o ensino aprendizagem da arte, o cotidiano dessas professoras, seus desafios e o próprio significado da prática docente em arte, buscando entender as características dessa linguagem e seu potencial na formação de professores. Segundo o próprio autor:

Uma imersão na arte de bordar, com o intuito de promover processos de formação docente, em que os diversos elementos inerentes à prática do bordado estejam vigorando como forma de pensar, perceber e fazer. Uma proposição que tem como estratégia fundamental o estabelecimento da arte como via de formação docente, não apenas como tema ou conceito, mas como prática e metodologia (Azevedo, 2021, p. 17).

Sendo assim, fica clara a importância da observação e análise crítica de variadas situações, visto que a partir de um olhar reflexivo é possível identificar correlações com a presente pesquisa e desvelar possíveis cenários que poderão ser encontrados ao longo da investigação. É significativo que esta pesquisadora esteja atenta e capacitada a identificar as mais variadas circunstâncias que, mesmo que não cogitadas previamente, se apresentem e venham a contribuir com o trabalho desenvolvido.

2.3 A-bordando caminhos metodológicos

O termo “método” denota racionalidade, lógica. É fato que tais posturas podem auxiliar no esclarecimento de questões, especialmente porque, através de seus rígidos apontamentos, validam a veracidade das informações obtidas por meio dele. No entanto, por conta de se valer constantemente de validações para sua legitimação, é importante refletir até que ponto a geração de conhecimento por meio dele traz resultados realmente referentes ao objeto observado ou se gerou apenas mais conhecimento sobre o próprio método. No caso desta pesquisa propõe-se uma investigação qualitativa e narrativa que, em ambos os campos, vão além dos dados racionais e lógicos.

Dadas as circunstâncias propostas por este trabalho, que dentre suas finalidades trata de subjetividades, fez-se necessária a busca por um método que

contemplasse a espontaneidade e a irregularidade com as quais os sujeitos investigados vivem seus cotidianos, criam e vivem suas particularidades.

Isto posto, viu-se na pesquisa narrativa o campo ideal para desenvolvimento da empreitada do presente trabalho. Uma vez que as narrativas se apresentam como experiências que produzem diversas significações, temporalidades e até mesmo histórias de vida, percebeu-se que a pesquisa narrativa pôde contribuir deslindando vivências, que, por conta das disposições em narrar, foi capaz de se transformar num instrumento imprescindível para o estudo proposto.

Justamente por tratar de tais aspectos, é importante lembrar que os discursos e experiências promovidos pelas pesquisas narrativas são capazes de acender a expectativa de abertura de debates públicos acerca de subjetividades e desdobramentos de pensamentos sociais e culturais, ao contrário dos argumentos epistemológicos que realçam primordialmente apenas as relações sujeito-objeto, em prejuízo das dimensões antropológicas das disposições humanas de se interpretar como um ser aberto e plural. Concomitantemente, entende-se que a pesquisa qualitativa se apresenta como importante contribuição na demanda pelo embasamento teórico, reflexão e afinco metodológico no tratamento e análise de dados.

Para tanto, este trabalho, além da contumácia teórica, se propôs a coletar depoimentos em rodas de conversa, analisando atravessamentos e transformando as informações em instrumentos de exploração das opiniões em grupo e não apenas individuais. Neste sentido, assumiu-se a posição de facilitadora do processo de discussão.

Segundo Mannheim (1982, p. 66-72), deve-se buscar intervir o mínimo possível, evitando perguntas do tipo “o que” e “por quê”. Sendo assim, tal postura deve resultar na obtenção de dados que possibilitem a análise do contexto social dos sujeitos envolvidos, assim como de suas visões de mundo e representações coletivas.

Outro autor que aborda o tema é Werner Mangold. Ele foi um dos primeiros pesquisadores a ponderar sobre a maneira como são coletados os depoimentos em entrevistas em grupo. Ele propôs transformar o método em um instrumento de exploração das opiniões coletivas e não apenas individuais (Mangold, 1960).

A opinião do grupo não é a soma de opiniões individuais, mas o produto de interações coletivas. A participação de cada membro dá-se de forma distinta, mas as falas individuais são produto da interação mútua [...]. Dessa forma, as opiniões de grupo cristalizavam-se como

totalidade das posições verbais e não verbais (Mangold, 1960, p. 49).

Os grupos de discussão com indivíduos que compartilham experiências similares refletem estruturas sociais e processos de comunicação nos quais é possível identificar um modelo de interação. Esses grupos registram experiências coletivas, bem como as características sociais do conjunto de participantes. Por isso, a utilização desses grupos como método de pesquisa representa uma ferramenta significativa para a compreensão e a reconstrução dos contextos sociais e dos padrões que influenciam as ações dos indivíduos.

Entende-se que a pesquisa qualitativa deve ser livre de vieses decorrentes dos parâmetros específicos utilizados na abordagem quantitativa. De acordo com Strauss (1994), a seleção dos participantes não se baseia em uma amostra estatisticamente representativa, mas, sim, na construção de um conjunto de dados fundamentado no conhecimento e na experiência dos entrevistados em relação ao tema em estudo. Isso permite, inclusive, a triangulação de métodos.

Através dos grupos de discussão, é possível obter uma visão mais ampla, que permite acessar a forma como as pessoas interagem em seu cotidiano nos diferentes contextos sociais, incluindo seus discursos, sentimentos, atitudes, hábitos e práticas. Ademais, este trabalho propõe uma atenção especial em corroborar o que Sherman e Webb (1988, p. 7) afirmam quando expõem que “o termo qualitativo implica uma preocupação direta com a experiência tal como é vivida, sentida ou experimentada”.

Tendo tais referências em mente, as rodas de conversa foram realizadas entre bordadeiras afiliadas à cooperativa Bordana, na expectativa de que o ambiente descontraído e a familiaridade entre as participantes abrissem portas para que os relatos ocorressem de forma fluida e espontânea.

É certo que cada uma delas é portadora de experiências pessoais que, de uma forma ou outra, levaram à prática do bordado. Visto que este estudo se deu sob a ótica da linha de pesquisa C - Educação, Arte e Cultura Visual - do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, um dos focos de interesse foi direcionado sobre os caminhos de aprendizagem e de ensino do bordado praticado pelas bordadeiras, especialmente porque a arte, enquanto elo entre vida e educação, tem o poder de contar histórias ao mesmo tempo que acolhe visualidades, como afirmam Martins, Tourinho e Souza (2017, p. 14):

A arte, instituindo pontes entre vida e educação, fornece às histórias de vida condições de possibilidade para que sensações, sonhos,

emoções, situações de se colocar em lugar de 'outros' possam se entrelaçar a episódios simultaneamente reflexivos, projetivos, imaginativos. Incorporando a arte como parceira da vida e da educação, as narrativas contam de cada um, ao mesmo tempo que acolhem objetos, artefatos, visualidades, lembranças e projetos vividos - ou por viver -, costurando-os como retalhos e pedaços de experiências que nos afetam e pelos quais somos afetados.

Entendeu-se relevante investigar se cada participante já dispunha ou não de alguma familiaridade com a prática, se houve algum tipo de padronização nas técnicas de ensino adotadas pela cooperativa, se foi levado em consideração o nível de desenvoltura de cada uma ao bordar, o tempo dedicado às aulas, a preparação das professoras, os materiais utilizados, ou seja, a proposta foi trazer luz à prática do ensino de bordado em um ambiente colaborativo, cuja empreitada é promover transformação socioeconômica nas vidas das pessoas que procuram a entidade. Foram coletadas informações que contribuíram com a compreensão da prática do ensino-aprendizagem informal de arte - no caso deste estudo, do bordado artesanal.

A partir dos questionamentos citados surgiram outras indagações relativas a cada entremeio que se revelou durante o processo, como, por exemplo, relacionados à identidade e à autenticidade em nome de fins econômicos, culturais e até mesmo de gênero; o que tornou a investigação ainda mais rica, interessante e relevante.

Conforme já citado, no intuito de estreitar laços e firmar um primeiro contato com o grupo de bordadeiras da cooperativa Bordana, me propus a frequentar o curso de bordado livre, promovido pela instituição, em meados de outubro de 2022. Apesar de ter se tratado de um contato informal – apenas com a intenção de estabelecer um reconhecimento mútuo - foi possível observar diversas peculiaridades que corroboram a importância deste estudo (como a organização do trabalho feminino e os meios pelos quais as cooperadas difundem a prática do bordado, dentre outras práticas e posturas adotadas por elas), além de dar início à experiência metodológica proposta, tendo como primeiro resultado o estabelecimento de confiança recíproca.

Ainda sobre a iniciativa de promover as rodas de conversa, é relevante ressaltar que esta atividade não pressupõe a aplicação de um questionário rígido a ser seguido à risca, sob o risco de as participantes compartilharem meras descrições de fatos, em detrimento das narrativas ansiadas. Porém, isso também não exclui o fato de que existam critérios para a realização da atividade. É fundamental observar alguns princípios, tais como permitir que a ordenação das falas fique a encargo do grupo e

intervir somente quando perceber que é necessário propor outro questionamento, no intuito de manter a interação entre as participantes.

Exemplo disso é o fato de que, por se tratar de participantes do mesmo meio social, as mesmas poderiam se sentir mais à vontade para utilizar seu próprio vocabulário, proporcionando um diálogo que reflete de maneira mais próxima suas realidades cotidianas, além de oferecer um grau de abstração maior que a entrevista individual. O grupo teria, inclusive, a oportunidade de corrigir visões distorcidas e que não refletem os fatos socialmente compartilhados, atribuindo, assim, um maior grau de confiabilidade aos acontecimentos compartilhados coletivamente. Outro proveito dessa iniciativa é a transformação do papel da entrevistadora, que passa a assumir uma condição mais de ouvinte do que de uma intrusa no grupo.

Além disso, fatores como a não linearidade e a simultaneidade de vozes são elementos potentes na geração de experiências e até mesmo na descoberta de que o curso da conversa pode tomar rumos alheios aos esperados, sem que, apesar do espanto inicial, cause qualquer dano à proposta da pesquisa. Pelo contrário, os diferentes contextos trazidos são ótimas oportunidades para conhecer cenários que a princípio não seriam suscitados. Isso graças à fluidez e espontaneidade que a pesquisa narrativa proporciona, revelando-se assim oportuna e vantajosa diante dos objetivos da presente pesquisa.

Para a análise do trabalho empírico, o que mais interessou foi a reflexão que se instituiu a partir dos fatos narrados. A intenção foi traçar uma caminhada emparelhada a subjetividades, idiosincrasias, acasos e até mesmo às falhas que acometeram esta pesquisadora no decorrer do processo.

Logo, o valor de seu trabalho estará menos na qualidade dos registros feitos e mais nas soluções que o pesquisador/observador proporá aos enigmas com os quais se deparou, na leitura que este faz das imagens e das circunstâncias que as originaram. O que mais interessa é a reflexão do pesquisador sobre a questão de pesquisa e a narrativa que este erigirá como fruto dessa reflexão. No fim das contas, o que vai importar é a originalidade dessa narrativa, os caminhos elucidatórios para o fenômeno das imagens que esta apontará e, com isso, as novas possibilidades de saber que dela advirão (Martins; Tourinho, 2013, p. 59).

O que se espera é uma produção simbólica na qual poderá ser observada a materialização de uma série de intenções e interações, que por vezes agem e transformam indivíduos. Desta forma, será construído um trabalho investigativo que

intenta dar luz a estes fatos, abrindo veios e rompendo divisas sobre arte e cultura visual.

3 TRANSBORDAMENTOS EM RODA

3.1 Novas bordas

A observação, o diálogo e a interação são fatores que estimulam os pesquisadores a explorarem realidades que são tanto inspiradas por experiências acumuladas, quanto lentamente incorporadas nos desejos de quem busca aprender, se conectar e compreender o mundo ao seu redor. São curiosidades e sensibilidades que levam quem investiga por novos caminhos, em direções desejadas ou mesmo em sentidos inesperados. É necessário aventurar-se, despir-se de amarras, abraçar contradições e fazer uso de certo atrevimento para ir além do puro método e análise.

Sob um olhar crítico, a presente pesquisa traz a proposta de lançar um olhar que transborda a relação entre os artefatos visuais e seu meio representativo. Buscou-se contribuir com visões que amplifiquem a compreensão do campo investigado, desvelando elementos intrínsecos à cultura visual.

Para esta pesquisadora, a experiência de promover a iniciativa da roda de conversas foi um divisor de águas no qual contextos foram aclarados, novas dimensões foram apresentadas e até mesmo as inexatidões na administração da dinâmica tiveram seu papel. As “bordas” da investigação foram, surpreendentemente, tomando formas inesperadas. Margem e centro sofreram transformações, desenhando novos espaços a serem visitados.

É importante ressaltar que a construção cultural dos indivíduos é resultado da natureza desse conhecimento. Sendo assim, depende de suas próprias experiências, pontos de vista e pode estar relacionada à comunidade à sua volta. Esta constatação pôde ser corroborada a partir do momento em que as informações compartilhadas durante o encontro divergiam do que foi previsto, desmantelando projeções e intuições previamente suscitadas.

3.2 O riscado da roda e seus bastidores

Antes mesmo da primeira roda de conversa, a fundadora da cooperativa, Celma me convidou para uma tarde na cooperativa, em 3 de junho de 2023, quando elas estariam reunidas para uma palestra sobre vendas. Acreditando tratar-se de uma boa oportunidade para ter contato com todas as cooperadas e, assim, iniciar uma

familiaridade com o grupo, aceitei prontamente participar desse momento delas.

No dia marcado, cheguei 30 minutos antes do horário de início da palestra. Prontamente fui surpreendida pela receptividade das cooperadas já presentes que, ao me notarem, uma pessoa diferente do círculo habitual, presumiram que eu faria parte da equipe do palestrante e se propuseram em me ajudar a preparar o ambiente para a apresentação. Outra boa surpresa foi que, ao tomar conhecimento de que não era eu a pessoa que esperavam, elas se mantiveram receptivas e abertas ao diálogo.

Antes mesmo da palestra começar, a cooperada Rosenelia, ao chegar, se dirigiu a mim. Ela sim, me reconhecendo como ex-aluna do curso de bordado, e ciente da minha necessidade de reunir um grupo de cooperadas para dar início à minha pesquisa de campo, se comprometeu em me ajudar a convidar suas colegas para a primeira roda de conversa, a ser realizada no sábado seguinte.

A palestra, intitulada “A força do cooperativismo nas vendas” foi ministrada pelo especialista em pequenos negócios, Bruno Miranda, com início às 15 horas e teve duração de 2 horas. Após o encerramento da palestra, fui convidada a permanecer com o grupo e participar do lanche que elas haviam preparado. Vi nesse momento a oportunidade perfeita para me aproximar e confirmar a disponibilidade de algumas delas em permanecer na cooperativa após a reunião que aconteceria na semana seguinte.

Sempre acompanhada por Rosenelia, que indicava quais cooperadas estariam mais dispostas a participar e com mais experiência a agregar ao estudo - com base no tempo de filiação à cooperativa e na sua capacidade de comunicação - confirmei a presença de cinco delas na primeira roda de conversa, que seria realizada, portanto, no dia 10 de junho de 2023.

3.3 A primeira roda: a-bordagens e descobertas

A primeira roda de conversa aconteceu imediatamente após a realização de um dos encontros quinzenais, realizado pelo grupo com o intuito de alinhar as informações e trabalhos que acontecem na cooperativa. É nessa ocasião em que os números são apresentados, as estratégias alinhadas e ajustadas. Após esses encontros, realiza-se uma confraternização em comemoração aos aniversariantes do mês. Mais uma vez, participei desse encontro entre as cooperadas, com o intuito de promover um sentimento de familiaridade entre elas e eu.

Após a reunião, durante a celebração dos aniversariantes do mês, mais uma vez Rosenelia me acompanhou na missão de reunir as cooperadas que participariam da roda de conversa. Sendo elas:

Maria de Fátima Chagas, 61 anos, bordadeira;

Erina Bento Marinho, 51 anos, bordadeira e diretora de produção;

Celma Grace de Oliveira, 52 anos, diretora presidenta;

Rosenelia Theiss, 68 anos, bordadeira;

Cláudia Martins Santos Veiga, 58 anos, bordadeira;

Gleidy Marques, 56 anos, bordadeira e diretora financeiro-administrativa.

Logo no início da nossa conversa, esclareci quanto ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e a finalidade do evento. Em seguida, pedi para que se apresentassem para o devido registro - também realizado com equipamentos de captação de áudio e vídeo¹⁸.

Antes mesmo de começar a conversa, reparei no grau de organização e disciplina das participantes que, sem nenhuma orientação prévia, estavam vestidas com camisetas exibindo o nome da cooperativa (Figura 19).

Figura 19: Maria de Fátima, Erina e Celma vestindo camisetas da Bordana



Fonte: da autora, 2023.

¹⁸ Câmera Canon T3i, iPhone 7, microfone condensador BY-MM1 da marca Boya.

Então, para dar início à nossa conversa, fiz uma primeira pergunta sobre o tempo de filiação. Dentre as participantes da roda, 3 estão desde o início da cooperativa - há 15 anos -, 01 está há 13 anos e por último, Maria de Fátima, que tem apenas 5 anos de filiação.

Ao perguntar sobre a função exercida por cada uma na cooperativa, um fato me chamou a atenção: apenas a sua fundadora, Celma, não se identificou como bordadeira, enquanto as demais entrevistadas se descreveram como bordadeira e/ou alguma função administrativa.

A partir de então, direcionei a conversa para a questão das trocas de saberes das técnicas do bordado, perguntando “Quando vão ensinar, vocês têm um espaço específico na cooperativa onde vocês dão aula ou é escolhido um lugar que esteja mais confortável no momento?” Todas concordaram que escolhem o lugar mais confortável para o aluno. E então, começaram a discorrer sobre suas experiências como professoras de bordado.

Elas dão aulas individuais e para grupos. Neste segundo caso, quando existe uma quantidade maior de alunos reunidos, elas os separam em pequenos grupos para que possam dar uma atenção de qualidade a eles.

No momento em que começam a falar sobre a maneira de transmitir as técnicas do bordado, fica claro que, embora exista uma preparação anterior à aula, quando elas definem a ordem do conteúdo a ser passado – a apresentação do “pano”, das ferramentas e dos pontos tidos como básicos - na prática, a metodologia se encerra nesse momento, porque a maneira de ensinar é que vai se adaptar a cada aluno e não ao contrário.

Transcrição: trecho da primeira roda de conversa, ocorrida em 10 de junho de 2023

Rosenelia Theiss, bordadeira: O ensinar vem de dentro. Cada pessoa é uma pessoa. Então você ensina de acordo com o que ela precisa. O bordado não pode ser imposto a ninguém. O bordado é carinho. Então se você não gosta, não adianta você querer ensinar. [...] Com o bordado você aprende a lidar com as pessoas.

À medida em que a conversa se aprofundava no universo das cooperadas e da Bordana, emergiam realidades que foram de encontro com as crenças que eu carregava, talvez como consequência da doutrinação exercida por séculos em relação aos valores e funções do bordado e do estereótipo construído sobre a figura das

bordadeiras. Embora Erina e Maria de Fátima já tivessem contato com a arte do bordado, nenhuma delas dominava a técnica do bordado livre. Depoimentos como os que descrevo a seguir deixaram claro que o contato da maioria delas com as técnicas do bordado livre se deu com o objetivo de apoiar uma amiga num momento de dificuldade e apoiar a elas mesmas, se fortalecendo com a convivência.

Transcrição: trecho da primeira roda de conversa, ocorrida em 10 de junho de 2023

Rosenelia Theiss, bordadeira: Quando começou a Bordana, eu não sabia nem pegar na agulha. Achei que eu nunca fosse conseguir aprender a bordar. O primeiro curso que nós tivemos foi no Setor Aruanã, tinha um curso pela prefeitura. [...] A Bordana foi criada sem ninguém saber bordar e nem ter dinheiro para comprar linha.

Maria de Fátima Chagas, bordadeira: Eu aprendi a bordar aqui. Aí fui aprendendo e as meninas me orientavam. Pegava o bordado pra semana, no sábado a gente entregava, elas olhavam – tinham as orientadoras – e falavam aqui é assim, assim e tal. [...] Então você vai aprendendo e você vai se destacando.

Cláudia Martins, bordadeira: Eu não sabia - como diz o outro – nem enfiar a linha na agulha. Sou filha de bordadeira, costureira e eu não sabia nada!

Para dar vida à Bordana, as primeiras cooperadas superaram o desafio da escassez de opções de ensino e de materiais didáticos sobre o bordado livre e encontraram um curso ministrado pela Prefeitura de Goiânia. Nele, elas aprenderam os primeiros pontos do bordado livre e desenvolveram suas primeiras peças (Figura 20) sob um método de ensino rígido, onde a professora se posicionava como detentora do conhecimento a quem as alunas deveriam se dirigir, inclusive fisicamente ao se levantar para levar suas dúvidas até a professora.

Figura 20: Galinhas bordadas pelas cooperadas quando alunas



Fonte: Celma Grace de Oliveira – fundadora da cooperativa bordana.

Elas reconhecem como negativo o distanciamento entre professora e elas quando as mesmas eram alunas e fazem questão de agir de maneira oposta. Mesmo sem uma metodologia de aula pré-determinada, elas se orgulham em ensinar de maneira diferente da qual aprenderam. Se orgulham das inúmeras ex-alunas que se tornaram amigas e de manter contato com elas, as auxiliando mesmo sem o compromisso da relação professora remunerada e aluna – da mesma maneira que ensinam e aprendem entre si.

Durante a conversa, a fundadora da Bordana, Celma, contou que as mulheres cooperadas não têm sido as responsáveis pelos desenhos a serem bordados. Essa tarefa é confiada ao designer e estudioso do artesanato Renato Imbroisi e a um estagiário de design, Luiz Felipe Pereira.

Transcrição: trecho da primeira roda de conversa, ocorrida em 10 de junho de 2023

Cláudia Martins, bordadeira: A gente sabe bordar. Desenhar não é a nossa praia.

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Aqui na Bordana falta uma pessoa para ajudar a gente a criar. [...] Sem ter que ficar sofrendo tanto. Alguém que já tenha essa habilidade com o design, com a inovação. Que pesquisa e traz [...] Não é que a gente não tenha esse talento. [...] É que é sempre muita coisa ao mesmo tempo.

Rosenelia Theiss, bordadeira: Tá faltando uma alma criativa.

A partir daí, as cooperadas passaram a abordar e demonstrar um orgulho imenso pelo trabalho desenvolvido pela Bordana. Falaram sobre a identidade construída pela cooperativa - mas a identidade enquanto reconhecimento do bordado como um material da Bordana -, pela delicadeza do bordado, o preenchimento cheio

das formas, o grau de realismo das cores e formas presentes nos mais diferentes trabalhos, o controle de qualidade pelo qual todos os trabalham passam antes de serem expostos.

Durante a conversa, ainda foram expostas realidades como a falta de interesse dos jovens pelo aprendizado do bordado livre e a procura por mulheres idosas ou aposentadas cujo único objetivo demonstrado seria ter uma fonte de renda – sem demonstrar interesse real pelo aprendizado do bordado livre.

O tom de crítica e reprovação com que elas descreveram esse tipo de procura demonstra que, apesar de ser uma cooperativa, e por isso uma instituição cujo objetivo deve ser, essencialmente, econômico, as cooperadas se preocupam mais com os benefícios sociais e emocionais que a Bordana vem entregando para elas.

Transcrição: trecho da primeira roda de conversa, ocorrida em 10 de junho de 2023

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Aqui na cooperativa o dinheiro nunca veio em primeiro lugar. Ele é uma consequência do trabalho que nós estamos fazendo. [...] Teve uma pessoa que disse que aqui é um lugar de cura. E eu achei que isso foi muito assim... assertiva essa fala. Eu nunca tinha pensado nisso, mas começou por mim, como lugar de cura.

Finalizando esse primeiro encontro realizado no dia 10 de junho de 2023, elas comentaram, ainda, o motivo de terem escolhido trabalhar com o bordado livre, mesmo diante de toda dificuldade em encontrar alguém que as ensinasse essa técnica. Elas escolheram o bordado livre com a intenção de resgatar a essência das mulheres de suas vidas: suas mães, suas avós que precisaram aprender a bordar e costurar para poder vestir a si e seus filhos.

Isto posto, é possível elencar pontos chave que se destacaram neste primeiro momento e que trouxeram questionamentos que puderam ser analisados no decorrer da pesquisa. São eles:

- O fato desta pesquisadora até então acreditar que a transmissão de saberes das artesanias se dava predominantemente por meio da tradição familiar, mas que na verdade se mostrou uma crença equivocada;
- A ênfase na evolução socioeconômica das cooperadas e no convívio em comunidade enquanto questões de mais alta importância, colocando o ensino da técnica como uma consequência do processo;
- A ideia de que o processo criativo é coletivo, quando na prática aparentemente as mulheres confiavam o riscado dos desenhos a dois designers, Renato e

Luiz.

- A capacidade dessa convivência em ajudar no crescimento e amadurecimento pessoal, inclusive curativo, como no caso da própria Celma que fundou a Bordana em homenagem à filha que faleceu.

Essas constatações abrem caminho para diversas reflexões acerca do poder da relação criada com base na prática do bordado e, mesmo que em segundo plano, na transmissão dos saberes das artesanias realizado na cooperativa Bordana.

Sendo assim, coube a esta pesquisadora transpor suas crenças pré-estabelecidas e, com olhar e escuta atentos, continuar buscando informações que contribuíssem com o bom andamento da investigação.

4 LINHA QUE SEGUE

Diante das experiências vividas e observadas nos primeiros contatos com a cooperativa, parti para um segundo momento no qual pude aprimorar abordagens e refletir mais profundamente sobre impressões que se transformaram ao longo do tempo. Vale ressaltar que os apontamentos levantados pela banca examinadora de qualificação tiveram papel importante e contribuíram imensamente para tal aprimoramento.

Dentre as questões levantadas, foi importante observar que o foco de estudo poderia ir além das expectativas trazidas no início do presente trabalho. Acreditava-se que a pesquisa trataria primordialmente de aspectos ligados ao ensino do bordado por si só, porém, ao me dar conta do universo que incorpora essa atividade na Cooperativa Bordana, passei a observar com mais atenção os meandros presentes na rotina dos envolvidos no funcionamento da instituição.

Não se trata apenas de aprender a bordar, se tornar cooperado e passar a produzir peças artesanais. O que ficou evidente é que a experiência de convívio em comunidade e os benefícios que essa prática proporciona vão além do ofício manufactureiro, especialmente quando se trata das relações em situação de cooperativa. Pôde-se observar a oferta de oportunidades de aprendizagem em assuntos que extrapolam o universo do bordado. Seja por meio da realização de encontros, palestras, assembleias, ou mesmo pelo convívio rotineiro dos participantes.

Ainda foi possível perceber que até mesmo a postura extremamente receptiva adotada pelas cooperadas desempenha um papel importante no processo de funcionamento da Bordana. Tal percepção é validada a partir do momento em que as próprias participantes da roda de conversa compartilham suas experiências. São relatos de acolhimento e abertura de possibilidades de crescimento pessoal e profissional por meio de parcerias com instituições como a OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras, por exemplo.

Outro ponto de vista que será relatado ao longo dos próximos trechos da presente pesquisa é de um ex-colaborador da cooperativa, que gentilmente narrou sua experiência de trabalho na Bordana. Neste caso, sua participação nesta investigação se deu através de aplicativo de mensagens - Whatsapp, visto que já não frequenta mais a cooperativa assiduamente, mas que pôde contribuir com

informações que enriqueceram as reflexões sobre os modos de agir dentro da instituição.

Conforme observado, o convívio em cooperativa se mostra como mecanismo propulsor no desenvolvimento das atividades e conquistas da Bordana. Durante minhas visitas foi possível observar a organização promovida pelo grupo, sempre com o propósito comum, cada qual ocupando sua posição e executando suas tarefas sob a liderança de Celma. Sendo assim, fica clara a necessidade de se entender a história do cooperativismo, pois, dessa forma, será possível contextualizar de forma mais precisa a rotina da comunidade.

4.1 A cooperação

A Rochdale Equitable Pioneers' Society (Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale) nasceu da inquietação de 28 tecelões diante das dificuldades causadas pela crise econômica que assolava o país. Gomes (2005) utiliza como marco uma greve fracassada que serviu de estopim para que esses tecelões se reunissem para pensar em alternativas para solucionar a exploração por eles sofrida com jornadas de trabalho extenuantes e salários baixos e garantir o abastecimento de alimento para suas famílias. Já na sua fundação, a cooperativa deixava clara seu foco no ser humano, com a criação das suas normas estatutárias.

- a) formação de capital para emancipação dos trabalhadores mediante economias realizadas com a compra em comum de gêneros alimentícios;
- b) construção de casas para fornecer habitação a preço de custo;
- c) criação de estabelecimentos industriais e agrícolas com duplo objetivo: produzir direta e economicamente tudo o que fosse indispensável aos operários desempregados ou que percebiam baixos salários;
- d) educação a luta contra o alcoolismo;
- e) comercialização (compra e venda) somente a dinheiro, para que os cooperados só assumissem compromissos dentro de suas possibilidades orçamentárias, e evitando o crédito, que considerava um “mal social”.
- f) Cooperação integral (Sales, 2010, p. 29).

Aqui, chama-me a atenção o item “d”: educação da luta contra o alcoolismo. Essa preocupação reforça o olhar voltado para a educação dos cooperados e libertação do ser humano. Sabemos que durante o período da Revolução Industrial a oferta de bebidas apresentou um aumento considerável. Junte-se à essa oferta uma

realidade de trabalho extenuante e a pobreza que se espalhava com as demissões em massa, temos um ambiente propício ao consumo excessivo de álcool e ao surgimento cada vez maior de casos de alcoolismo. Com a instituição dessa meta, a cooperativa deixa claro o seu compromisso com o ser humano, acima de tudo. Em transformar sua realidade pessoal para, a partir da transformação de cada um, dar força ao coletivo de maneiras que extrapolem os objetivos primários e que deram origem à cooperativa.

Gomes (2005) narra que antes mesmo do surgimento Rochdale Equitable Pioneers' Society (Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale), em 1844, apontada como a primeira cooperativa (estruturada nos moldes que conhecemos hoje), o conceito do cooperativismo ganhava espaço na Europa durante o século XVII e mais tarde com Robert Owen, Charles Fourier, Saint-Simon e Louis Blanc. Para esses percussores, a luta contra as desigualdades provocadas pelo capitalismo só poderia se vencida com a força da conscientização do homem acerca da sua realidade política e social.

O pensamento de Owen era de que o homem é resultado de seu meio social; para modificá-lo seria necessário modificar o meio social, mas, de forma pacífica, gradual e moderada, a fim de que nenhuma parte do corpo político nem do indivíduo sofresse com a mudança (Sales, 2010, p. 27).

Mas esse pensamento só ganhou força com a Revolução Industrial, período em que milhares de trabalhadores perderam seus empregos para a chegada das máquinas. Esse avanço tecnológico resultou em uma crise social sem precedentes na Inglaterra, fazendo dele um terreno fértil para o surgimento da primeira cooperativa estruturada nos moldes atuais registrada pelos livros.

Curiosamente, no Brasil, a primeira cooperativa, nos moldes que conhecemos hoje, não se deu pela mobilização das classes menos abastadas ou dos trabalhadores. Ainda de acordo com Gomes (2010), foi o Estado quem deu início à formação de cooperativas, no final do Século XIX, para conseguir reestruturar as atividades agrícolas do país, que tinha na agroexportação a força da sua economia.

Oliveira e Oliveira (2021, p. 176) vão além e correlacionam essa realidade com a criação de um decreto: “A estratégia culminou no Decreto nº 22.239/1932, que dispunha sobre a organização e o funcionamento do cooperativismo, seguindo as características de cooperação de Rochdale”.

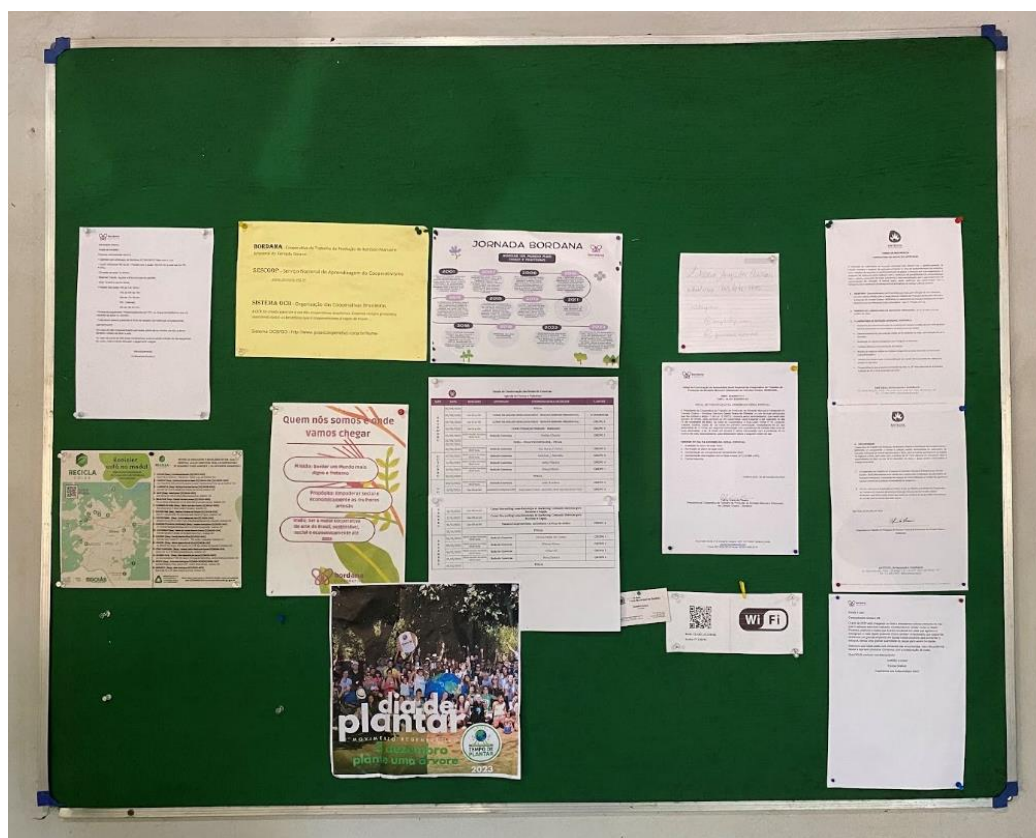
Embora não exista um registro definitivo sobre o que teria sido a primeira cooperativa em terras brasileiras, a Organização das Cooperativas Brasileiras defende que foi a Colônia Tereza Cristina, fundada pelo médico Jean Maurice Faivre, em 1847 no Paraná, em 1847, a nossa primeira cooperativa.

De acordo com Madoenho (2011), com a concessão do governo imperial e a ajuda financeira da Imperatriz Tereza Cristina, o médico francês dá início à cooperativa com outros 80 compatriotas. A cooperativa começa com o preparo, o plantio e a colheita de fumo, arroz, cana-de-açúcar, algodão café, milho e outros. Mais tarde, visando o melhor aproveitamento da área, a Colônia entra para o segmento industrial com olaria, serraria, moinho e alambique.

4.2 Jornada Bordana

Voltando os olhos novamente para a Bordana, é válido lembrar que ainda durante as visitas presenciais ficou evidente que as cooperadas procuravam seguir um nível de organização e zelo notáveis. Desde a escala de responsáveis pelas reuniões e assembleias até a disposição dessas e demais informações em um mural construído de modo que todos os presentes tivessem acesso ao material, como se vê na Figura 21.

Figura 21: Mural de avisos



Fonte: da autora

Assim que me vi diante desse mural, passei a observar a tabela que relacionava os eventos agendados para o quadrimestre - de setembro a dezembro de 2023 -, suas descrições e os respectivos grupos responsáveis (Figura 22).

Figura 22: Tabela de eventos

Escala de Coordenação das Rodas de Conversa Agenda de Cursos e Palestras					
MÊS	DATA	HORÁRIO	ATIVIDADE	COORDENADORA/AUXILIAR	LANCHE
S E T E M B R O	02/09/2023			FOLGA	
	08/09/2023	Das 9h às 19h	CURSO DE ANÁLISE MERCADOLÓGICO - RENATO IMBROISI (PRESENCIAL)		A COMBINAR
	09/09/2023	Das 9h às 19h	CURSO DE ANÁLISE MERCADOLÓGICO - RENATO IMBROISI (PRESENCIAL)		GRUPO 3
	16/09/2023	Das 14h às 19h	CURSO FINANÇAS PESSOAIS - FERNANDO		GRUPO 4
	23/09/2023	14h30-receber bordados 15h30-Roda	Roda de Conversa	Cecília/Claudia	GRUPO 1
	26/09/2023 01/10/2023			FEIRA - FENACE FORTALEZA - CELMA	
	30/09/2023	14h30-receber bordados 15h30-Roda	Roda de Conversa	Ana Maria / Carlos	GRUPO 2
O U T U B R O	07/10/2023	14h30-receber bordados 15h30-Roda	Roda de Conversa	Laurinda / Adenilda	GRUPO 3
	14/10/2023	14h30-receber bordados 15h30-Roda	Roda de Conversa	Dalila/Djanira	GRUPO 4
	21/10/2023	14h30-receber bordados 15h30-Roda	Roda de Conversa	Erina/Gleidy	GRUPO 1
	28/10/2023			FOLGA	
N O	04/11/2023	14h30-receber bordados 15h30-Roda	Roda de Conversa	Leila/Lucilma	GRUPO 2
	11/11/2023	Das 14h às 18h	Assembleia Geral Especial/AGERP	Luiz/Luiza e Celma - Assembleia Geral Especial/AGESP 2023	GRUPO 3
V E R E I R O	14/11/2023	Das 08h às 12h	Curso: Storytelling como Estratégia de Marketing: Contando Histórias para Encantar e Engajar.		
	17/11/2023	Das 08h às 12h	Curso: Storytelling como Estratégia de Marketing: Contando Histórias para Encantar e Engajar.		
	18/11/2023	Das 16h às 18h	Palestra Cooperativismo: na Essência e a Força da mulher		GRUPO 4
	25/11/2023			FOLGA	
D E Z E M B R O	02/12/2023	14h30-receber bordados 15h30-Roda	Roda de Conversa	Divina/Maria do Carmo	GRUPO 1
	09/12/2023	14h30-receber bordados 15h30-Roda	Roda de Conversa	Fátima/Maura	GRUPO 2
	16/12/2023	14h30-receber bordados 15h30-Roda	Roda de Conversa	Nélla/Nil	GRUPO 3
	23/12/2023	14h30-receber bordados 15h30-Roda	Roda de Conversa	Rose/Sandra	GRUPO 4
	30/12/2023			FOLGA	

Fonte: da autora.

Sua transcrição pode ser observada na Tabela 3.

Tabela 3: Transcrição da Tabela de Eventos

Escala de Coordenação das Rodas de Conversas - Agenda de Cursos e Palestras					
Mês	Data	Horário	Atividade	Coordenadora	Lanche
Setembro	02/09/2023			Folga	
	08/09/2023	Das 9h às 19h	Curso de Análise Mercadológica - Renato Imbroisi (Presencial)		A combinar
	09/09/2023	Das 9h às 19h	Curso de Análise Mercadológica - Renato Imbroisi (Presencial)		Grupo 3
	16/09/2023	Das 14h às 19h	Curso Finanças Pessoais - Fernando		Grupo 4
	23/09/2023	14h30 - receber bordados 15h30 - Roda	Roda de Conversa	Cecília/Cláudia	Grupo 1
	26/09/2023 01/10/2023			Feira - FENACE Fortaleza - Celma	

continuação

	30/09/2023	14h30 - receber bordados 15h30 - Roda	Roda de Conversa	Ana Maria/Carlos	Grupo 2
Outubro	07/10/2023	14h30 - receber bordados 15h30 - Roda	Roda de Conversa	Laurinda/Adenilda	Grupo 3
	14/10/2023	14h30 - receber bordados 15h30 - Roda	Roda de Conversa	Dalila/Djanira	Grupo 4
	21/10/2023	14h30 - receber bordados 15h30 - Roda	Roda de Conversa	Erina/Gleidy	Grupo 1
	28/10/2023	Folga			
Novembro	4/11/2023	14h30 - receber bordados 15h30 - Roda	Roda de Conversa	Leila/Lucilma	Grupo 2
	11/11/2023	Das 9h às 18h	Assembleia Geral Especial/AGESP 2023	Luiz/Luiza e Celma	Grupo 3
	14/11/2023	Das 8h às 12h	Curso: Storytelling como Estratégia de Marketing: Contando Histórias para Encantar e Engajar		
	17/11/2023	Das 8h às 12h	Curso: Storytelling como Estratégia de Marketing: Contando Histórias para Encantar e Engajar		
	18/11/2023	Das 16h às 18h	Palestra Cooperativismo na Essência e a Força da mulher		Grupo 4
	25/11/2023	Folga			
Dezembro	2/12/2023	14h30 - receber bordados 15h30 - Roda	Roda de Conversa	Divina/Maria do Carmo	Grupo 1
	9/12/2023	14h30 - receber bordados 15h30 - Roda	Roda de Conversa	Fátima/Maura	Grupo 2

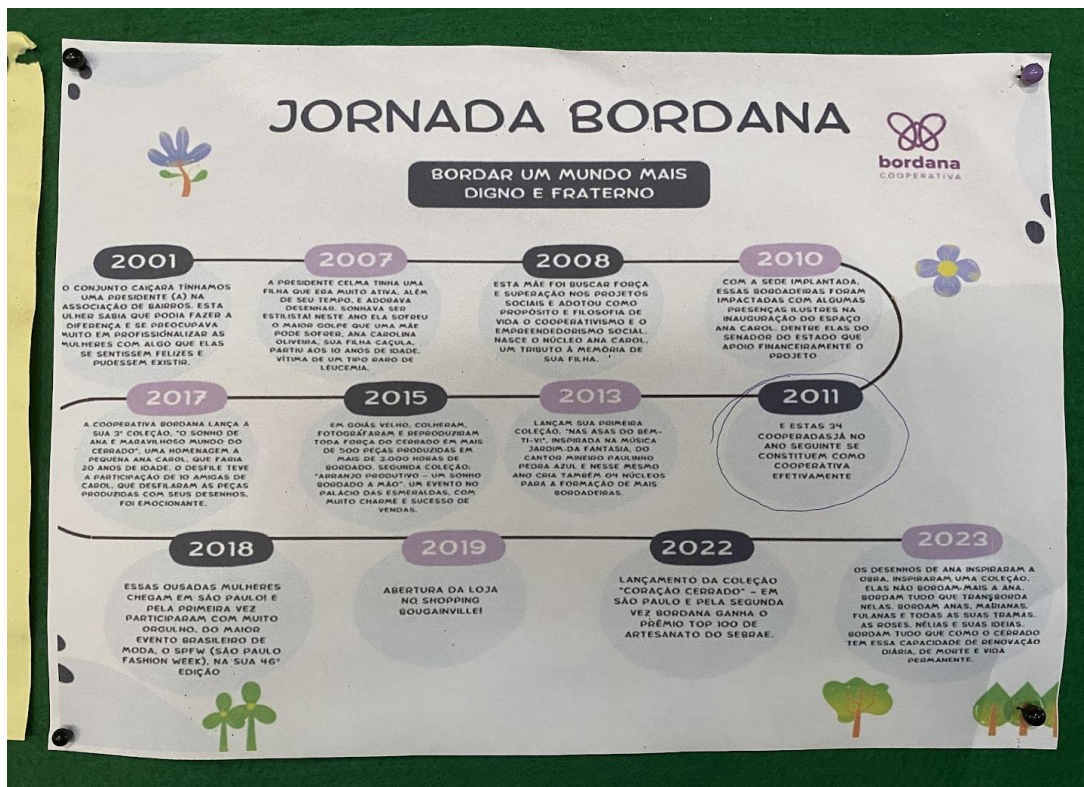
conclusão

	16/12/2023	14h30 - receber bordados 15h30 – Roda	Roda de Conversa	Nélia/Nil	Grupo 3
	23/12/2023	14h30 - receber bordados 15h30 – Roda	Roda de Conversa	Rose/Sandra	Grupo 4
	30/12/2023	Folga			

Fonte: Figura 22

Além disso, chamou-me a atenção um diagrama intitulado “Jornada Bordana”, Figura 23, no qual é exibida uma linha do tempo com os principais acontecimentos e conquistas da Bordana ao longo do tempo.

Figura 23: Jornada Bordana



Fonte: da autora.

Sua transcrição pode ser observada na Tabela 4 a seguir.

Tabela 4: Jornada Bordana

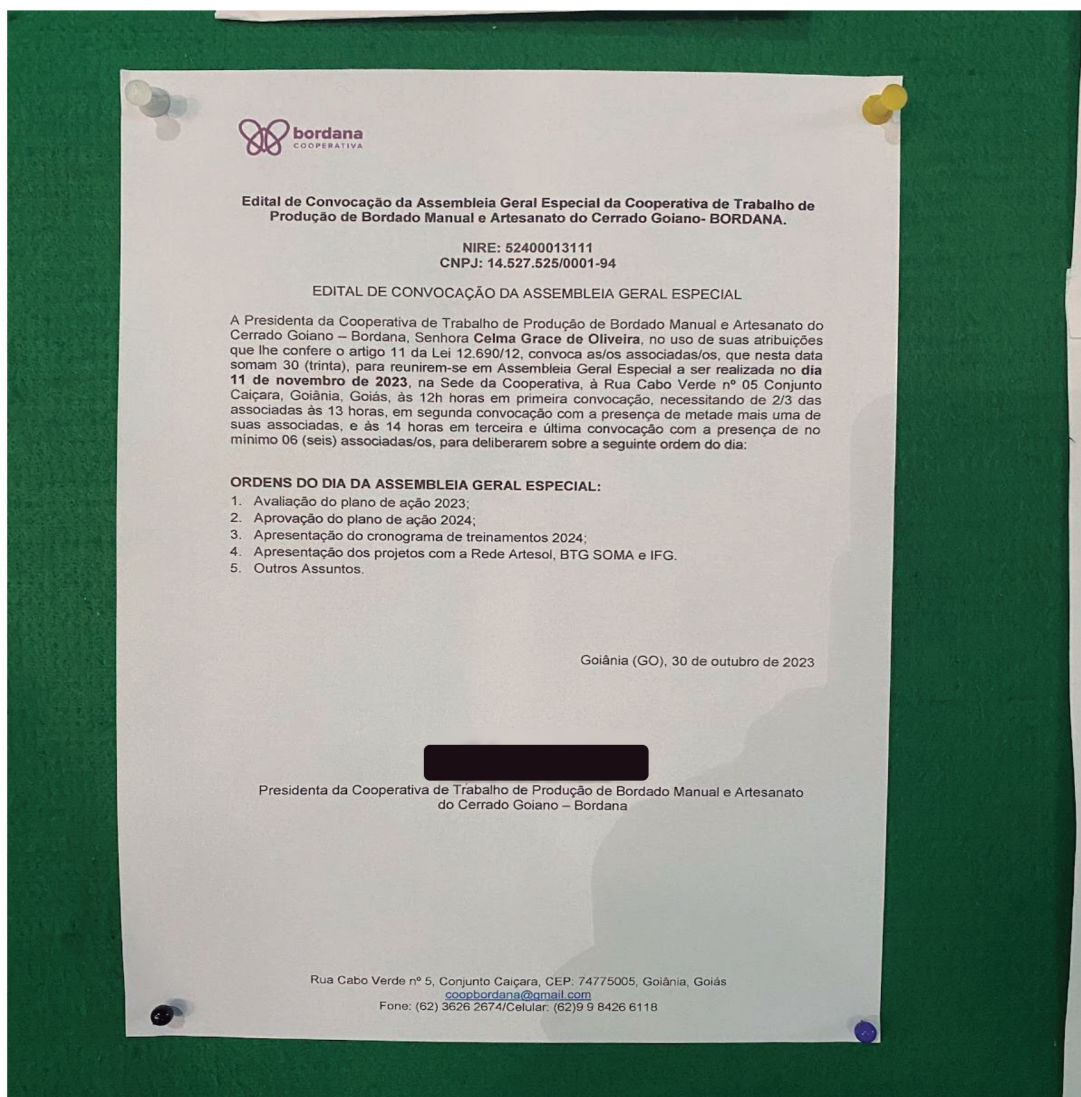
Jornada Bordana - Bordar um mundo mais digno e fraterno	
2001	No Conjunto Caiçara tínhamos uma presidente(a) na associação de bairros, esta mulher sabia que podia fazer a diferença e se preocupava muito em profissionalizar as mulheres com algo que elas se sentissem felizes e pudessem existir.
2007	A presidente Celma tinha uma filha que era muito ativa. Além de seu tempo, adorava desenhar. Sonhava ser estilista! Neste ano ela sofreu o maior golpe que uma mãe pode sofrer, Ana Carolina Oliveira, sua filha caçula, partiu aos 10 anos de idade. Vítima de um tipo raro de leucemia.
2008	Esta mãe foi buscar força e superação nos projetos sociais e adotou como propósito e filosofia de vida o cooperativismo e o empreendedorismo social. Nasce o núcleo Ana Carol. Um tributo à memória de sua filha.
2010	Com a sede implantada, essas bordadeiras foram impactadas com algumas presenças ilustres na inauguração do espaço Ana Carol, dentre elas do senador do estado que apoiou financeiramente o projeto.
2011	E estas 34 cooperadas já no ano seguinte se constituem como cooperativa efetivamente.
2013	Lançam sua primeira coleção, "nas asas do bem-te-vi". Inspirada na música "Jardim da fantasia", do cantor mineiro Paulinho Pedra Azul e nesse mesmo ano cria também 04 núcleos para a formação de mais bordadeiras.
2015	Em Goiás Velho colheram, fotografaram e reproduziram toda força do cerrado em mais de 500 peças produzidas em mais de 3.000 horas de bordado. Segunda coleção, "arranjo produtivo - um sonho bordado a mão". Um evento no palácio das esmeraldas, com muito charme e sucesso de vendas.
2017	A cooperativa Bordana lança a sua 3ª coleção, "O sonho de Ana e o maravilhoso mundo do cerrado", uma homenagem à pequena Ana Carol, que faria 20 anos de idade. O desfile teve a participação de 10 amigas de Carol que desfilaram as peças produzidas com seus desenhos. Foi emocionante.
2018	Essas ousadas mulheres chegam em São Paulo! E pela primeira vez participaram com muito orgulho, do maior evento brasileiro de moda. O SPFW (São Paulo Fashion Week), na sua 46ª edição.
2019	Abertura da loja no shopping Bougainville!
2022	Lançamento da coleção "Coração Cerrado" - em São Paulo e pela segunda vez Bordana ganha o prêmio top 100 de artesanato do Sebrae

2023	Os desenhos de Ana inspiraram a obra. Inspiraram uma coleção. Elas não bordam mais a Ana. Bordam tudo que transborda nelas. Bordam Anas, Marianas, fulanas e todas as suas tramas. As Roses, Nélías e suas ideias. Bordam tudo que como o Cerrado tem essa capacidade de renovação diária, de morte e vida permanente.
------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Figura 23.

Ao seu redor foi possível também ter acesso ao edital de convocação da Assembleia Geral Especial (AGESP), Figura 24, que se realizou no dia 11 de novembro de 2023, cujas ordens do dia contemplavam: avaliação do plano de ação de 2023, aprovação do plano de ação de 2024, apresentação do cronograma de treinamentos de 2024, apresentação dos projetos com a Rede Artesol, BTG SOMA e IFG, além de “outros assuntos”.

Figura 24: Edital de Convocação




Fonte: da autora.

Sendo assim, no dia 11 de novembro de 2023, estive presente durante a AGESP, visto que logo após as deliberações ocorreria mais uma roda de conversa entre mim e algumas das cooperadas. Foi possível acompanhar a dinâmica de exposição das pautas e notar, mais uma vez, o cuidado com a organização e atenção à fluidez das informações compartilhadas por meio de uma projeção digital de aproximadamente 40 slides, que, além das ordens do dia contidas no edital de convocação, trouxe reflexões acerca das ações em andamento na cooperativa. A meu pedido, foi disponibilizada uma cópia da apresentação a fim de ilustrar passagens que amparam minhas percepções.

A reunião partiu da reafirmação das premissas da cooperativa, inclusive com uma homenagem à menina Ana Carolina, Figura 25, cujo nome faz parte da marca da instituição.

Figura 25: Slide em homenagem à Ana Carolina


Assembleia Geral Especial - AGESP 2023


bordana
COOPERATIVA

Carol construiu sua trajetória, seu percurso entre nós como uma flor que brotou do Cerrado, e ainda na primavera partiu... Ficou os sonhos e um AMOR imenso...
Nasceu a BordAna

Juntas/os, com nossos ombros unidos seguiremos em frente com garra, força e a doçura que Carol construiu em nossos corações.

Adaptação de um poema do querido amigo, Fábio Tokarski



Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.
Antoine de Saint-Exupéry

Fonte: arquivo disponibilizado por Celma Grace.

Cada assunto abordado era acompanhado de uma reflexão inerente ao tema. Exemplo disso foi a tela referente à apresentação do cronograma de formação e treinamentos para 2024, que trazia uma citação de Paulo Freire, Figura 26, conforme figura a seguir:

Figura 26: Slide Paulo Freire



Fonte: arquivo disponibilizado por Celma Grace.

Além da forma como os assuntos eram introduzidos, pôde-se observar a reafirmação das diretrizes estratégicas, tais como: “Missão”, “Visão”, “Valores” e “Propósito”. Nesses quesitos são destacadas condutas que a cooperativa almeja manter ou alcançar (Tabela 5):

Tabela 5: Condutas

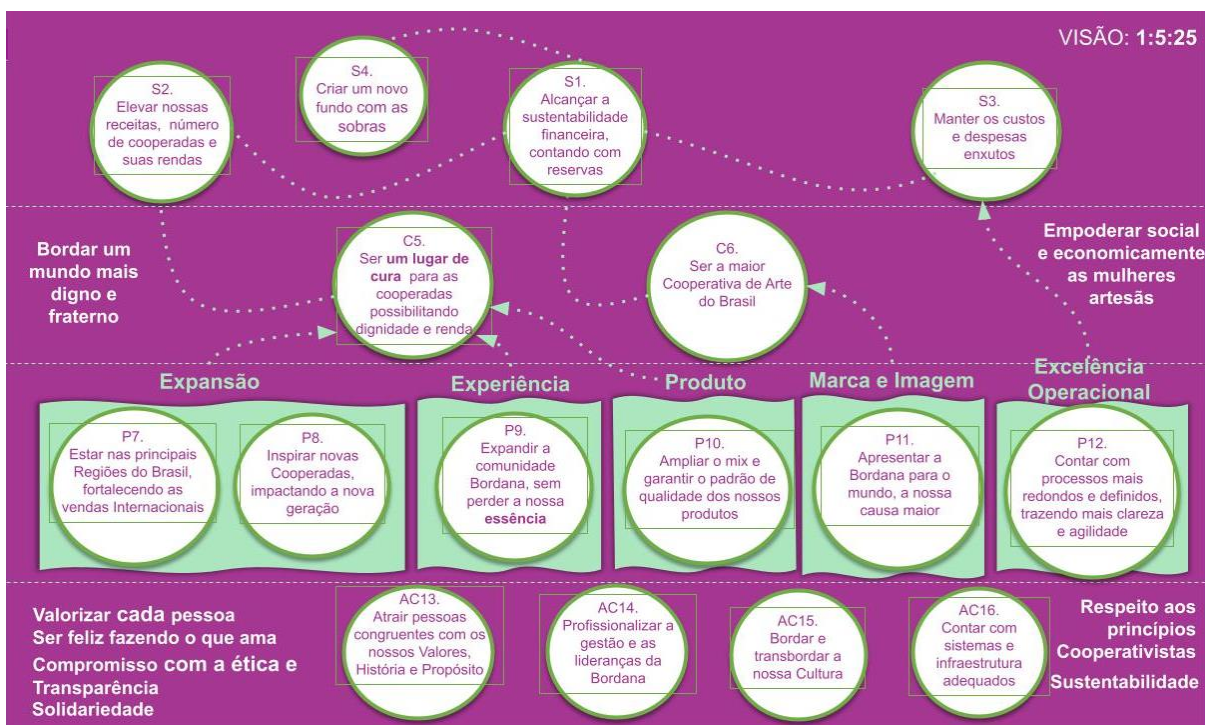
Missão	Visão	Valores	Propósito
Bordar um mundo mais digno e fraterno.	Ser reconhecida como a maior Cooperativa de Arte do Brasil, sustentável social e economicamente, até 2025.	Valorizar cada pessoa; Ser feliz fazendo o que ama; Compromisso com a ética e transparência; Solidariedade; Respeito aos princípios cooperativistas; Sustentabilidade.	Prover o empoderamento social e econômico de pessoas artesãs.

Fonte: arquivo disponibilizado por Celma Grace.

De forma mais detalhada, ainda foi exposto um diagrama com ações que desenham o caminho a ser percorrido até a conquista dos objetivos propostos, Figura 27. A trajetória parte de um eixo principal composto pelos termos: Expansão,

Experiência, Produto, Marca e Imagem e Excelência Operacional. Cada um deles se ramifica e se interliga a ações complementares.

Figura 27: Diagrama do caminho a ser percorrido



Fonte: arquivo disponibilizado por Celma Grace.

Nota-se que o caminho desenhado se mostra coerente, reafirmando os preceitos previamente citados e complementado com iniciativas mais específicas. Ainda nesse sentido, destaco o trecho que se inicia em um dos eixos principais - Experiência. Parte-se da seguinte afirmação: expandir a comunidade Bordana sem perder a nossa essência. Na continuidade das linhas que unem a sequência são lidas as passagens: ser um lugar de cura para as cooperadas possibilitando dignidade e renda; elevar nossas receitas, número de cooperadas e suas rendas; alcançar a sustentabilidade financeira, contando com reservas; criar um novo fundo com as sobras; manter os custos e despesas enxutos e, por fim, ser a maior cooperativa de arte do Brasil.

Sendo assim, a assembleia prosseguiu trazendo informações estratégicas para avaliação das ações do ano de 2023. Nesta etapa, foram exibidos dois quadros referentes à avaliação do plano de ação de 2023. O primeiro trouxe os objetivos estratégicos propostos para o ano e o segundo, o mapa estratégico (tabelas 6 e 7).

Tabela 6: Objetivos estratégicos

OBJETIVOS ESTRATÉGICOS			
OBJETIVO 1	POR QUE	FORÇA	FRAQUEZA
Aumentar a lucratividade	Garantir a sustentabilidade da cooperativa	Planejamento financeiro	Falta estratégia de vendas, falta de processo, falta mix melhor
		OPORTUNIDADE	AMEAÇA
		Feiras e parcerias com cooperativas	Produto artesanal, maior valor
OBJETIVO 2	POR QUE	FORÇA	FRAQUEZA
Aumentar a participação e produtividade das cooperadas na produção e nas vendas	Aumentar produção e vendas	Loja shopping, 31 cooperadas	Falta planejamento de produção, falta de processo da produção
		OPORTUNIDADE	AMEAÇA
		Diversos canais de venda	Falta de interesse por ser cooperado
OBJETIVO 3	POR QUE	FORÇA	FRAQUEZA
Aumentar a quantidade de ações ESG para a relevância da cooperativa	Cumprir missão da cooperativa	Capacidade de articulação, possibilidade de parcerias	Falta planejamento e definição de ações
		OPORTUNIDADE	AMEAÇA
		Fazer parcerias, ações sociais que trazem novas cooperadas	Novas exigências da lei e/ou da sociedade

Fonte: Figura 27

Tabela 7: Mapa estratégico

MAPA ESTRATÉGICO 2023			
OBJETIVO	META	INDICADOR	RESULTADO
FINANCEIRO			
F1 Aumentar as vendas	50%	Receita Operacional	0,36%
F2 Melhorar a lucratividade	10%	Resultado DRE	2,5%
CLIENTE			

conclusão

C1 Agregar valor ao produto	5 produtos novos	Parceria com ARTESOL	Coleção Cerrado Seco
C2 Agregar valor à marca/cooperativismo	4 ações no ano	Quantidade de ação	4
C3 Promover ações ESG	6 ações no ano	Relatório anual ESG	7
PROCESSOS			
P1 Estruturar e agilizar a produção	Média 207 pc	Quantidade de peças produzidas	120
P2 Fazer fechamento mensal DRE	Mensal	Relatório DRE	Concluído
PESSOAS			
A1 Valorizar cooperadas/os	4 ações no ano	Quantidade de ação	7
A2 Promover treinamentos diversos	4 ações no ano	Quantidade de treinamento	6
A3 Ter maior interação da diretoria e gestão por dados	Mensal	Reunião Plano de Ação	Mentoria BTG Plano PDI

Fonte: apresentação disponibilizada por Celma Grace.

Assim que a assembleia foi declarada encerrada, dirigi-me até Celma e durante uma rápida conversa, além de compartilhar os arquivos referentes às informações expostas nas telas durante a apresentação, ainda providenciou uma cópia de um documento no qual eu poderia me inteirar dos requisitos para se tornar cooperado da Bordana, o processo de admissão e os diferenciais do modelo cooperativista. Sua transcrição pode ser observada na Tabela 8 a seguir.

Tabela 8: Como ser um cooperado

Como ser uma (o) Cooperada (o) Bordana	
Requisitos para ser uma (o) cooperada (o) Bordana:	<ul style="list-style-type: none"> • Facilidade para trabalhar em equipe (ter espírito cooperativista); • Ter tempo para dedicar ao trabalho (no mínimo 4 horas por dia); • Ter disposição e disponibilidade para participar das assembleias, reuniões, treinamentos e aprender sobre: bordado, costura, cooperativismo, empreendedorismo, economia solidária e outros; • Produzir no mínimo 03 peças semanais, com a qualidade exigida pela cooperativa; • Pagar taxa administrativa no valor de R\$ 50,00/mês; • Participar dos encontros presenciais (aos sábados), no período da tarde e eventualmente o dia todo.

conclusão

<p>Processo de admissão:</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Visitar a cooperativa - A pessoa interessada deverá primeiro, visitar a Casa da Bordana e conhecer de perto o funcionamento e a equipe Bordana – Rua Cabo Verde, 05, Conjunto Caiçara, Goiânia/GO 2. Fazer o curso de bordado - A pessoa interessada irá agendar as aulas de acordo com sua disponibilidade e agenda da Cooperativa Bordana. Valor a combinar. Após o término das aulas, a (o) aluna (o) fará uma peça piloto que será avaliada pela equipe de controle de qualidade da Cooperativa Bordana, se aprovada a pessoa começa a produzir, caso contrário, terá que continuar o treinamento. 3. Entrevista e inscrição - A pessoa interessada vai preencher o Cadastro de Cooperada (o) e passará por uma entrevista com uma das diretoras da Cooperativa Bordana; 4. Seleção - Em reunião a diretoria da Cooperativa Bordana irá avaliar a admissão da (o) nova (o) cooperada (o), de acordo com os critérios estabelecidos no Estatuto Social e Regimento Interno; 5. Quota - parte (LEI Nº 5.764/71) – A (o) nova (o) associada (o) deverá fazer o depósito do valor integral (R\$ 300,00) ou parcelado (em até 10 vezes) referente a integralização da quota-parte, até o dia 10 de cada mês, na conta da Cooperativa Bordana – SICCOB (756) – Agência: 3348 – Operação: 003 – Conta: 2030-3. CNPJ: 14.527.525/0001-94. Obs.: a quota-parte é única e se algum dia a cooperada sair da cooperativa, ela recebe de volta, reajustada pelo índice da poupança. 6. Formação - Após admissão a (o) nova (o) cooperada (o) receberá instruções para fazer o curso sobre cooperativismo básico (plataforma Capacitacoop), material sobre cooperativismo e o Estatuto Social da Cooperativa Bordana (PDF); 7. Boas-vindas – A (o) nova (o) associada (o) será apresentada (o) a toda equipe Bordana preferencialmente aos sábados, com uma atividade de boas-vindas e integração à Cooperativa Bordana.
<p>Diferenciais do modelo cooperativista:</p>	<p>O sistema cooperativista é fundamentado na reunião de pessoas com objetivos de atender às necessidades do grupo e não do capital, visando a prosperidade do coletivo. Alguns diferenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Somos donas (os) do próprio negócio; • Temos controle sobre a produção e comercialização dos produtos; • Flexibilidade de horário (podemos produzir em casa e eventualmente na cooperativa); • Participamos democraticamente de todas as decisões; • Participamos das sobras – o resultado do trabalho é dividido entre as cooperadas (os) na proporção do trabalho realizado; • Dividimos bônus e ônus; • Recebemos e ganhamos conforme a produção; • Recebemos com frequência: treinamentos e capacitações individuais e coletivas; • Negociamos menores preços na compra de insumos para produção; • Conseguimos preço justo e melhores resultados na venda dos produtos; • Praticamos a solidariedade, a empatia e a sororidade (dentro e fora da cooperativa); • Temos uma organização (Sistema OCB/GO) que nos representa no aspecto político, econômico e social; • Crescemos juntas (os) – Recebemos treinamentos, capacitações, palestras, cursos, consultoria (SESCOOP/GO)

Fonte: arquivo disponibilizado por Celma Grace.

4.3 O Design se entrelaça

A prática de padronização das peças produzidas pela Bordana, que num primeiro momento pode ter trazido a impressão de um apagamento da identidade particular de cada bordadeira em prol da identidade da cooperativa, acaba por invocar uma reflexão mais profunda. Fato é, que a partir do momento que é levado em consideração o papel do Design no processo de criação e sua relação entre forma e função, é possível descobrir uma linha de raciocínio que traz novos argumentos à discussão.

Partindo do princípio de que o Design intenta aliar valores estéticos a aspectos de funcionalidade permitindo assim a confecção de um produto passível de produção em série e sua colocação no mercado, passa-se a perceber que a padronização adotada pela cooperativa é parte de um processo que se mostra coeso com seus objetivos. Visto que dentro de seu propósito de “prover o empoderamento social e econômico de pessoas artesãs” (ver Tabela 2), fica claro que a questão do fortalecimento econômico das cooperadas é um compromisso significativo na empreitada do grupo. Sendo assim, tal processo de tornar possível a produção em série das peças bordadas revela-se como uma conduta eficaz rumo à comercialização dos produtos.

Mais uma vez revisitando as primeiras impressões, vale lembrar do fato da participação de um designer não cooperado - Renato Imbroisi - na criação das coleções da Bordana. Tendo em vista a conjuntura observada até então, ficava a presunção de que este profissional tomava a frente do processo criativo, sendo apenas seguido e replicado pelas bordadeiras. Seria até de se imaginar que, a partir do momento que os desenhos deveriam ser replicáveis, o designer tomasse conta de todo esse processo, desde os primeiros rascunhos até o traçado final do riscado a ser bordado.

Porém, assim que a presente investigação seguiu avançando em busca de informações, constatou-se uma participação efetiva do grupo durante o processo criativo de uma das coleções, conforme conversa com Celma Grace, fundadora da Bordana, ao descrever a criação da coleção “Arranjo Produtivo”, de 2014.

Transcrição: trecho de conversa individual, ocorrida em 11 de novembro de 2023

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Nós fizemos uma coleção, Arranjo Produtivo. É uma coleção toda feita com arranjos do Cerrado. Aí ele (Renato) pediu para que cada uma cooperada trouxesse um arranjo de casa. Que elas trouxessem de casa, do quintal, daqui do bairro, um arranjo de flores. Aí cada uma trouxe o seu vaso e montou seu arranjo. Aí ela faz um desenho, aí depois nós fomos pro Cerrado. Aí levamos todo mundo pro Cerrado. Aí, fomos pro meio do mato, cada uma catou lá um negócio e fez o seu arranjo. Só que, lógico, depois o designer vai botando as flores, porque você não acha o vaso todo no mesmo lugar, no mesmo dia, né? Então aí virou a coleção Arranjo Produtivo. Essa coleção tem colcha, tem algumas peças que não tem no mix tradicional.

Graças às palavras de Celma, uma nova perspectiva veio à tona: a co-criação dos desenhos, numa parceria entre as cooperadas e Renato. A fim de aprofundar a investigação, solicitei a Celma mais informações sobre a coleção citada e imediatamente recebi uma cópia digital do catálogo de peças. Nele pude ter acesso a uma série de imagens, inclusive ao registro do momento em que um dos desenhos era traçado pelas mãos de uma cooperada (Figura 28).

Figura 28: Cooperada traçando desenho



Fonte: página 24 do catálogo “Arranjo Produtivo”, disponibilizado digitalmente por Celma Grace.

Ainda no catálogo, foi possível ter acesso a um texto introdutório que esclarece que a parceria com Renato se deu por meio do apoio do Sistema OCB/SESCOOP-

GO¹⁹ e SEBRAE-GO²⁰. Adicionalmente, é informado que à época participaram 27 cooperadas em oficinas realizadas em março de 2014 e que para desenvolver a coleção foram propostos os seguintes exercícios: o desenho de observação de flores do próprio Cerrado; a criação de arranjos florais pelas bordadeiras em vasos escolhidos por cada uma, depois desenhados e bordados pelas próprias; e a produção de peças maiores do que costumavam fazer antes, como as colchas coletivas, em que cada artesã borda um tecido em formato quadrado, sendo depois costurado formando uma única peça.

4.4 Nova roda

Na mesma data em que a conversa com Celma ocorreu, em 11 de novembro de 2023, estava marcada a segunda roda de conversa, que contou com a participação de:

Cláudia Martins Santos Veiga, 58 anos, bordadeira;

Celma Grace de Oliveira, 52 anos, diretora presidenta;

Rosenelia Theiss, 68 anos, bordadeira;

Leila Nogueira Gonzaga, 62 anos, embaixadora ambiental;

Maria de Fátima Chagas, 61 anos, bordadeira;

Ana Maria Batista de Souza, 69 anos, bordadeira;

Gleidy Marques, 56 anos, bordadeira e diretora financeiro-administrativa;

Luiz Felipe Pereira, 23 anos, designer e diretor comercial.

As participantes se mostraram, mais uma vez, interessadas em dialogar sobre os temas levantados e a conversa fluiu trazendo informações que se conectaram inclusive com fatos que haviam sido discutidos durante a primeira roda, em 10 de

¹⁹ OCB – Organização das cooperativas Brasileiras, SESCOOP - Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo. O Sistema OCB/GO é dividido em duas casas, cada uma com sua função específica e ambas trabalhando juntas pelo cooperativismo goiano. A OCB/GO é a entidade representativa do cooperativismo em Goiás, responsável pela promoção e defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais. Já o SESCOOP/GO é o braço educacional do Sistema, responsável pela formação e capacitação de empregados, dirigentes e conselheiros. Disponível em: <https://www.goiascooperativo.coop.br/sistemaocbgo/>

²⁰ SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - entidade associativa de direito privado, sem fins lucrativos, instituída sob a forma de Serviço Social Autônomo, regulada por Estatuto. Tem por objetivo fomentar o desenvolvimento sustentável, a competitividade e o aperfeiçoamento técnico das microempresas e das empresas de pequeno porte industriais, comerciais, agrícolas e de serviços. Disponível em: <https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Transpar%C3%Aancia/Manual-Governanca-Sebrae-Goiias-2023.pdf>

junho de 2023, e auxiliaram na solução de dúvidas que permaneciam desde então.

Figura 29: Cláudia, Celma, Rosenelia, Leila, Ana Maria, Gleidy e Isabele



Fonte: da autora 2023.

Até mesmo Luiz, que a princípio não havia se juntado ao grupo (figura 29), foi trazido à conversa por intermédio das cooperadas e a questão da criação dos desenhos foi novamente levantada. Dessa vez, já levando em consideração a configuração mais recente da Bordana, o discurso não se manteve exatamente como o descrito na primeira roda de conversa, especialmente quanto ao papel de Luiz nas atividades da cooperativa, que agora é cooperado e possui cargo na diretoria da instituição.

Transcrição: trecho da segunda roda de conversa, ocorrida em 11 de novembro de 2023

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: O Luiz, que é cooperado, ele que desenha.

Rosenelia Theiss, bordadeira: É aquele ali, ó!

Isabele: Ah, sim! Me lembro dele. Então ele desenha pra vocês já como cooperado, né? E o Luiz pretende continuar fazendo os desenhos?

Luiz Felipe, designer e diretor comercial: Estão falando de mim.

Isabele: Mas só coisa boa! Luiz, você pretende continuar fazendo os desenhos?

Luiz Felipe, designer e diretor comercial: Ah, eu pretendo...

Gleidy Marques, bordadeira e diretora financeiro-administrativa: Você pretende?! (risos)

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Ele é diretor. Ele é diretor comercial.

Luiz Felipe, designer e diretor comercial: Não tem nem como fugir, com essa frase de ser diretor comercial...

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Foi estratégico.

Conforme mencionado anteriormente nesta investigação, Luiz Felipe Pereira é um jovem designer que iniciou seus trabalhos na Bordana como estagiário, em 2021. Entre suas produções estão os desenhos da coleção “Coração Cerrado”, de 2022. Mais uma vez, Renato Imbroisi esteve presente na fase de concepção da coleção e Luiz ficou encarregado de desenhar os corações formados por flores do Cerrado.

Instigada pelas novas informações e ainda no propósito de entender melhor o papel de Renato, Luiz e das cooperadas na linha de criação e produção dos bordados, prossegui a conversa:

Transcrição: trecho da segunda roda de conversa, ocorrida em 11 de novembro de 2023

Isabele: Eu ouvi você falando, Celma, do Renato Imbroisi. Ele também participa dessa fase de criação dos desenhos, né?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Ele é um consultor da área de design e artesanato. Aí ele chega aqui no grupo e identifica o que nós estamos querendo. E aí a gente vai sugerindo, sugerindo, e aí junto com a sugestão e a ideia dele, aí a gente cria. É uma co-criação. Com a experiência dele, com o nosso desejo, aí sai a coleção.

Isabele: Tá... Aí vocês fazem uma reunião então com todas?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Com todas. Aí ele vem. Quando ele vem, ele fica três, quatro dias. Aí nesses dias a gente está aqui com ele o tempo todo. Pena que não consegue reunir todo mundo, quando ele vem.

Gleidy Marques, bordadeira e diretora financeiro-administrativa: E isso faz parte dos cursos, viu?! Dos cursos pelo SESCOOP. Ele é contratado pelo SESCOOP.

Isabele: Ah, entendi.

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Porque ele é o cara do artesanato, do design no Brasil. É até fora.

Isabele: Ele é famoso, né?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Famoso e assim, a consultoria dele não é barata, né? Porque com a experiência que ele tem.

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Aí, a gente consegue trazer ele pelo SESCOOP.

Isabele: Ah, entendi.

Rosenelia Theiss, bordadeira: E você precisa ver como ele movimentou o mercado aqui, as Bordanas, viu?!

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Ele dá uma chacoalhada assim, boa.

Cláudia Martins, bordadeira: E às vezes a gente faz um almoço, e almoça todo mundo aqui...

Isabele: Olha só! E por ele atuar em muitas cooperativas, será que não pode acontecer de repente começarem a sair trabalhos parecidos, por ter a participação dele, vocês já repararam isso?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Já.

Isabele: Você fala, aqui tem a mão do Renato?

Rosenelia Theiss, bordadeira: Sim, a gente sabe onde tem a mão do Renato.

Isabele: E isso pra vocês não tem problema?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Não, mas apesar disso, não é igual.

Gleidya Marques, bordadeira e diretora financeiro-administrativa: A metodologia dele é que a gente percebe que é igual.

Ana Maria, bordadeira: Mas o produto não fica igual. O produto que ele faz, ele tem esse cuidado também de que em cada região ele puxa aquilo da região e das pessoas... A identidade do grupo.

Isabele: Então ele dá essa abertura pra vocês, pra ter identidade da Bordana?

Rosenelia Theiss, bordadeira: Ele trabalha com nossas ideias. O que a gente já faz, ele trabalha dentro disso.

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Ele respeita muito a identidade do grupo.

Rosenelia Theiss, bordadeira: Ele não traz nada pronto. Nada.

Isabele: Era minha próxima pergunta. Ele desenvolve na hora aqui com vocês?

Rosenelia Theiss, bordadeira: E ele viaja bastante, a cabeça dele vai longe.

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: É um desafio, ele chega com um desafio bem desafiador. (risos)

Rosenelia Theiss, bordadeira: Você está falando com ele... E ele: já sei. Ah, lá vem chumbo.

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Aí a gente fala, não, não, não vai dar certo em nós, esse negócio nós não vamos dar conta. Aí ele insiste, insiste, insiste.

Isabele: Mas já chegou no ponto de vocês falarem não, a gente não quer, isso não é isso aqui que a gente quer. Ele aceitou o não de vocês?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Não, ele vai tentando comer pelas beiradas, assim, aí a gente vai dialogando.

Gleidy Marques, bordadeira e diretora financeiro-administrativa: Eu acho que só teve um que nós não conseguimos realizar com ele, que foi o desenho das árvores.

Isabele: É? E aí como é que ficou essa história?

Gleidy Marques, bordadeira e diretora financeiro-administrativa: Acho que foi a única que nós...

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Mas não foi em imposição, não foi algo de imposição.

Gleidy Marques, bordadeira e diretora financeiro-administrativa: Não, mas porque nós realmente não conseguimos.

Isabele: E aí vocês falaram “não vai dar” e não fizeram?

Gleidy Marques, bordadeira e diretora financeiro-administrativa: Mas ele não esqueceu ainda não.

Cláudia Martins, bordadeira: Ele ainda está meio falando de fazer...

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Não é que a gente não queria, porque realmente não deu. Foi muito rápido, já era pra lançar a coleção e já foi ali, já mudou, já foi pra São Paulo. Aí ele... Não deu tempo. Mas ele não esqueceu ainda não.

Isabele: Mas assim, ele aceita um não, não vai ser possível?

Rosenelia Theiss, bordadeira: É... Ele não aceita de cara não, ele tenta argumentar, ele tenta fazer a cabeça da gente. A gente sabe até onde a gente consegue ir, se não pode.

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Mas ele explora muito o potencial também, porque às vezes a gente fica aqui... Aí ele traz um desafio, ah esse aqui não vai dar certo, e aí ele vai insistindo, e aí

depois a gente percebe, poxa, é capaz, né? E ele sabe que elas são capazes, que elas vão dar conta.

Rosenelia Theiss, bordadeira: Ele fala pra gente pra fazer alguma coisa que a gente olha e diz: isso vai ficar horrível! Não vai dar certo isso aqui. E dá certo, fica bom.

Isabele: E os temas também, vocês fazem muito flora, fauna do Cerrado. Isso é uma escolha de vocês, é uma escolha da Bordana, né? Ou foi sugestão dele?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Não, nós nascemos com essa identidade.

Isabele: E não pretendem variar ou trocar o tema?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Não, mas não é que “Ah, nunca vamos sair desse tema”. Uma coisa ou outra dá pra fazer, mas o principal é o Cerrado.

Isabele: E se um dia o Renato chegar aqui e falar vamos bordar....

Rosenelia Theiss, bordadeira: Ah, o cara é do Paraná.

Isabele: ...crianças?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Aí a criança a gente vai ver o que dá pra inserir no Cerrado.

Isabele: Ah, entendi. Vocês tentam adaptar, então. E se um dia, por exemplo, surgir uma pessoa que veio aqui, se identificou, se tornou cooperada, no perfil do Renato, por exemplo, e começar a sugerir coisas e tal, e vocês virem que está funcionando, de repente pode existir até a possibilidade de vocês abrirem mão do Renato por uma pessoa que já está aqui dentro?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Ah, sim! Seria ótimo, seria maravilhoso! Aí a gente teria uma pessoa o tempo inteiro aqui, não só de vez em quando. Que é um desafio, porque tem a coleção que cria com ele, mas tem o nosso mix de outros produtos que a gente tem no mix da cooperativa aqui, que precisa ser melhorado, que precisa ser repensado, que aí não tem essa pessoa assim pra ficar cuidando desses detalhes. A coleção é uma coisa, você desenvolveu, tá ali, tá pronta, tá linda maravilhosa. Mas tem o outro aqui, que é aquele produto que a gente vende, que a gente chama do “tradicional”, o dia-a-dia, que é um produto que vai pra loja, um produto, que às vezes paga conta, né? E que precisa ser melhorado, precisa ser desenvolvido.

Gleidy Marques, bordadeira e diretora financeiro-administrativa: E também a gente precisa de vez em quando ter produto novo. Além da coleção.

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Porque a gente não faz uma por ano, a gente faz a cada dois anos ou às vezes até mais.

Gleidy Marques, bordadeira e diretora financeiro-administrativa: Porque mesmo independente de ser coleção, assim, se a pessoa chega aqui, nós somos bem transparentes. Quando a gente gosta, a gente leva, né? Vamos supor que não é o perfil da Bordana, ou não vai alcançar o nosso cliente, a gente nem conversa. A gente explica.

Isabele: Então se um dia surgir uma pessoa com esse talento aqui, vocês com certeza vão aproveitar, né? E hoje não tem esse perfil?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: É, tem o Luiz. O Luiz é designer. Designer de interiores. Mas não tem muito tempo, né? Pra ficar pensando.

Isabele: É, eu imagino. Vocês ficam numa correria muito grande aqui, né? Pra atender as demandas...

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Que é um gargalo que nós temos aqui. A parte da gestão da produção. Fazer pesquisa de tendência, trazer um produto novo, aquelas datas comemorativas. Por exemplo: produto para o público masculino. Nós não temos. Se a gente tivesse essa pessoa aqui. Fulano, você vai pensar num produto para o público masculino, porque a Bordana não tem e a gente precisa. Mas aí não tem essa pessoa. Quando precisa fazer um produto novo a gente mesmo vai aqui pensando, pesquisa, um manda ideia, outro vai... E aí termina saindo assim, sofrido, né? É um processo sofrido, diria assim.

Diante do apurado, é possível refletir sobre as relações entre designer e artesãs. Seria temerário que tal relação ocorresse de forma impositiva, a ponto de interferir, alterar materiais e adicionar ícones e objetos numa determinação resultante de desinteresse em relação à identidade da cooperativa. Trataria-se de uma situação que, apesar da riqueza e profundidade do cenário, poderia produzir apenas superficialidades. É imperativo que o profissional do Design reconheça e trabalhe em parceria com as artesãs, acolhendo signos, vontades e personalidades.

Considerando a conversa exposta, esse relacionamento entre designer e artesãs aparenta ser amistoso e colaborativo, apesar de sua contratação ter sido baseada na única opção disponível. De acordo com as falas das cooperadas, o designer Renato Imbroisi é contratado em regime de consultoria. Sua contribuição foi solicitada por meio do SESCOOP-GO, que disponibiliza verbas que fomentam esse tipo de iniciativa. Ainda durante a conversa, o processo de escolha desse profissional foi comentado.

Isabele: Você falou do público masculino, por coincidência os dois designers são homens, né? Quando vocês procuraram, só tinha o Renato ou vocês escolheram o Renato? Como é que foi isso?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Não, porque só tem ele.

Isabele: Não tem designer?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: No SESCOOP não tem outro. E ele só se cadastrou pra atender a Bordana.

A partir desse ponto fica mais claro o processo de parceria entre bordadeiras e designer. O fato de se tratar da única opção de contratação foi decisivo na escolha de Renato, porém, ainda assim as bordadeiras se mostraram aparentemente satisfeitas com o modo que o designer conduz a criação das coleções. Desta forma, fica a oportunidade de ponderar sobre as questões que unem a cooperativa a esse profissional de Design.

Antes mesmo de dar início à reflexão acerca das práticas entre Design e artesanato, é relevante situar a discussão a partir dos modos de operar da pedagogia artesã, lembrando até mesmo das corporações de ofício e da figura do mestre artesão. Nesse contexto, vale recorrer a Antonio Santoni Rugiu (1921-2011), autor italiano que, em sua obra "Nostalgia do mestre artesão", explora a significativa contribuição do artesanato para a cultura e a educação. Rugiu (1998) conceitua o artesão como um trabalhador que administra seu próprio tempo, possuindo um profundo entendimento do processo de produção.

Conforme delineado pelo autor, na pedagogia artesã, a dinâmica de ensino e aprendizagem entre mestre e aprendiz vai além da simples transferência de técnicas. Além da assimilação de procedimentos relacionados aos materiais e ferramentas, desenvolve-se a habilidade de se conectar com a peça artesanal por meio de uma experiência que envolve a partilha de conhecimento.

Quando sublinhamos a grande contribuição de Rousseau, Pestalozzi, Fröbel, Dewey, Ferrière, Kerschensteiner e muitos outros que afirmaram o primado pedagógico da experiência pessoal ativa, e sem nada querer tirar destes monstros sagrados da educação moderna, não deve ser esquecido que este primado pedagógico, ou seja, o primado de modelos formativos opostos àqueles aristocráticos e intelectualistas tradicionalmente afirmados pela teoria da disciplina formal, é um mérito histórico inegável das Corporações medievais. Dizendo Corporações não entendo só as organizações das oficinas artesãs, mas também as oficinas ou as lojas dos grandes e médios mercadores, das quais logo falaremos (Rugiu, 1998, p. 49).

Fazendo um paralelo com o cenário investigado na Bordana, é possível enxergar similaridades. Seja no modo como o designer insere as cooperadas na fase de criação da coleção, como na aplicação de sua experiência no posicionamento das peças bordadas no mercado. A presença de Renato parece ainda ser acompanhada de admiração, visto que nas palavras de Celma se trata do “cara do design e do artesanato no Brasil”.

Isto posto, vale ponderar também acerca das práticas do Design que, como mencionado anteriormente, promove a relação entre forma e função, aliando valores estéticos a aspectos de funcionalidade no intuito de conceber produtos passíveis de reprodução escalonada. Sendo assim, é possível perceber que a cooperativa utiliza das premissas do Design para seu intento. Vê-se que a Bordana usufrui da metodologia e transforma o Design em mecanismo de produção. E isso contribui no sentido de fazer possível a replicação dos itens bordados viabilizando o negócio e a geração de renda para as cooperadas.

Neste ponto, aproveito a menção ao viés econômico para trazer mais uma questão importante a ser considerada e que, inclusive, já foi levantada por Canclini (1982) em sua obra “As culturas populares no capitalismo”. Segundo o autor:

Não basta “resgatar” a cultura popular [...] o artesanato e as festas podem servir para a libertação dos setores oprimidos desde que sejam reconhecidos por eles como símbolos de identidade que propiciam a sua coesão, e desde que os indígenas e as classes populares urbanas consigam converter estes “resíduos” do passado em manifestações “emergentes”, contestatórias. Para que isso ocorra é fundamental que os setores populares se organizem em cooperativas e sindicatos a partir dos quais possam ir reassumindo a propriedade dos meios de produção e de distribuição (Canclini, 1982, p. 110).

Nesse sentido, é válido observar a postura da Bordana e sua aptidão para assumir tal propriedade dos meios de produção e de distribuição. Passada a fase criativa e de replicação dos produtos, o próximo desafio é justamente elaborar estratégias sobre espaços de venda e mecanismos de circulação da mercadoria.

Ainda de acordo com Canclini (1982), as peças artesanais oferecem uma originalidade que as diferenciam da produção em série industrial, fato que causa desejo de consumo nos que pretendem evitar a monotonia dos produtos uniformizados. É uma necessidade contraditória ao ciclo de consumo capitalista que evidencia um novo tipo de demanda: o desejo pelo pitoresco, rústico, folclórico. É a

transformação do prático ao decorativo, fato que influencia inclusive a localização geográfica dos pontos de venda desses produtos.

No caso da cooperativa em questão, é válido mencionar que seu principal ponto de venda físico - além da própria sede da cooperativa, que eventualmente também é utilizada para tal - se localiza em um famoso shopping center da cidade de Goiânia, o Shopping Bougainville. Situado em uma região reconhecidamente nobre da cidade, o shopping é o endereço da loja Colaborarte - que é um espaço de vendas colaborativo. Nela as cooperadas se revezam para estarem presentes realizando vendas e ministrando cursos de bordado. Suas peças dividem as vitrines com itens como biojóias, acessórios em prata e itens de decoração produzidos por outras artesãs, que também participam do revezamento para supervisionar a loja.

Figura 30: Loja Colaborarte



Fonte: https://www.instagram.com/p/CurbhXOumMf/?img_index=1
Perfil: @colaborartebouga

Durante uma das conversas com Celma, a Colaborarte foi lembrada:

Transcrição: trecho de conversa individual, ocorrida em 11 de novembro de 2023

Isabele: [...] A loja lá do Bougainville, assim, a gente sempre que passa naquele shopping não vê muito movimento. Mas rende alguma coisa pra vocês lá?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: Rende. O Bougainville não é shopping de passear, é shopping de ir lá, comprar e ir embora.

Isabele: Então por isso é vazio, né?

Celma Grace de Oliveira, diretora presidenta: É. É sempre daquele jeito, vazio. A pessoa vai assertiva lá. Vai lá, compra e vai embora. Não tem um atrativo o shopping. E lá é muito legal a parceria com o shopping, muito bacana a parceria porque a gente não tem um custo fixo. O que vendeu é um percentual do que vendeu. Quando falam em custo fixo pra mim já me dá coceira, arrepio. Porque não tem ganho fixo, né? Como é que faz o custo fixo? Aí a gente tenta o máximo reduzir o custo fixo, né? A gente fica segurando pra não ter nenhum custo fixo.

Novamente, recorrendo a Canclini (1982, p. 103), fica a percepção de que o comportamento de procura pelo artesanato que culminou no aparecimento de lojas como a Colaborarte é reflexo de determinadas relações de consumo:

As diferenças entre as lojas de artesanato correspondem à necessidade de selecionar e de apresentar os objetos para grupos diversos de consumidores: o de gosto mais ou menos sofisticado, o dos que "adquirem" signos de distinção ou o dos que apenas desejam levar souvenirs. [...] De um lado o gosto da pequena-burguesia e dos setores populares, apegado às manifestações mais imediatas do exótico em suas versões uniformizadas. De outro, o da burguesia e dos setores cultivados da pequena-burguesia, que sublinha, através do interesse pela autenticidade, da sua relação familiar com a origem e com a valorização das inovações formais, sua capacidade em apreciar as obras de arte independentemente da sua utilidade, como um modo de expressar o seu distante relacionamento com as urgências econômicas do cotidiano. Esta diversificação das funções sócio-culturais do artesanato mostra, também, a variedade de níveis e estratégias sociais que envolvem a sua utilização, e em que medida a sua circulação hoje ultrapassa o significado antigo de objetos indígenas produzidos conforme uma finalidade prática ou cerimonial para comunidades de auto-subsistência.

No caso específico, o autor se refere à comercialização de objetos indígenas, no entanto, é possível fazer um paralelo com os itens ofertados na Colaborarte. A presença da loja em um shopping center que aparentemente não é visto tanto como local de passeio e lazer, mas sim de consumo rápido e assertivo cujo público, especialmente da vizinhança, aparenta poder aquisitivo acima da média pode ser ponderada com base no que foi dito por Canclini (1982).

O autor cita as estratégias sociais e a maneira como as peças artesanais tendem a ganhar valores diversos ao seu original, como por exemplo, os de finalidade prática. Ao que parece, esses objetos assumem a função de signos de status. Em outras palavras, seriam como certificados de sofisticação e autenticidade proporcionados pelo poder aquisitivo daqueles que desejam se destacar frente à burguesia.

Sendo assim, mais uma vez fica exposta a competência da Bordana em desbravar oportunidades no sentido de cumprir com seu propósito de proporcionar transformação sócio-econômica às cooperadas. A inserção de seus produtos em um ponto de venda cercado por um perfil de consumidores que parece se encaixar nas características citadas por Canclini (1982) revela a perspicácia do grupo.

Em tempo, é válido registrar que o presente trabalho não pretende inferir acerca do posicionamento da cooperativa frente ao expediente capitalista e seus modos de operar, contudo, viu-se relevante trazer as informações descritas a fim de contextualizar e contribuir com o entendimento quanto às suas iniciativas. Isto posto, ficam os apontamentos do envolvimento da Bordana com processos relativos ao Design e de que forma o grupo trabalha sua introdução no mercado de consumo.

4.5 Acolhimento

Conforme mencionado na abertura do presente capítulo, a convivência em comunidade exerce papel importante na cooperativa. A prática do bordado se mostra como canal de integração em meio a uma série de atividades executadas pelo grupo. O próprio bordado em situação de cooperativa já demanda a convivência entre as cooperadas, que se reúnem durante o processo de planejamento, distribuição e execução do trabalho, no entanto, elas ainda criam novas oportunidades para que, em coletividade, se coloquem à disposição para acolher quem tem a contribuir, trazendo novas experiências.

Exemplo disso é o momento em que elas abrem as portas de sua sede para receber palestras dos mais variados temas. Durante minha visita, no dia 18 de novembro de 2023, pude acompanhar uma dessas apresentações e perceber a significância dessa iniciativa das cooperadas. A apresentação foi ministrada por Nárcia Kelly Alves da Silva, advogada, cooperativista, palestrante e atual prefeita da cidade de Bela Vista, em Goiás. Aos 19 anos Nárcia candidatou-se à presidência da

COOPERABS - Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores de Polvilho e Derivados da Mandioca da Região do Cará -, onde trabalhou durante um ano e meio, seguindo sempre em contato com o cooperativismo.

A palestra intitulada “Cooperativismo na Essência e a Força da Mulher” trouxe reflexões acerca da prática do cooperativismo e o papel igualitário exercido por cada um de seus integrantes. Em suas palavras:

Transcrição: trecho da palestra “Cooperativismo na Essência e a Força da Mulher”, ocorrida em 18 de novembro de 2023

Nárcia Kelly, palestrante: Nós temos direito a participar dos benefícios de ser cooperados e cooperadas dentro da cooperativa. É isso que eu acho bonito na essência do cooperativismo. O nosso valor enquanto cooperado, enquanto cooperada não está no financeiro, como é lá fora, nas empresas privadas e na maioria dos lugares. Dentro da cooperativa o nosso valor independe do nosso capital financeiro. Aqui, todas vocês participam das Assembleias e têm direito a um voto, não é? [...] Pode bordar uma linha só, ou pode bordar um milhão de desenhos, que tem direito a um voto, não é? Ou seja, todas nós somos iguais. Isso me encanta dentro do cooperativismo.

A partir de experiências pessoais, a palestrante seguiu trazendo exemplos de sua trajetória enquanto mulher cooperada e compartilhou o que pensa sobre educação:

Transcrição: trecho da palestra “Cooperativismo na Essência e a Força da Mulher”, ocorrida em 18 de novembro de 2023

Nárcia Kelly, palestrante: Fui convidada a ser presidente da Cooperativa de Polvilho do Cará e eu era a única pessoa da família a estar na faculdade. De lá pra cá, eu não me canso de estudar. Esse ano eu fiz Comunicação Não Violenta. Eu fiz Oratória Criativa. [...] Eu já li mais de 20 livros esse ano. Assisti inúmeras palestras, eu não só faço palestras, eu assisto. Porque a minha sede por conhecimento é muito grande. Conhecimento é poder. Por mais que você não queira se formar, você fala, não quero isso. Estude então sobre bordado. Estude sobre educação financeira para aplicar aqui na cooperativa.

Nárcia ainda trouxe sugestões relacionadas ao autocuidado, ao convívio com outras mulheres e reafirmou a importância da busca por conhecimento:

Transcrição: trecho da palestra “Cooperativismo na Essência e a Força da Mulher”, ocorrida em 18 de novembro de 2023

Nárcia Kelly, palestrante: Se alimenta daquela comida bem gostosa que você gosta. Tira um tempinho para visitar aquela amiga, ou sua mãe, ou seu irmão, ou sua irmã, aquela pessoa que você gosta. Busca se amar e buscar coisas que te fazem feliz. Sororidade, elogio

mulheres com sinceridade, apoiem outras mulheres. Formação continuada, faça pelo menos um cursinho simples. Vá a uma palestra que seja como essa. Alguma coisa boa vai sair dali. Tudo vale a pena quando a alma não é pequena. Então aproveite.

Durante a apresentação foi possível notar a atenção das mulheres presentes e perceber que as informações compartilhadas foram acolhidas com satisfação. Além disso, me dei conta de que mesmo antes de ouvir as palavras da palestrante, as cooperadas presentes já praticavam muito do que havia sido proposto. Iniciativas como, por exemplo, o apoio a outras mulheres, sororidade e a busca pelo conhecimento me vieram à mente assim que Nárcia as verbalizava. E, no que se refere à educação, talvez a própria palestrante não soubesse, mas cerca de 50% das cooperadas possuem ensino superior completo e ainda assim se colocam à disposição para ampliar seus aprendizados experiências.

A propósito, no que diz respeito ao exercício do acolhimento, não só o conhecimento é bem recebido. É surpreendente observar como os indivíduos que de alguma forma se vêem presentes na cooperativa são acolhidos e criam laços significativos com o grupo. Exemplo disso é o caso de Carlos Henrique Rodrigues Carvalho do Nascimento.

Carlos, de 27 anos, foi estagiário da Bordana e hoje faz questão de permanecer vinculado como cooperado, apesar de sua vida profissional ter seguido outros rumos. Sua decisão me levou ao interesse por uma conversa, especialmente por ser ele um dos dois únicos indivíduos do sexo masculino no total de cooperados. Visto que Carlos já não frequenta a cooperativa regularmente, entrei em contato, no dia 28 de novembro de 2023, via aplicativo de mensagens instantâneas - Whatsapp - a fim de solicitar sua participação na presente investigação e entender as razões que o levaram a manter o laço com a Bordana.

No dia 5 de dezembro de 2023 recebi seu retorno concordando em participar e prosseguimos conversando. Comentei que gostaria de saber como foi seu primeiro contato com a cooperativa, como foi recebido, qual era sua atividade, o que aprendeu e se havia refletido sobre o fato de ser um dos poucos homens presentes no grupo.

Sobre sua chegada na cooperativa, seus atributos enquanto estagiário e a significância dessa experiência nesse momento de início de vida profissional, seu relato foi o seguinte:

Carlos, cooperado: Como que eu conheci a Bordana? A Bordana foi o meu primeiro trabalho que eu tive aqui em Goiânia. Quando eu vim para cá em 2016 para fazer faculdade, curso de Gestão da Informação, um dos meus professores, que já tinha contato com a cooperativa, comentou que a cooperativa estava com uma oportunidade de trabalho, estava precisando. Tinha demandas de marketing e divulgação, marketing digital, na época era um assunto que estava começando e justamente para a Dona Celma, ela estava apostando nessa estrutura para ajudar nas vendas da Bordana dado que é um produto com valor agregado e tem que ter uma estrutura de marketing para estar ajudando. E aí nesse sentido eu me candidatei para a vaga e fui aprovado sendo a minha primeira oportunidade de trabalho. Isso foi muito significativo para mim porque ali eu comecei tudo. É uma coisa que às vezes a gente com o passar do tempo parece que deixa de dar valor, mas quando passa a refletir é a primeira oportunidade de trabalho, principalmente para quem quer construir carreira, ela é muito importante porque é ali que a gente tem um start para tudo e começa a sair do marco zero para o 1 e depois para o 2. E isso foi muito importante para mim. Então, assim que eu conheci a Bordana, através da minha oportunidade de trabalho de estágio. Eu finalizei o estágio, me afastei um tempo da cooperativa e agora voltei como cooperado.

Ainda sobre a experiência de ser recebido pela cooperativa, Carlos complementou sua narrativa:

Transcrição: trecho de depoimento recebido, via aplicativo Whatsapp, em 5 de dezembro de 2023

Carlos, cooperado: Acolhimento é uma palavra que acho que... Acho não, está no DNA da Bordana. Sempre muito bem recebido, sempre. [...] As meninas me receberam muito bem. Depois que finalizei o estágio, eu fui para trabalhar em outras oportunidades de trabalho, mas sempre mantendo a Bordana no meu coração. E eu tinha prometido para as meninas que iria voltar como cooperado um dia, e assim foi feito. [...] É um carinho muito grande que elas têm por mim e por todos os cooperados. E até hoje, mesmo corrido com outras atividades, não conseguindo dar muita prioridade para o trabalho da cooperativa, mas qualquer hora que eu chegar lá, eu sei que eu sou bem recebido e bem acolhido em vários aspectos.

No que diz respeito à sua transformação pessoal e profissional, ele ainda compartilhou o que aprendeu durante sua jornada na Bordana:

Transcrição: trecho de depoimento recebido, via aplicativo Whatsapp, em 5 de dezembro de 2023

Carlos, cooperado: A Bordana, por ser uma cooperativa, tendo uma estrutura social muito forte, ela me ajudou a limar muito aquelas ambições provenientes do capitalismo em si, e entender que a vida não é só dinheiro, se a gente não conseguir ajudar o próximo. Então, uma das grandes lições que eu tive na Bordana, principalmente, é nutrir essa vontade e esse valor de pensar no próximo não só com demagogia, mas com ações. E me entristece muito às vezes não

conseguir ajudar a cooperativa como eu gostaria de ajudar, mas eu sei que no propósito que eu estou seguindo hoje, no futuro longo prazo, médio prazo, eu sei que eu vou ajudar muito a cooperativa. E nesse sentido, foi uma das lições de vida que eu aprendi. Questões de capacidade técnica foi essencial o trabalho na Bordana porque como eu era o único responsável por esse trabalho de marketing na época, elas apostavam muito em mim. Então, apesar de ser um contrato de estágio, eu senti as responsabilidades e a pressão de um gestor. E isso foi muito importante para o meu crescimento tanto profissional quanto pessoal, que hoje é o trabalho que eu sempre venho fazendo, liderando processos inovadores. Abrindo espaço onde não tem ninguém, nem para você buscar orientação, mas com a capacidade de gestão e orientação acabo que consigo me sobressair. E lá que foi esse despertar dessa habilidade.

Por fim, sobre a questão do número limitado de homens presentes no quadro de cooperados, Carlos afirmou:

Transcrição: trecho de depoimento recebido, via aplicativo Whatsapp, em 5 de dezembro de 2023

Carlos, cooperado: Em relação a ser o único homem na cooperativa, um dos poucos homens, senão o único, né? Eu não paro muito para refletir sobre isso, e até é interessante, porque o acolhimento que eu tenho lá, eu me sinto como se fosse o filho ou neto delas, do jeito que elas me tratam, e isso é muito bom. Então, eu não vejo, enxergo, na minha visão, sendo o único homem, eu enxergo elas como mães, avós que Deus me deu. Então nesse sentido, é bom se dizer assim, nesse ponto eu reflito dessa maneira, mas não faz muita diferença no que tange o trabalho. Eu sei que o trabalho é bordar, mas tem muitas outras demandas administrativas, estratégicas, operacionais que precisam de ajuda e quando eu estou na cooperativa o meu objetivo é sempre absorver o máximo dessas demandas para que as meninas tenham o tempo delas para bordar porque o bordado é a fonte de renda delas e a oportunidade de estar entregando seu valor para o mundo. Já recebi vários convites para aprender a bordar, não desempenhando, não pelo preconceito, mas por questão de que não é uma coisa muito fácil e precisa de um bom tempo para se dedicar, mas hora ou outra vamos estar desenvolvendo essa habilidade porque como cooperativa de bordado, todos eu acredito que é bom que todos tenham essa experiência, essa habilidade.

Diante dos exemplos de Nárcia e Carlos, fica evidente a aptidão da Bordana em acolher. Seja no sentido de acolher experiências trazidas através de uma palestra, seja no sentido de acolher um indivíduo e participar de seu processo de desenvolvimento pessoal e profissional. A partir do momento que isso é percebido, a ideia de que esta cooperativa de bordadeiras gira apenas em torno do bordado definitivamente se transforma.

Do ponto de vista desta pesquisadora, afirmo que, ao refletir sobre as situações que vivenciei na cooperativa, inclusive o curso de bordado e suas lições, o que mais

me toca ao lembrar desses momentos é justamente a forma como fui acolhida. Mesmo nos primeiros contatos, em 2022, quando me apresentei e compartilhei minhas intenções de pesquisa, a disposição em contribuir foi enternecedora. Indiscutivelmente, tal postura transformou os resultados desta investigação. Não fossem as portas sempre abertas e a atenção gentilmente oferecida, a profundidade das reflexões provenientes das situações observadas poderiam ser comprometidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito do que se imaginava, as bordadeiras da Bordana não aprenderam as técnicas do bordado com suas mães ou avós, conforme percebido na primeira roda de conversa. O contato com a técnica do bordado livre se deu por meio de um curso proporcionado pela prefeitura de Goiânia, ou seja, todo o cenário em que se imaginava mães e avós transmitindo seus saberes às suas filhas e netas caiu por terra. No caso das cooperadas, são mulheres que, a partir da necessidade do apoio umas das outras, procuraram uma maneira de aliar o convívio em comunidade à geração de renda, sempre colocando o bem-estar das participantes em primeiro lugar.

Embora essa descoberta tenha frustrado de imediato minhas expectativas acerca da investigação quanto à transmissão de saberes por gerações como responsável pela difusão do bordado, o relato das cooperadas sobre a maneira com a qual elas receberam as técnicas do bordado livre, abriu caminho para outras reflexões. Exemplo disso é a constatação de que, apesar da maneira rígida do ensino tradicional recebido pelas fundadoras da Bordana, onde o(a) professor(a) era a única figura de poder da sala, a postura que as cooperadas têm hoje em dia com seus alunos - valorizando o acolhimento, o bem-estar e suas habilidades individuais - define o andamento das aulas.

A maneira de ensinar mudou, o autoritarismo do detentor do saber deu lugar ao diálogo e à adequação às particularidades de cada aluno. Contudo, mesmo levando em conta tal metodologia que tem no aluno e não no conhecimento o centro de atenção, isso não foi capaz de atrair os alunos mais jovens para que se tornem um(a) bordadeiro(a). Nem mesmo o fato de o bordado ser considerado uma ferramenta de transformação socioeconômica. Segundo as próprias bordadeiras, o bordado ainda guarda uma forte relação com o perfil de senhoras aposentadas propensas a processos lentos, levando ao desinteresse do público jovem que busca resultados céleres.

Indo além dos modos de ensinar, desde que passei a frequentar a cooperativa, especialmente quando fui aluna do curso de bordado, me atentei também aos modos de bordar. Percebi que os desenhos utilizados para os exercícios chegavam prontos às minhas mãos, tratando-se de cópias do original, feitas por meio de carimbos. Tal fato me remeteu a aspectos relatados em recortes da história do bordado, inclusive os mencionados no presente trabalho, os quais afirmam que essa técnica foi difundida

e utilizada para a manutenção do ideal da mulher casta, obediente e submissa. Sendo assim, diante do cenário visto até então, parecia haver indícios de que especialmente a questão da autonomia criativa das bordadeiras poderia ser discutida, visto que, ficava a impressão de que as bordadeiras não teriam participação no processo de criação dos desenhos que seriam posteriormente bordados.

Até então, esta pesquisadora havia testemunhado apenas situações que faziam parecer que um designer contratado em caráter de assessoria - Renato Imbroisi - eventualmente visitava a cooperativa, propunha um tema para a coleção de bordados e entregava os desenhos prontos. Desenhos esses que posteriormente eram replicados pelo estagiário da cooperativa - Luiz Felipe Pereira, que hoje é cooperado e diretor comercial - para serem aplicados em carimbos e multiplicados nos tecidos, excluindo as cooperadas do processo criativo. Nesse ponto, inclusive, era possível questionar se a aparente falta de oportunidade e até mesmo de interesse das bordadeiras em criar seus próprios desenhos se dava em prol da manutenção de uma identidade que pudesse ser padronizada como um marco de qualidade da Bordana.

Conforme a investigação prosseguiu, e graças às observações levantadas pela banca de qualificação, passei a dedicar um olhar ainda mais atento aos processos descritos até o momento e, por meio de mais visitas e uma segunda roda de conversa, as primeiras impressões se transformaram em informações mais sólidas e esclarecedoras. De pronto, me surpreendi ao ter acesso ao catálogo da coleção “Arranjo Produtivo”, no qual pude verificar que as bordadeiras tiveram participação efetiva no processo criativo. A partir dessa descoberta, levantei questionamentos que foram discutidos durante a segunda roda de conversa, momento em que as participantes detalharam o papel do designer Renato Imbroisi e de que forma elas tiveram a oportunidade de participar da criação das formas que seriam posteriormente bordadas.

Além disso, a partir dessas informações, foi possível vislumbrar até mesmo uma relação entre os processos praticados pela Bordana na criação de seus produtos e os métodos relativos ao Design. De acordo com o que foi observado, ficaram as evidências de que, partindo do princípio que o Design alia forma e função permitindo a produção em série, a Bordana utiliza dessa solução para viabilizar seu objetivo de produzir em escala, comercializar e gerar renda para suas cooperadas.

Importante notar que, dessa forma foi possível desenvolver uma identidade que permite reconhecer as características da Bordana nas peças produzidas ao mesmo

tempo em que viabiliza sua colocação no mercado. Nesse sentido, é de se admirar a forma como a cooperativa usufrui e transforma o Design em um mecanismo que age em prol de seus objetivos. E as iniciativas não param por aí. Além das soluções adotadas em relação à criação, produção e reprodução das peças, a cooperativa ainda providencia meios para a comercialização da mercadoria. Exemplo disso é a loja Colaborarte, um espaço conquistado pela cooperativa que possibilita a venda dos bordados em uma localização privilegiada, rodeada por um público potencialmente consumidor.

Ao observar a sólida relação da Bordana com o cooperativismo é possível refletir inclusive sobre o comportamento das cooperadas. Após as visitas que fiz à sede da cooperativa e, especialmente, de ter acompanhado uma das assembleias gerais, percebi o comprometimento do grupo com suas metas e diretrizes. Foi possível conhecer planejamentos, cronogramas e planos de ação que demonstram o compromisso da Bordana em realizar seus objetivos. E tudo isso sempre discutido em comunidade e trazendo reflexões acerca de cada tópico levantado.

Uma outra característica marcante, sentida inclusive por esta pesquisadora, foi a capacidade de acolhimento do grupo. Indiscutivelmente, essa qualidade particular da Bordana contribuiu imensamente para o andamento deste trabalho. Não houve sequer uma solicitação que não tenha sido atendida, sempre com gentileza e atenção. Além disso, conforme as conversas fluíram, uma série de materiais foram compartilhados com dados que enriqueceram e até mesmo esclareceram etapas da investigação.

Ainda nesse sentido, foi possível observar momentos em que oportunidades de aprendizagem e reflexão também foram acolhidas pela cooperativa. Exemplo disso são as palestras levadas à sua sede, nas quais temas relevantes são discutidos, abrindo caminho para novos olhares e experiências. Ademais, para concluir a abordagem sobre a característica acolhedora da Bordana, o depoimento de Carlos Henrique Rodrigues Carvalho do Nascimento corroborou o que já se suspeitava: a postura receptiva e afável se mantém, sem distinção de gênero, faixa etária ou até mesmo de proximidade com as atividades da cooperativa. Carlos, que já foi estagiário da Bordana, faz questão de, hoje, se manter cooperado, mesmo sem condições de se fazer presente frequentemente. Segundo ele, sua gratidão pelo grupo o faz planejar formas de retribuir no futuro.

Por fim, revisitando as fases desta investigação, é possível vislumbrar que o ensino não precisa estar rigorosamente atrelado à transmissão de técnicas. No caso da Bordana, as experiências vividas em comunidade vão além da observação e replicação de pontos de bordado. O que se vê é uma tecitura, um cruzamento de fios que acolhe quem se dispõe a se envolver. É como se cada fio fosse um indivíduo ou uma experiência presente na cooperativa. E se estruturam tal como uma trama organizada, planejando, distribuindo funções e colocando em prática o que foi proposto em prol do bem-estar comum.

Aproveito a oportunidade para deixar registrado que, graças aos reveses acometidos por esta pesquisa, especialmente os relacionados a seus objetivos primários, tive a oportunidade de expandir reflexões, abrir olhares e reconhecer a imensa relevância da investigação científica. É por meio da busca por informações, experiências e trocas, que horizontes se expandem e se tornam mais claros, proporcionando contribuições para futuras reflexões.

Para este trabalho, fica a intenção de ter contribuído com a oferta de um olhar sobre a prática artesanal do bordado em situação de cooperativa - em particular da cooperativa Bordana - trazendo suas relações com o convívio em comunidade, sua postura ao ensinar a prática artística, seus modos de operar o cooperativismo, sua relação com processos criativos e de mercado, além da constatação de que o afeto e acolhimento são elementos capazes de transformar pessoas e criar laços potentes.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adrianna Paula de Medeiros. **Bordados do Seridó: uma experiência etnográfica com as bordadeiras do município de Caicó-RN**. 2013. 137f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Departamento de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/12286>> Acesso em: 13 jun. 2023.

ARTESOL. As mãos que criam, quem é? **Site da ARTESOL**, 2022. Disponível em: <<https://www.artesol.org.br>> Acesso em: 08 jan. 2024.

AS PRINCIPAIS diferenças entre associação e cooperativa. **Sebrae**, 06 dez. 2013 Disponível em <<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-as-diferencas-entre-associacao-e-cooperativa,5973438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD#:~:text=Associa%C3%A7%C3%A3o%3A%20patrim%C3%B4nio%20formado%20por%20taxas,portanto%2C%20financiamentos%20em%20institui%C3%A7%C3%B5es%20financeiras>> Acesso em: 24 jun. 2023.

AZEVEDO, Vinícius Souza de. **Roda de bordar: Atenção distendida em espirais na formação de professores de arte**. 2021. 419f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/T.27.2020.tde-10032021-223225>> Acesso em: 25 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971**. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1971. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5764.htm> Acesso em: 10 jan. 2024.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 1982.

CAPRA, Carmen Lúcia. Artes visuais e educação em associações vinculantes na formação docente. *In*: LOPONTE, Luciana Gruppelli; MOSSI, Cristian Poletti (Orgs.). **ARTEVERSA: arte, docência e outras invenções**. São Paulo, SP: Pimenta Cultural, 2023. p. 73-89.

CARVALHO, Mariana Diniz de. **Educando donzelas: trabalhos manuais e ensino religioso (1859-1934)**. 2017. 241f. Dissertação (Mestrado em Ciências – História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/D.8.2017.tde-21072017-153451>> Acesso em: 21 jan. 2023.

CLESER, Vera. **O Iar Doméstico**. Conselhos Práticos sobre a boa direção de uma casa. São Paulo, SP: Typographia de Oscar Monteiro, 1898. p. 105-106.

CORRÊA, Cintia Chung Marques. **Educação e cultura: atitudes e valores no ensino da arte nas escolas da Rede Municipal de Petrópolis**. 2007. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=165525>. Acesso em: 24 jun. 2023.

DURAND, Jean-Yves. Bordar: masculino, feminino. *In: Aliança Artesanal, Reactivar saberes, reforçar equilíbrios locais*. Vila Verde: Aliança Artesanal, 2006. p. 13-22. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5480>> Acesso em: 17 maio 2023.

EGGERT, Edla. Quando o privado é transformado em política pública. *In: EGGERT, Edla (org.). Processos Educativos no Fazer Artesanal de Mulheres do Rio Grande do Sul*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. p. 09-12.

FEDERICI, Silvia. **O calibã e a bruxa: Mulheres, corpos e acumulação primitiva**. São Paulo, SP: Editora Elefante. 2017.

FILGUEIRAS, Araguacy Paixão Almeida. **Aspectos socioeconômicos do artesanato em comunidades rurais no Ceará – O Bordado de Itapajé-CE**. 2005. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) – Departamento de Economia Rural, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

GOGGIN, Maureen Daly; TOBIN, Beth Fowkes (orgs). **Women and the material culture of needlework and textiles (1750-1950)**. Farnham, England Burlington: Ashgate, 2009.

GOMES, Antônio José. Origem e evolução do cooperativismo no mundo e no Brasil e sua contribuição para constituir o segmento educacional brasileiro. **Linguagens, Educação e Sociedade**, [S. l.], n. 12, p. 13-25, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1568>> Acesso em: 31 dez. 2023.

MADOENHO, Arlindo Aparecido. O cooperativismo em suas raízes: “A formação da Colônia Agrícola Tereza Cristina no Paraná do século XIX”. **Webartigos**, 2011. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/storage/app/uploads/public/588/508/3cb/5885083cb19b4202669482.pdf>> Acesso em: 23 dez. 2023.

MANNHEIM, Karl. **Structures of Thinking**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982.

MANGOLD, Werner. **Gegenstand und Methode des Gruppendiskussionsverfahrens**. Frankfurt am Main: [s.n.], 1960.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2017.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Processos e Práticas na Pesquisa em Cultura Visual & Educação**. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2013.

OLIVEIRA, Clician do Couto; OLIVEIRA, Dione Conceição de. As Cooperativas no Brasil em 2017. *In*: BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**. Brasília, DF: IPEA, Ministério do Trabalho, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.38116/bmt72/economiasolidaria3>> Acesso em: 22 dez. 2023.

PARKER, Rozsika. **The subversive stitch: Embroidery and the making of the feminine**. London, UK: The Women's Press Limited. 2019.

PEREIRA, Carolina Nascimento; TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. O bordado como ferramenta educacional no Brasil entre os séculos XIX e XX. **História da Educação**, v. 25, e101244, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2236-3459/101244>> Acesso em: 25 maio 2023.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1992.

RUGIU, Antonio Santoni. **Nostalgia do mestre artesão**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

SALES, João Eder. Cooperativismo: Origens e Evolução. **Revista Brasileira de Gestão e Engenharia**, v. 1, n. 1, p. 23-34, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia/article/view/30>> Acesso em: 22 dez. 2023.

SANTOS, Elisa Mariana. **Entrelaçados socioculturais: uma história crítica do bordado**. 2018. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/22301>> Acesso em: 30 jul. 2023.

SHERMAN, Robert; WEBB, Rodman. **Qualitative Research in Education: Focus and Methods**. London and New York: Routledge, 1988.

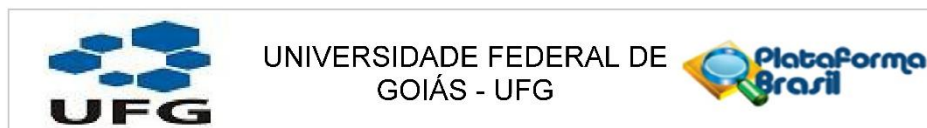
SILVA, Paulo Fernando Teles de Lemos e. **Bordados Tradicionais Portugueses**. 2006. 133f. Dissertação (Mestrado em Design e Marketing) - Universidade do Minho, Braga, 2006. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1822/6723>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SIMIONI, Ana Paula. Bordado e Transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. **Revista Proa**, v. 1, n. 2, p. 1-20, 2010. Disponível em: <<https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/proa/article/view/2375/1777>> Acesso em: 31 jul. 2023.

STRAUSS, Anselm L. **Grundlagen qualitativer sozialforschung: Datenanalyse und Theoriebildung in der empirischen soziologischen Forschung**. Munique: Fink, 1994.

Anexos

Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Tecituras e bordaduras: contextos, narrativas e práticas de bordado em cooperativas

Pesquisador: ISABELE MARIA GERALDO BARBOSA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 68180723.9.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de Artes Visuais

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

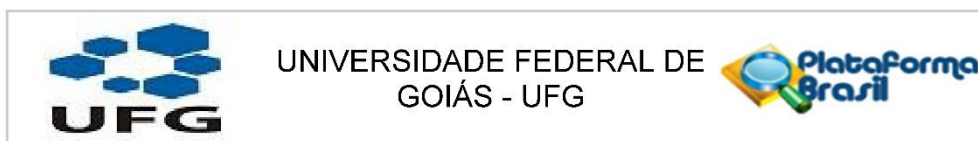
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.033.583

Apresentação do Projeto:

A pesquisa intitulada "Tecituras e bordaduras: contextos, narrativas e práticas de bordado em cooperativas", está sendo desenvolvida por Isabele Maria Geraldo Barbosa, junto ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, oferecido pela Faculdade de Artes Visuais da UFG. A investigação pretende averiguar as práticas e experiências de bordado em contexto de cooperativas, observando os processos de ensino aprendizagem e suas relações com o modo de ver essa prática artesanal. Além disso, pretende-se observar as manifestações de visualidades populares nas peças produzidas pelos artesãos, correlacionando suas histórias, intenções e modos de fazer. Trata-se de uma investigação qualitativa e narrativa, cuja abordagem pretende compreender as experiências, perspectivas e significados dos participantes e seus grupos. A pesquisa ocorrerá nas dependências da Cooperativa Bordana, cuja sede se encontra na cidade de Goiânia, Goiás. Serão incluídos 10 participantes que serão submetidos a uma entrevista narrativa. Estes instrutores do bordado, que já foram um dia aprendizes, serão indagados para que a pesquisa possa revelar suas experiências, contribuindo para o entendimento da relação formativa na cooperativa. Serão reunidas informações que poderão contribuir com a compreensão da prática do ensino informal de arte - mais especificamente do bordado artesanal - desde o despertar do interesse dos que procuram a cooperativa até as formas de compartilhamento de saber, passando pela fase criativa, da concepção das peças de bordado ao produto final. Espera-se que, das partilhas nos encontros, surjam significados que são atribuídos às peças bordadas, trazendo à

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 6.033.583

tona subjetividades, sentimentos, emoções e procedimentos referentes a essa tradição. Ademais, serão produzidos registros fotográficos de eventuais peças mencionadas ou produzidas durante as conversas, a fim de ilustrar suas menções no decorrer da dissertação. Por fim, haverá a transcrição das entrevistas - além dos depoimentos e relatos espontâneos, caso ocorram - para análise, comparação e interpretação dos dados.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo primário deste estudo é investigar práticas e experiências de bordado em contexto de cooperativas, observando os processos de ensino aprendizagem e suas relações com o modo de ver essa prática artesanal. Além disso, pretende-se observar as manifestações de visualidades populares nas peças produzidas pelos artesãos, correlacionando suas histórias, intenções e modos de fazer. Almeja-se, assim, contribuir com os marcos teóricos já estabelecidos nos estudos sobre tema e abrir mais este terreno a ser explorado.

Objetivo Secundário:

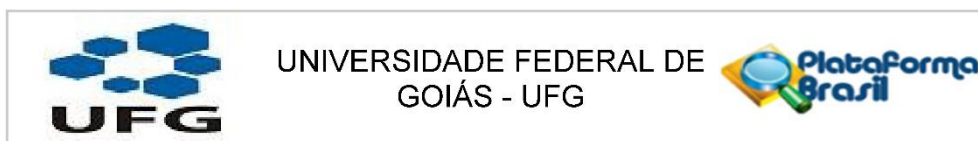
- Identificar os processos tradicionais de exercício e ensino/aprendizagem do bordado, observando seus legados na contemporaneidade;
- Realizar um levantamento etnográfico por meio de mapeamento de instituições que praticam o bordado - cooperativas e associações - em regiões brasileiras onde a prática pode ser encontrada;
- Levantar dados relativos às atividades exercidas por essas entidades, tais como: oferta de cursos de bordado, exposições artísticas, comercialização das peças produzidas, ações de cunho social e como se apresentam na relação com a mídia;
- Realizar visitas presenciais à Cooperativa Bordana - situada na cidade de Goiânia, Goiás - a fim de relacionar narrativas, experiências e significados por meio de testemunhos colhidos in loco; provocar nos participantes da pesquisa - especialmente em quem já foi aprendiz e hoje ensina a prática do bordado - o resgate de experiências que possam contribuir para o entendimento de sua relação formativa; problematizar os significados atribuídos às imagens retratadas nas peças bordadas como estratégia de compreensão dos contextos envolvidos; investigar como o ensino do bordado revela práticas pedagógicas; o Como se dá a questão de gênero e de autonomia criativa dentro da divisão de afazeres na cooperativa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Toda pesquisa com seres humanos envolve a possibilidade de risco, e, sendo assim, cabe ao/à pesquisador/a analisar e descrever, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 6.033.583

riscos a que os indivíduos participantes estarão expostos. Há de se respeitar os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, conforme a RESOLUÇÃO Nº 196, DE 10 DE OUTUBRO DE 1996, a fim de amenizar os riscos garantindo aos/às participantes a condução da pesquisa de forma apropriada e sem constrangimentos. Reconhece-se que nas abordagens citadas há “o risco de praticar involuntariamente atos de violência simbólica contra as pessoas que se dispuserem a contar a história de suas vidas ou narrar suas experiências” (PASSEGGI; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016, p. 113). Sendo assim, ao exercitar o processo de autorreflexão e ativação de memórias afetivas, pode-se gerar estresses e desconfortos. Caso sejam manifestados o desejo e a necessidade, me colocarei pronta a ajustar os procedimentos metodológicos, de modo que esses riscos possam ser sanados.

Benefícios:

Este estudo poderá contribuir para a difusão do conhecimento pautado nos processos de criação artística e nos estudos visuais ancorados em percursos de investigação que se voltem para fora dos circuitos dominantes e institucionais. Além disso, poderá colaborar para a formação de um olhar e de uma escuta mais sensíveis à diversidade das produções visuais, evidenciando o valor de práticas pedagógicas presentes em espaços de aprendizagem não formais e com a participação da comunidade em prol do reconhecimento de suas práticas artísticas visuais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

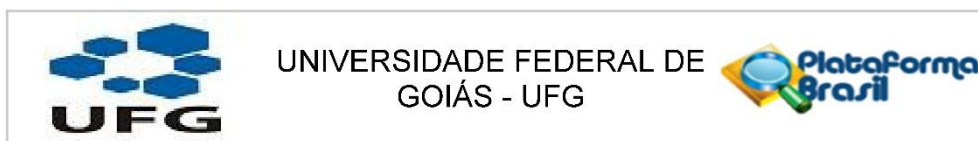
Com orçamento próprio estimado em R\$60,00, a pesquisa pretende incluir 10 participantes, numa coleta de dados prevista para ocorrer de 01/06/2023 a 08/07/2023. Os participantes serão submetidos a uma entrevista. Na coleta de dados a pesquisadora um dispositivo para a captação de áudio e utilizará um dispositivo para a captação das imagens dos produtos confeccionados pelos participantes. A pesquisadora fará a transcrição das entrevistas para melhor realizar a análise e interpretação dos dados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram anexados ao protocolo de pesquisa os seguintes documentos:

1. Informações Básicas do Projeto: o documento apresenta em seu cronograma a informação de que a coleta de dados será realizada entre 01/06/2023 e 08/07/2023; o período extrapola aquele acordado no Termo de Anuência, sendo assim, a pesquisadora deverá alinhar em todos os documentos a data correta;
2. Termo de Anuência assinado pelo responsável da Bordana Cooperativa, que se coloca à disposição para uma coleta de dados a ser realizada no mês de junho de 2023;

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 6.033.583

3. Termo de Compromisso adequadamente assinado pela equipe de pesquisa;
4. Projeto de Pesquisa: o documento informa que a coleta de dados se dará no mês de junho de 2023 por meio de uma entrevista narrativa; as questões norteadoras são apresentadas no documento;
5. Modelo do TCLE;
6. Folha de Rosto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise dos documentos protocolados este Comitê decidiu pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa mediante o atendimento das seguintes pendências:

1. Cronograma da pesquisa: alinhar em todos os documentos protocolados o período de coleta de dados, que deverá estar de acordo com aquele aprovado pela Bordana Cooperativa no Termo de Anuência, ou seja, o mês de junho de 2023. Nas Informações Básicas do Projeto, substituir o período de 01/06/2023 a 08/07/2023, por 01/06/2023 a 30/06/2023. Caso a pesquisadora necessite de tempo maior para a realização da coleta de dados, enviar novo Termo de Anuência com a autorização da ampliação do período para a coleta de dados. Enviar o documento por meio de NOTIFICAÇÃO.
2. Modelo do TCLE: no primeiro parágrafo, onde se esclarece sobre os meios de contato entre o participante e o pesquisador, incluir que o contato telefônico poderá ser realizado "inclusive com possibilidade de ligação a cobrar".

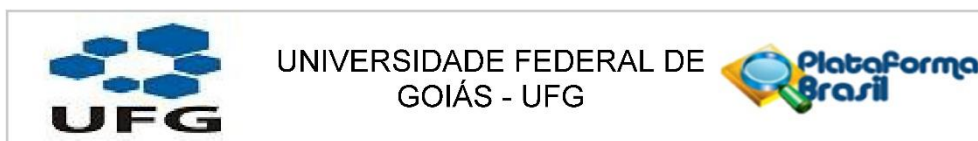
Diante do atendimento dos pontos acima mencionados, este Comitê resolve pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO. O mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG os relatórios parciais e o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para março de 2024.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 6.033.583

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2101589.pdf	22/03/2023 21:59:56		Aceito
Outros	Termo_de_Anuencia_Bordana.pdf	22/03/2023 21:57:00	ISABELE MARIA GERALDO	Aceito
Outros	Termo_Compromisso_Isabele_e_Leda.pdf	15/03/2023 09:12:14	ISABELE MARIA GERALDO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Isabele_CEP_Final_Corrigido.pdf	14/03/2023 23:01:52	ISABELE MARIA GERALDO BARBOSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Humanidades_Isabele.pdf	12/03/2023 22:10:22	ISABELE MARIA GERALDO BARBOSA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinada_Isabele.pdf	12/03/2023 22:06:27	ISABELE MARIA GERALDO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 02 de Maio de 2023

Assinado por:
Rosana de Moraes Borges Marques
 (Coordenador(a))

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

Modelo - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa intitulada “**Tecituras e bordaduras: contextos, narrativas e práticas de bordado em cooperativas**”. Meu nome é **ISABELE MARIA GERALDO BARBOSA**, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é **ARTES VISUAIS**. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail **isamgb@gmail.com.br** e, através do seguinte contato telefônico: **(62) 9 8137-6695**, inclusive com possibilidade de comunicação via aplicativo WhatsApp e ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone **(62) 3521-1215**, que é a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo reunir informações que poderão contribuir com a compreensão da prática do ensino informal de arte - mais especificamente do bordado artesanal - desde o despertar do interesse dos que procuram a cooperativa Bordana até as formas de compartilhamento de saber, passando pela fase criativa da concepção das peças de bordado, chegando ao produto final. Espera-se que, das partilhas nos encontros, surjam significados que são atribuídos às peças bordadas, trazendo à tona subjetividades, sentimentos, emoções e procedimentos referentes a essa tradição. Você participará contribuindo através da sua história, em que falará dos objetos e imagens que vem produzindo. Durante a sua fala eu não irei interromper, mas estarei atenta e depois gostaria de conversar e fazer algumas perguntas relacionadas ao seu relato. Para esse momento, necessitaremos de aproximadamente duas horas, mas, caso seja necessário, poderemos interromper ou cancelar e retomar quando for possível, evitando problemas ou prejuízo para a sua pessoa. Caso haja necessidade, poderemos nos reunir outras vezes, gravar o depoimento, fazer desenhos, bordados, fotografias e vídeos do material que for mostrado e das pessoas que estiverem envolvidas e autorizarem o uso da sua imagem para esta pesquisa. Durante esses encontros, conversaremos sobre o que esses trabalhos e nossos diálogos provocam em termos de lembranças, sentimentos, emoções, pensamentos e atitudes, mas sempre respeitando o seu tempo e vontade de se manifestar. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei. Se não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. A participação nesta pesquisa poderá trazer cansaço pelo tempo de conversa, algum tipo de desconforto ou mal estar relacionados às lembranças provocadas e emoções ou sentimentos inesperados, mas comprometo-me a dar apoio e encerrar o encontro assim que solicitado. Além disso, sua participação é muito importante, pois esta pesquisa poderá contribuir para a melhoria do ensino de Artes Visuais e para o avanço do conhecimento, pois o entendimento acerca do bordado artesanal poderá favorecer aprendizagens e ampliar ações educativas no campo do ensino de Artes Visuais, o que aproximará a discussão entre Educação, Arte e Cultura Visual. Também poderá estimular a sensibilidade e a valorização da cultura local, com participação da comunidade, em prol do reconhecimento e sistematização das suas práticas artísticas visuais. Essa pesquisa poderá produzir conhecimentos relacionados ao seu âmbito cultural, social e artístico e contribuir para a



Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual

difusão do conhecimento. Seguindo essa linha, este trabalho envolve pessoas que se apropriaram de um conhecimento fundamental em relação à produção de trabalhos manuais, mas que não estão nos espaços formais e oficiais do saber. Sua fala pode nos ensinar sobre outras épocas, culturas, lugares, conhecimentos, fazeres manuais e pessoas. Ao dedicar atenção às suas práticas artesanais de bordado e suas potencialidades, este estudo espera contribuir para a formação de um olhar e de uma escuta mais sensíveis à diversidade das produções visuais populares.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução das nossas conversas e relatos, é necessário o seu consentimento para utilização de um aparelho celular e uma câmera fotográfica para captação audiovisual, então faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

(_____) Permito a utilização de aparelho celular e câmera fotográfica para captação audiovisual durante a entrevista.

(_____) Não permito a utilização de aparelho celular e câmera fotográfica para captação audiovisual durante a entrevista.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

(_____) Autorizo o uso de minha voz em publicações.

(_____) Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

(_____) Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

(_____) Não permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

(_____) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

(_____) Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:



Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual

(_____) Permito utilizar esses dados para pesquisas futuras.

(_____) Não permito utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **“Tecituras e bordaduras: contextos, narrativas e práticas de bordado em cooperativas”**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora responsável **ISABELE MARIA GERALDO BARBOSA** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

_____, _____ de _____ de 2023.

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável
